ESTE CABEÇALHO PODE VALER-LHE 3 APARTAMENTOS, FÉRIAS NO MUNDO, AUTOMÓVEIS, ETC.

Diário de Lisboa

Edição da noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 13 DE MAIO DE 1971 N.º 17 381 ANO 51.º PREÇO 1$50

ATENÇÃO

A MOSCA

PICA AOS SÁBADOS

NOVO PATRIARCA DE LISBOA

D. ANTÓNIO RIBEIRO (42 ANOS) SUCEDE AO CARDEAL CEREJEIRA

Paulo VI nomeou o sr. D. António Ribeiro, actual bispo titular de Tigilava e auxiliar do Patriarcado, para suceder, como patriarca de Lisboa, ao sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, cuja pedido de resignação aceitou.

A nomeação foi objecto da seguinte comunicação do Ministério dos Negócios Estrangeiros:

«A Nunciatura Apostólica em Lisboa comunicou ao Ministério dos Negócios Estrangeiros que Sua Santidade o Papa Paulo VI nomeou S. Ex.ª Rev.ma D. António Ribeiro, bispo titular de Tigilava e auxiliar de Lisboa, para suceder a sua eminência o cardeal D. Manuel Gonçalves Cerejeira como patriarca de Lisboa».

O novo patriarca tem apenas 42 anos

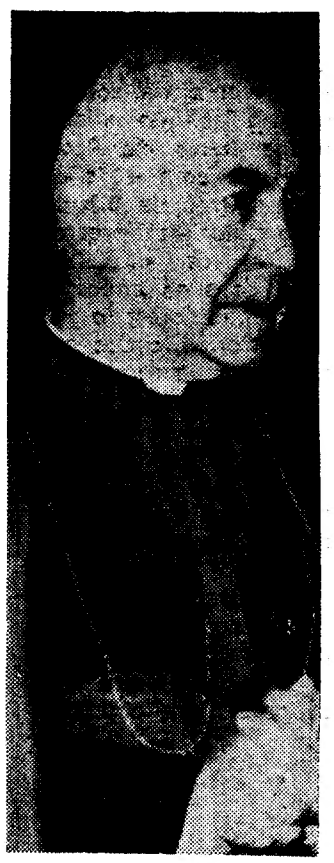
O novo Patriarca de Lisboa é um dos mais prestigiosos prelados portugueses, sendo particularmente admirado pelas novas gerações de eclesiásticos e leigos. Tem apenas 42 anos. Nasceu em 21 de Maio de 1928, em S Clemente, Celorico de Basto, arquidiocese de Braga. É filho dos srs. José Ribeiro e D. Ana Gonçalves.

Frequentou o Seminário de Braga e a Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, Ordenou-se em 5 de Julho de 1953 e celebrou a primeira missa em 12 de Julho do mesmo ano.

Em Outubro de 1958, era nomeado assistente geral da L. U. C.

Em 9 de Março de 1959, doutorou-se em Teologia, apre-

(Continua na 8.ª página)



O novo e o antigo patriarca de Lisboa: D. António Ribeiro e D. Manuel Gonçalves Cerejeira

A jovem actriz da televisão britânica **Donna Reading**, de 23 anos, só gosta de usar os seus talentos dramáticos nos dias de chuva. Quando há sol, põe o talento dramático de conserva e expõe a pele a um bronzeamento intensivo

A Paz começa no coração dos homens a tornar-se depois estilo de vida

— diz o Papa Paulo VI na mensagem que dirigiu aos peregrinos de Fátima
(Texto na página 19).

MARCADOS OS HORÁRIOS DOS EXAMES LICEAIS

A Direcção-Geral do Ensino Liceal marcou já as datas dos 5.º e 7.º anos que começam nos dias 28 e 21 de Junho, respectivamente. Por outro lado, também o mapa dos exames do Ciclo Preparatório foi já elaborado

Juntamente com o horário dos exames, a Direcção do Ensino Liceal enviou aos reitores dos liceus as habituais «Instruções sobre Exames», um longo documento que interessa mais directamente aos reitores. No entanto, as «Instruções» contêm informações que interessam igualmente a estudantes e encarregados de educação

Salientam-se, assim, algumas dessas informações contidas no referido documento:

— O prazo de apresentação dos boletins de inscrição para exames liceais corre de 1 a 8 de Junho;

— As notas por disciplinas (não as médias) dos exames do 5.º ano são escrituradas com valores decimais, assim como as das provas escritas das disciplinas de Ciências Naturais e Físico-Químicas do 7.º ano (não as outras); nas exclusões por classificação inferior a 5 (duas disciplinas por cada secção do 5.º ano e prática ou respectiva escrita do 7.º) não se faz arredondamento (inferior a 5 são 4.9 e menos); igualmente a nota de mau inibitória do acréscimo de 1 valor é de 4 ou menos: no 5.º e 7.º anos. a admissão á oral. fazendo-se com 9, faz-se também com 8,5; a dispensa da prova oral, fazendo-se com 12 ou 14, faz-se também com 11,5 e 13,5;

— Na média das provas orais não há arredondamento;

— O julgamento das provas

(Continua na 19.ª página)

Está já amplamente justificada a reputação de que gozam os escandinavos. Com efeito, a hospitalidade na Escandinávia é um culto observado pelos habitantes dos países que constituem a encantadora zona nórdica da Europa, agora ao alcance dos participantes na segunda fase da iniciativa com que abrimos o ciclo comemorativo do cinquentenário do «Diário de Lisboa». De facto, com a colaboração da S. A. S. — pioneira das rotas na Europa — dois leitores do nosso jornal beneficiarão de viagens-duplas e poderão deslocar-se, nos aviões da S. A. S. a Copenhaga, Estocolmo e Oslo, com uma estadia de oito dias e oportunidade de

LEITOR DO Diário de Lisboa

S.A.S. A Rota da Escandinávia

(Continua na pág. seguinte)

«ASSEGURADO» O INGRESSO DA INGLATERRA NA CEE

BRUXELAS, 13 — (A.N.I.) — Foram vencidas as dificuldades que tinham conduzido as negociações para a entrada da Grã-Bretanha para um beco sem saída e a Inglaterra tem assegurado o seu ingresso na Comunidade — afirma-se em círculos britanicos.

«Agora estamos definitivamente lá dentro» — comentou um informador inglês.

● LER NA PÁGINA 18

HOJE 32 PÁGS.
VISADO PELA CENSURA

LEITOR DO Diário de Lisboa

(Continuação da pág. anterior)

admirar o inolvidável espectáculo do sol da meia-noite. As misteriosas luzes nórdicas, geleiras com mais de 300 metros de altura, os ondulantes florestas suecas, os «fiordes» com as suas encostas perpendiculares; a região tranquila dos canais com as suas comportas e os seus lagos, os vales verdejantes, tudo isto espera, na Escandinávia, dois leitores do nosso jornal e respectivos acompanhantes. De facto, os premiados podem fazer-se acompanhar por um familiar ou amigo a quem será, também, proporcionado o prazer de alguns dias na hospitaleira Escandinávia.

«HUGE VIKING» MAIS RÁPIDO QUE O PENSAMENTO

A Scandinavian Airlines inaugurou, em 1 de Abril ultimo, o seu serviço em Boeing 747-B entre Copenhaga e Nova York.

O primeiro de dois superjactos 747-B, encomendados pela S. A. S., foi recentemente baptizado e entregue na fábrica Boeing, em Seattle, estado de Washington, sendo, em seguida, utilizado para treino do pessoal navegante.

Baptizado «Huge Viking» (figura mitológica nórdica que, segundo a tradição, corria mais depressa que o pensamento) o superjacto de 25 milhões de dólares (cerca de 740 mil contos) é uma versão mais moderna, permitindo maior raio de acção, do 747 normal. Chegou a Copenhaga em 27 de Março para o equipamento final e treino do pessoal de bordo e de terra.

Este avião gigante tem uma tripulação de 18 membros — três na secção de voo e 15 na de passageiros.

Três comissários e duas hospedeiras de bordo atendem os passageiros da 1.ª classe, com 32 lugares, arrumados dois a dois, e o salão superior com 14 lugares. Dirigindo todo o pessoal de cabina, tanto na 1.ª como na classe económica, está o «maitre» de cabina.

As distracções a bordo incluem quatro projectores e «ecrans» separados, assim como um sistema sonoro de 12 canais, quatro dos quais para o cinema e oito para musica, dois dos quais estereofónicos.

Um dos aparelhos da frota a jacto da S. A. S.

Depois da entrada dos passageiros e de ter carregado toda a bagagem, ainda há normalmente espaço para 20 toneladas de carga a bordo do 747-B, cujo peso normal á descolagem é de 337 toneladas, cerca de 28 toneladas mais que a versão já em uso.

Os quatro compartimentos de bagagem e carga têm uma capacidade de 173 m3, mais do que duas vezes o espaço dos anteriores aviões de passageiros, e a carga e descarga podem ser feitas em menos tempo, graças ao equipamento automático para manipular a carga.

Toda a bagagem e carga são deslocadas em contentores especiais, depois colocados em três compartimentos equipados com sistema de transporte, comandado por um quadro colocado no tecto por cima das portas dos compartimentos.

O quarto compartimento, com uma capacidade de 6,5 toneladas é reservado para carga a granel.

Apesar do peso normal à descolagem ser de 337 toneladas, o 747-B tem o «record» de peso em voo, alcançado nos treinos, conseguindo descolar com o peso bruto de 371,7 toneladas.

LISTA DE PRÉMIOS

1.º PRÉMIO

Um apartamento em Paço de Arcos, próximo da praia constituido por uma sala comum, «kitchnette», quarto e casa de banho, em moderno edificio, construido e mobilado por J Pimenta, S. A. R. L., (com um seguro pelo prazo de um ano no valor de 600 contos, instituido pela Companhia de Seguros Garantia Funchalense); e um automóvel «Morris-1300», de quatro portas e cinco lugares.

2.º PRÉMIO

Um apartamento em Paço de Arcos, próximo da praia, constituido por uma sala comum, «kitchnette», quarto e casa de banho, em moderno edificio, construido e mobilado por J Pimenta, S. A. R. L., (com um seguro pelo prazo de um ano no valor de 600 contos, instituido pela Companhia de Seguros Garantia Funchalense).

3.º PRÉMIO

Um apartamento em Paço de Arcos, próximo da praia, constituido por uma sala comum, «kitchnette» e casa de banho, em moderno edificio construido e mobilado por J. Pimenta, S. A. R L. (com um seguro pelo prazo de um ano, no valor de 600 contos, instituido pela Companhia de Seguros Garantia Funchalense).

4.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta ao Rio de Janeiro em aviões da VARIG e estadia durante oito dias.

5.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta ao Canadá, nos aviões da CANADIAN PACIFIC com estadia em Montreal e Toronto e visita ás Cataratas do Niagara.

6.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta ao Canadá, nos aviões da CANADIAN PACIFIC com estadia em Montreal e Toronto e visita ás Cataratas do Niagara.

7.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta ao Canadá, nos aviões da CANADIAN PACIFIC com estadia em Montreal e Toronto e visita ás Cataratas do Niagara.

8.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta ao Canadá, nos aviões da CANADIAN PACIFIC com estadia em Montreal e Toronto e visita ás Cataratas do Niagara.

9.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta ao Canadá, nos aviões da CANADIAN PACIFIC com estadia em Montreal e Toronto e visita ás Cataratas do Niagara.

10.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Londres em avião e estadia de oito dias. Um relógio «Vulcain» de pulso para homem

11.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Frankfurt, em avião e estadia durante oito dias. Um relógio «Vulcain» de pulso para homem

12.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Estocolmo com escala por Copenhague e Oslo em aviões da S. A. S., e estadia durante oito dias Um relógio «Vulcain» de pulso, para homem.

13.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Estocolmo com escala por Copenhague e Oslo em aviões da S. A. S., e estadia durante oito dias Um relógio «Vulcain» de pulso, para homem.

14.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Roma, em avião, e estadia durante oito dias Um relógio «Vulcain» de pulso, para homem

15.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Paris, em avião, e estadia durante oito dias Um relógio «Vulcain» de pulso, para homem.

16.º PRÉMIO

Um televisor «Philips» 20T371, um conjunto de vestuário para homem confeccionado pela CASA AFRICANA.

17.º PRÉMIO

Um frigorifico «Philips» modelo HN-2144; um relógio «Vulcain» de pulso para homem Um conjunto de vestuário para homem confeccionado pela CASA AFRICANA.

18.º PRÉMIO

Um gravador «Philips» EL-3302. Um relógio «Vulcain» de pulso, para homem. Um conjunto de vestuário para homem confeccionado pela Casa Africana.

19.º PRÉMIO

Um conjunto de vestuário para homem, confeccionado pela CASA AFRICANA. Um relógio «VULCAIN», de pulso, para homem.

20.º PRÉMIO

Conjunto de vestuário para homem, confeccionado pela Casa Africana. Um relógio «Vulcain» de pulso, para homem.

ESTES SÃO OS CUPÕES QUE O LEITOR TERÁ DE ENVIAR UMA SÓ VEZ

LEITOR DO Diário de Lisboa

N.º ..... (a)

NOME .....

MORADA .....

LOCALIDADE .....

..... TELEFONE (b) .....

PROFISSÃO (b) .....

(b) Tabacaria ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

LEITOR DO Diário de Lisboa

N.º ..... (a)

NOME .....

MORADA .....

LOCALIDADE .....

..... TELEFONE (b) .....

PROFISSÃO (b) .....

(b) Tabacaria ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

ATENÇÃO—O cupão-duplo apenas deve ser preenchido e enviado pelos leitores que não participaram na primeira fase da iniciativa. Os outros leitores, que já tomaram parte na primeira, estão automáticamente, habilitados ao sorteio dos prémios da segunda fase.

POLÍTICA DE INTEGRAÇÃO E TRANSFERÊNCIAS MONETÁRIAS

O agravamento da crise das transferências monetárias entre a metrópole e o ultramar veio pôr em foco algumas realidades de que é oportuno ter plena consciência. Continua a afirmar-se, por vezes, a ideia de uma moeda única comum a todos os territórios sob a soberania portuguesa, como solução que resolveria todas as dificuldades. Há quem não compreenda que a moeda, atributo e símbolo tradicional da soberania, não seja a mesma em todos os territórios onde a mesma soberania se exerce. Talvez não resulte, por isso, inútil recordar as condições que impõem a existência de signos monetários distintos no continente português e nas províncias ultramarinas.

Por MANUEL BELLO

Se, por exemplo, no continente e em Angola vigorasse a mesma moeda, emitida pelo mesmo banco central, que se passaria, na realidade, dada a situação de permanente excesso de débitos em relação aos créditos angolanos? É fácil compreender que haveria uma fuga constante de moeda em direcção á metrópole, gerando-se uma escassez crescente de meios de pagamento em Angola, a qual tenderia para o esgotamento... a não ser que o banco central na metrópole se dispusesse a aumentar em progressão contínua, a circulação fiduciária e a enviar periódicamente novas remessas de moeda para Angola, a fim de satisfazer as suas intermináveis necessidades.

Não é difícil imaginar o que representaria um tal sistema como factor de instabilidade e de desvalorização monetária. Por isso nunca vingaram as tentativas de unificação da moeda entre nós, nomeadamente a que foi lançada pelo Governo Provisório da República em 1911. Impôs-se um regime comportando «formas» monetárias próprias em cada território, muito embora o escudo tenha sido definido como padrão monetário comum a todos os territórios nacionais.

Territórios como Angola e Moçambique formam, com efeito, unidades económicas distintas, com os seus processos de crescimento próprios, e não podem deixar de ter as suas balanças de contas próprias em relação ao exterior. Só a criação, através de bancos emissores próprios, de moedas locais com poder liberatório limitado a cada território, pode evitar a escassez de moeda a que acima nos referimos e, ao mesmo tempo, controlar as entradas e saídas de capitais.

A partir de 1961, como se sabe, foi lançado um esquema de integração económica com vista á criação do que se chamou o «mercado único português». Tinha-se como objectivo essencial o estabelecimento de uma zona de trocas livres que deveria estar integralmente realizada até ao fim do corrente ano ou, no limite, até 1973. Mas pretendia-se desde logo ir mais além — até uma unificação económica mais perfeita que tornasse possível a livre circulação não só das mercadorias e das pessoas mas também dos capitais.

Instituiu-se para tal efeito um sistema de compensação e de pagamentos interterritoriais, apoiado por um fundo monetário da zona do escudo. Não se julgava que este mecanismo pudesse resolver desde logo todos os problemas gerados pelos défices permanentes das balanças ultramarinas; mas considerava-se que ele representava um grande passo no caminho de uma moeda única para todos os territórios portugueses.

Dez anos passados, qual é a situação que se nos depara? Tornou-se evidente que a evolução dos «factos» económicos não se ajustou aos objectivos definidos pelas medidas de política formuladas em 1961. Se é certo que Angola e Moçambique têm acumulado saldos positivos nas suas transacções com o estrangeiro, o contrário tem-se verificado em relação á metrópole: os saldos negativos ininterruptos atingiram proporções cada vez mais elevadas, impedindo a cobertura em escudos dos débitos ultramarinos.

Daí a decisão do governo de submeter a uma revisão o sistema actual de pagamentos interterritoriais. Por outro lado, as restrições á liberdade das trocas comerciais entre a metrópole e o ultramar não só não desapareceram por completo como foram consideràvelmente agravadas pelas medidas postas em vigor em Novembro último em Angola e em Moçambique, com vista a reduzir as importações de origem metropolitana.

A aplicação destas importantes e bem significativas medidas indica claramente o reconhecimento da impossibilidade de prosseguir, simultâneamente, os dois almejados objectivos: a liberalização total das trocas e a resolução do problema das transferências. Na realidade, dadas as grandes diferenças de grau de desenvolvimento entre a metrópole e o ultramar, a liberalização das trocas é, em si própria, causa de agravamento dos desequilíbrios que estão na base das dificuldades actuais. Eis um aspecto fundamental, um ponto de partida necessário para ir mais além na compreensão do problema.

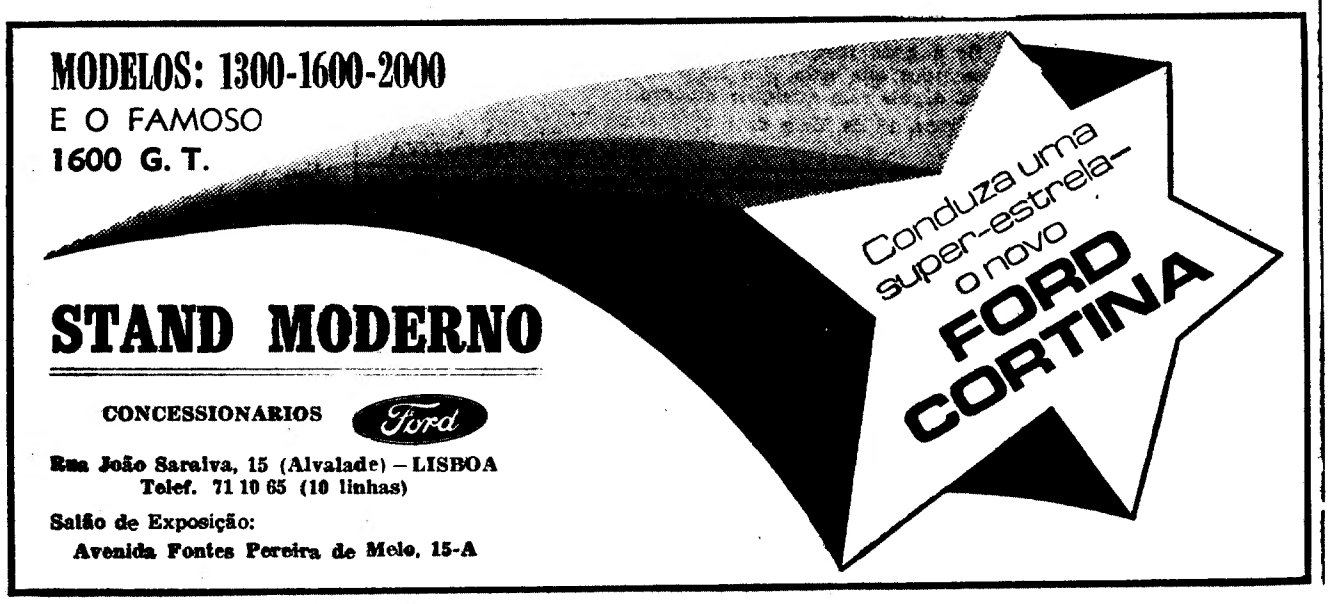
Uma política como a que foi agora posta em prática em Angola e em Moçambique, impondo restrições quantitativas á importação de bens não essenciais de origem metropolitana e protegendo com direitos aduaneiros actividades susceptíveis de produzir bens que substituam importações da mesma origem, é sem dúvida adequada á conjuntura: mas não é por certo suficiente. Há que actuar sobre as estruturas, pois trata-se de fazer face a um desequilíbrio cuja constância é prova irrefutável da sua natureza estrutural.

As dificuldades dos pagamentos interterritoriais, especialmente no caso de Angola, são devidas, sem dúvida, a um conjunto de diversos factores, desde os «invisíveis», sempre largamente favoráveis á metrópole, até á utilização dos chamados «circuitos paralelos». Mas se se quiser ir ao fundo do problema, não há roupagens verbais que possam encobrir o carácter predominante do desequilíbrio das transacções de mercadorias; na balança de pagamentos global da metrópole com o ultramar relativa a 1970, publicada pelo Banco de Portugal, o saldo positivo metropolitano das operações de mercadorias (1859 milhões de escudos) representa cerca de 80 por cento do excedente total (2167 milhões de escudos).

O problema de fundo, a encarar pelo ultramar, é pois um problema de produção — de reorientação e diversificação das estruturas produtivas. A metrópole competiria aceitar as consequências daquela diversificação que por certo lhe impõe sacrifícios e lhe exige orientações, na medida em que não pode deixar de conduzir a um esquema de relações económicas menos complementares e mais concorrenciais.

Se é certo que seria ainda possível aumentar a produção no ultramar de alguns produtos primários que a metrópole poderia importar em maior escala, e sobretudo na expansão das actividades industriais angolanas e moçambicanas, e na consequente substituição de importações, que aqueles territórios poderão alicerçar a elevação do seu nível de desenvolvimento económico e ao fim e ao cabo caminhar para a eliminação do desequilíbrio estrutural das suas balanças de pagamentos.

Exige-se, para tal, um grande esforço de mobilização de recursos e de adequada planificação local do seu emprego. Estas tarefas cabem, de modo decisivo e primacial, aos angolanos e aos moçambicanos — desde que eles possam exercer plenamente as suas capacidades de decisão e de realização, em condições que impeçam a sujeição a poderosos grupos de interesses que se sobreponham ao interesse geral das populações. Não é possível, assim, ignorar as mútuas e íntimas relações entre a evolução das estruturas económicas e as estruturas administrativas e políticas envolventes.



NOTA do dia

LAVAR OS ARES

HOUVE MUITAS DÚVIDAS sobre se sim ou não deveria publicar-se a nossa «nota» de ontem. E na verdade até podemos ir ao ponto de entender tais dúvidas ou hesitações quanto a um caso que, sobre ser de manifesto melindre, se presta naturalmente a muitas interpretações. A nossa, porém, que está claro havemos de julgar ser a verdadeira, é no sentido de que onde há dúvidas o remédio é esclarecê-las. E diz-se esclarecê-las em todo o sentido, a começar pelo literal, isto é, clarificar, tornar claro, deitar luz, iluminar. Isto quer dizer apagar a escuridão, apagar os tons sombrios, porque é na sombra que se geram as suspeições, tanto as mal-intencionadas como aquelas que crêem de boa consciência.

Sabe-se como e quanto é fácil produzir em tais emergências aquilo a que o Chefe do Governo já chamou «um murmúrio que procura ser de moralidade mas que me parece antes de inveja». Pois até admitimos que sim, que nalguns seja de inveja, com a restrição, naturalmente, de que os invejosos não poderão ser muitos e até poderiam ser catalogáveis. Noutros admitiremos com certeza que sejam efectivamente movidos por preocupações moralizadoras. Muitos outros, mal-informados, ouviram dizer «umas coisas» e sentem-se arrastados para uma espécie de posição de alarme. E, de mal-informados que são, teremos de compreender o simplismo azedo dos seus desabafos.

É contra isto, contra este clima de interrogações e suspeitas, onde se geram a maledicência e a malevolência, este clima que é afinal aquele onde é ou onde se julga possível a corrupção, que é preciso lutar. Contra esse clima onde se supõe poder instalar-se e proliferar o nepotismo, a que também o Chefe do Governo já aludiu, por altura do mesmo passo acima citado, ao considerar a situação alternante de «deixar ocupar os lugares pelos maiores accionistas ou pelos seus filhos recém-chegados à maioridade». São situações possíveis, que conduzem a muitos pontos de interrogação, a que nos parece preferível, para não dizer indispensável, encontrar respostas que não fiquem nas reticências.

Os ambientes de dúvida têm muitas origens. A barreira dos interesses não é nenhuma invenção, quem é que diz que é? O tráfico de influências não é uma figura literária. Na prática também existe. Quantos são os países onde os tribunais têm sido chamados a julgar casos que se classificam sob essa designação? A nossa escala, tudo isso nos parece absurdo e distante. Mas o crescimento opera-se de muitos modos ao mesmo tempo, pelo que bem nos parece preferível prevenir em vez de remediar. E, ao dizê-lo, nem nos damos ao pimponismo de acrescentar um soleníssimo «doa a quem doer». Se o sinapismo arde, parece que estamos na altura terapêutica de usar a modesta e preventiva aspirina.

Há muitas coisas que parecem soltas e que não podem esquecer-se, nem ser lembradas uma de cada vez, porque, feitas as contas, são peças do mesmo processo de um certo sentido a que pode chamar-se de condescendência ou tolerância. O regime, que vigorou, do condicionamento industrial, quantas situações anómalas permitiu que se formassem à sua sombra? O longo período de anos que ficou sem regulamentação a lei votada na Assembleia Nacional sobre a fiscalização das sociedades anónimas, quantas razões de queixa ou de crítica permitiu que se concebessem, estranguladas na garganta dos que se dão ao trabalho de pensar? Tudo isto são pontos que não podem esquecer-se.

Falar nestes problemas tem o propósito, que julgamos salutar, de combater o abafarete, o propósito, que julgamos desejável, de contribuir para se entender que o mal não há-de estar em toda a parte, mas que onde ele existir é possível denunciá-lo. Para acabar com dúvidas. A um actual membro do Governo ouvimos já a declaração de que, quando deixar de ser ministro, não vai para nenhuma companhia, vai para donde veio. E não dizemos donde veio para não o identificar, porque identificar um caso daria ensejo a que se supusesse a excepção. Ora, não é isso o que pensamos. Pelo contrário, o que pensamos é que tal atitude não será caso isolado, mas a mesma que porventura animará muitos dos homens que fazem ou tenham feito parte do Governo.

CHARLOT (82 ANOS) REVIVEU EM CANNES COM A BENGALA DO MINISTRO DUHAMEL

Um sorriso octogenário

CANNES, 13. — (F. P. e R.) — Charlot ressuscitou esta noite em Cannes. Vedeta incontestável da sessão inaugudal do 25.º Festival Internacional de Cinema, Charles Spencer Chaplin, de 82 anos de idade, esboçou no palco do Palácio dos Festivais, durante alguns minutos, a silhueta inesquecível da personagem cinematográfica que incarnou há cinquenta anos.

Para tornar mais verídica a sua breve evolução, o artista inglês não hesitou em servir-se da bengala do ministro francês da Cultura, Jacques Duhamel, que acabava de o agraciar com uma das mais altas condecorações francesas, a Legião de Honra, «em homenagem ao seu espírito e talento».

Milhares de convidados, em trajo de cerimónia, aplaudiram de pé o famoso comediante quando o sr. Duhamel o beijou em ambas as faces e pronunciou as palavras tradicionais: «Charles Spencer Chaplin, em nome do presidente da Republica Francesa e dos poderes que me foram investidos, nomeio-vos comandante da Legião de Honra».

A certa altura da cerimónia, Chaplin atirou beijos á multidão e declarou: «Estou muito emocionado e contente por me terem apreciado desde o passado até agora».

Entretanto, receberam prémios especiais os realizadores William Wyler, Luís Buñel, Michelangelo Antonioni e Wojiech Jasny, este pelo seu filme «Um dia gato».

Depois de uma retrospectiva filmada dos festivais precedentes, e de um curto intervalo, foi projectado (fora do concurso) «O fogo sagrado», filme francês consagrado á dança. O festival entrará hoje no vivo do concurso com a apresentação de dois filmes, um australiano e o outro americano. Um grande ausente: Orson Welles, que se encontra algures na Europa a filmar, pediu desculpa por não poder estar presente.

«CONTOS SUECOS» NO PROGRAMA DO ABC

O ABC Cineclube de Lisboa exibe amanhã, no cinema Lys, ás 18 e 40, o primeiro filme do ciclo «Cinematografias (quase) desconhecidas» «Contos Suecos», de Tage Danielsson. A admissão de novos sócios pode fazer-se à entrada da sessão.

Entretanto a secção de 16 m/m promove a exibição do filme «Cenas de caça na Baixa Baviera», de Peter Fleischmann, uma das mais importantes obras do novo cinema alemão, apresentado no Festival de Cannes de 1970. Sessão marcada para amanhã na Sociedade Nacional de Belas Artes, às 21 e 30, dedicada a todos os sócios do ABC e outros agrupamentos culturais. No dia 17, à mesma hora e no mesmo local, curtas-metragens canadianas de animação.

VIDA MUSICAL

«Lucia de Lammermoor» no Trindade

Um clássico de Donizetti, «Lucia de Lammermoor», sobe hoje à cena no Trindade dentro do programa de divulgação musical que ali tem vindo a ser realizado pela Companhia Portuguesa de Ópera da F. N. A. T.

Os principais papéis foram entregues a Elisette Bayan, Manuela Piçarra, Luís França, Carlos Jorge, Guilherme Kjölner, João Rosa e João Veloso. Encenação de Gino Bechi e colaboração da Orquestra de Ópera da E. N., dirigida por Silva Pereira, e do Coro do Teatro Nacional de S. Carlos. O espectáculo está marcado para as 21 e 15.

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

RUA BRAAMCAMP, N.º 9-2.º — LISBOA-1

21.ª Secção de Actividade

«SERVIÇOS RECREATIVOS»

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINARIA

Nos termos do § único do art.º 57.º e do n.º 2 do art.º 59.º dos Estatutos convocam-se os sócios do Sindicato integrados nesta Secção a reunirem-se em Assembleia Geral no próximo dia 28 de Maio de 1971, às 20,30 horas, na antiga sede deste Sindicato, Rua do Alecrim, 46-1.º, nesta cidade, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1. Tomar conhecimento de diversos assuntos do maior interesse para a Secção de Actividade, nomeadamente:
   a) Situação do projecto do novo Contrato com as Empresas de Cinema;
   b) Situação dos empregados dos Organismos Desportivos;
   c) Problema do pessoal da F. N. A. T.
2. Tomar conhecimento e deliberar sobre a actual situação da Comissão Directiva quanto ao afastamento de alguns dos seus elementos.
3. Proceder à escolha de nomes para eventual preenchimento de cargos vagos até ao final do mandato.

Se à hora marcada não estiver presente a maioria dos associados que nela têm lugar, a Assembleia reunirá meia hora depois com qualquer número.

Lisboa, 13 de Maio de 1971

A COMISSÃO DIRECTIVA

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

RUA BRAANCAMP, 9, 2.º LISBOA

INDÚSTRIA QUIMICA — Sector «Ind. de Especialidades Farmacêuticas»

Tem lugar no dia 14 do corrente, às 21 h., na Rua do Alecrim, 46, 1.º, uma reunião deste sector para informações sobre as negociações do contrato colectivo de trabalho.

A COMISSÃO DIRECTIVA

Lisboa, 11 de Maio de 1971

novo casino estoril casino estoril * casino estoril * casino estoril * casino

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS DAS 15 ÀS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE MAIORES DE 21 ANOS

BENTYBER DANCERS

com
lindsay dolan

FAITH BROWN
VEDETA DA RÁDIO E DA TV INGLESA

GERD MARDN
ILUSÃO E FANTASIA
BEATRIZ DA CONCEIÇÃO

"OS MODS" * "OS FLIERS"
FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

IVORY WILDE
SÓ NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÀS 23,30 H. maiores de 17 anos
NO WONDER BAR Á 1,0H. maiores de 21 anos
TELEFONE 264521

novo casino estoril

36 HORAS NO INFERNO
36 horas para cumprir uma missão e voltar... ou não!

com
RICHARD HARRISON
PAMELA TUDOR
ALAIN GERARD
real. de Roberto Montero

MAIORES DE 12 ANOS
COLORIDO
Distribuído por
EXCLUSIVOS TRIUNFO

HOJE Às 21.45 ESTREIA no EDEN e ALVALADE

CASA DA COMÉDIA
R. S. Francisco Borja, n.º 22
HOJE, às 22 h.
O FIM
de ANTÓNIO PATRICIO
Marcações — Tel. 67 72 99
(Maiores de 17 anos)
Subsidiado Fundo Teatro

M/ 6 anos

CALDAS DA RAINHA

Domingo 16, às seis e meia da tarde
Um Cartaz Turístico nas Festas da Cidade
CAVALEIROS
Mestre Baptista
Frederico Cunha
ESPADAS
Júlio Gomes
Ricardo Chibanga
Forcados Amadores do Montijo
(Prémio da Imprensa 1970)
8 Toiros de João Gregório (da Azinhaga)

Teatro TELEF. 717017
Maria Matos
IGREJAS CAEIRO
APRESENTA A OUSADA COMÉDIA DRAMATICA DE INTENSA VIBRAÇÃO com MÁRIO PEREIRA NO PROTAGONISTA
(M/ 17 anos)
HOJE E TODAS AS NOITES, ÀS 21.45
Jogos de Sociedade
de J. J. ALONSO MILLAN
Os jovens dos 17 aos 24 anos têm 50 % de desconto

NANKING
O NOVO RESTAURANTE CHINÊS DE LISBOA
R. SOUSA MARTINS, 5-A * TELEF. 41746
(Próximo ao Cinema Mundial)

O Restaurante do
ABIDIS HOTEL
é um restaurante diferente
SANTARÉM

FOLLIE'S NIGHT CLUB
DIA 20 INAUGURAÇÃO

«O Terror no Castelo dos Mortos Vivos»

REALIZAÇÃO — Herbert Wise (Warren Kiefer ou Luciano Ricci), 1969 (Itália).
INTÉRPRETES—Christopher Lee, Philippe Leloy, Gaia Germani, Donald Southerland, etc.
DISTRIBUIÇÃO — Filmes Lusomundo.
ESTREIA — Cinema Olympia (10.5.1971).

Herbert Wise (nos cartazes), Warren Kiefer (no genérico), Luciano Ricci (na realidade) dirigiu «O Terror no Castelo dos Mortos Vivos» sem o menor vestígio de inteligência e sem qualquer réstea de imaginação. De talento, cinematográfico o melhor será nem falar. O nível não é de mediocridade, mas muito inferior. Terror de fancaria, sem ponta por onde se possa pegar, eis o balanço final desta película que não logra nunca criar um clima de terror ou de qualquer outro género.

As situações são idênticas ás de milhentos filmes deste tipo: um grupo de pessoas vê-se isolado no castelo de um conde que, com «propósitos científicos», vai embalsamando um a um os indivíduos que lhe passam pela porta O grupo é de saltimbancos que mimam pelas aldeias em entremez com um carrasco a auto-enforcar-se por descuido O conde quer ver como é, diz, e convida-os a pernoitar no seu palácio. Vai daí... etc., etc.

«O Terror no Castelo dos Mortos Vivos» acaba, porém, por possuir uma razão extra para certa curiosidade: assinala a estreia de um crítico de cinema, Eduardo Geada, traduzindo legendas. Domínio até agora reservado a alguns (poucos) e nem sempre dos melhores, já era altura de nele se pensar com certa seriedade.

LAURO ANTÓNIO

O REGRESSO DE HERMÍNIA

De triunfal e prolongada «tournée» pela América do Norte, onde cantou para os portugueses ali residentes, chega hoje a Lisboa a castiça Hermínia Silva cujo regresso será esta noite celebrado com um beberete no seu solar do Largo da Misericórdia.

ANTESTREIA DE UM FILME CANADIANO

Com entrada livre, e em antestreia, é exibido esta noite (21 e 30) no Centro Nacional de Cultura o filme canadiano «De mère en fille» («De mãe para filha»). Apresentação de José Estêvão Sasportes.

Depois da projecção há um debate sobre problemas da condição feminina orientado por Maria Isabel Barreno. Maria Velho da Costa e Ana Maria Bénard da Costa.

«O Duelo» no Rivoli (Porto)

PORTO, 13. — A Companhia do Teatro Nacional D. Maria II estreia amanhã, ás 21 e 30 h., a terceira peça do calendário elaborada para a temporada portuense no teatro Rivoli, «O Duelo», de Bernardo Santareno.

TRINDADE
F. N. A. T.
(M 12 anos)
Apresenta
HOJE, às 21.15 — 1.ª Récita
LUCIA DE LAMMERMOOR
de Donizetti
Maestro: Silva Pereira
Encenador: Gino Bechi
Elenco
Elisette Bayan, Manuela Piçarra, Luís França, Carlos Jorge, Guilherme Kjölner, João Rosa e João Veloso
ORQUESTRA DE ÓPERA DA EMISSORA NACIONAL
CORO DO TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS
Sábado, 15 — 5.ª Récita do «ORFEO»

FOLLIE'S NIGHT CLUB
DIA 20
INAUGURAÇÃO

FRIGORÍFICOS A GÁS BUTANO
5 ANOS GARANTIA
BAIXO PREÇO
CASA JÚNIOR
R. ALECRIM, 21-A-T. 321053

o homem. o amor. o medo. a solidão.
no universo de ingmar bergman

paixão
max von sydow liv ullmann
bibi andersson erland josephson
director de fotografia sven nykvist
produção de svensk filmindustri-cinematograph
COR DeLuxe®
United Artists
SÃO JORGE
PROGRAMAÇÃO RANK
HOJE ESTREIA ÀS 21.30
RANK FILMES
ADULTOS

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
GRANDE AUDITÓRIO
espectáculos de dança e teatro

GRUPO GULBENKIAN DE BAILADO
25/Maio às 18.30
SUITE DE BACH (Michael Descombey-J. S. Bach)
PASSACAGLIA (Milko Sparemblek-Webern)
QUEBRA-NOZES, 2.º acto (Anton Dolin-Tchaikovsky)
1/Junho às 18.30
SINFONIA (Armando Jorge-Haydn)
O MANDARIM MARAVILHOSO (M. Sparemblek-Béla Bartók)
ESTREIA MUNDIAL DE UMA NOVA COREOGRAFIA DE JOHN BUTLER

TEATRO DE SOMBRAS DA MALÁSIA
26/Maio às 18.30
LENDA DO RAMAYANA (1.º episódio)
27/Maio às 21.30
LENDA DO RAMAYANA (2.º episódio)

ALWIN NIKOLAIS DANCE THEATRE
6/Junho às 21.30
DIVERTISSEMENT II — ECHO-TENT
7/Junho às 18.30
DIVERTISSEMENT I — SOMNILOQUY-TOWER
8/Junho às 18.30
DIVERTISSEMENT I — STRUCTURES-TENT
9/Junho às 21.30
DIVERTISSEMENT II — ECHO-TOWER

PREÇOS

	1.ª Plateia	2.ª Plateia	Balcão
Grupo Gulbenkian de Bailado	50$00	35$00	25$00
Teatro de Sombras da Malásia	60$00	45$00	25$00
Alwin Nikolais Dance Theatre	80$00	60$00	35$00

50% de desconto aos estudantes devidamente identificados
BILHETES À VENDA (AVULSO) NA FUNDAÇÃO GULBENKIAN, A PARTIR DO DIA 15 DE MAIO
Espectáculos das 18.30: para maiores de 6 anos
Espectáculos das 21.30: para maiores de 12 anos

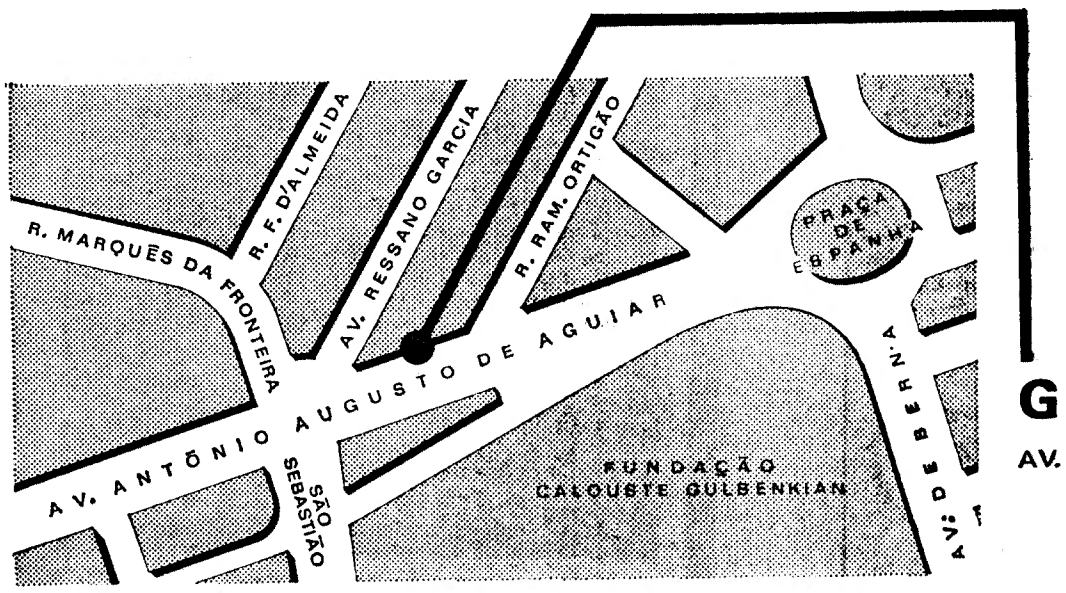
VOCÊ VAI CANTAR COM A PANDILHA

MARIA VITÓRIA
M 17 ANOS

OCTÁVIO DE MATOS no «compère»
UM GRANDE «BALLET» INTERNACIONAL
● HOJE, 2 SESSÕES, ÀS 20,45 e 23 HORAS
● Giuseppe Bastos e Vasco Morgado, apresentam
● EM PLENO ÊXITO A SENSACIONAL REVISTA
CALA-TE BOCA!...
ORIGINAL DE ANÍBAL NAZARÉ E JOSÉ VIANA
COM MÚSICA DE JOÃO NOBRE E CARLOS DIAS
UM GRANDE E ÓPTIMO ELENCO, COM:
● JOSÉ VIANA
● BARROSO LOPES ● DORA LEAL
● ÂNGELA RIBEIRO ● JÚLIA BABO
A CANTORA LÍRICA
● SUZETE DINIZ
E, NO «COMPÈRE»
● OCTÁVIO de MATOS
JOSÉ DE CARVALHO ● CARLOS MIGUEL ● MARIANO FRANCO ● DINA MARIA
TÂNIA MOTA ● LIA SENA ● CLAUDIA MARTINS

ÂNGELA RIBEIRO na «Menina da ficção científica»

«SELF-SERVICE»
no abastecimento de GASOLINAS
pela 1.ª vez em Portugal



SACOR

GLÓRIA GARAGEM
AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 163-B
LISBOA

MODO DE UTILIZAR A BOMBA «SELF-SERVICE»

① Introduza na gaveta uma nota de 100$00, série Camilo Castelo Branco, exactamente da forma indicada.

② Empurre lentamente a gaveta (a nota poderá ser rejeitada se estiver viciada, em mau estado ou mal colocada).

③ Seleccione o tipo de gasolina pretendido premindo o respectivo botão; logo que este fique iluminado a bomba estará em condições de funcionar.

Se tiver havido engano na escolha do tipo de gasolina, carregue no outro botão. Esta troca só é possível antes de retirar a pistola da bomba.

④ Tire o tampão do depósito de gasolina do seu carro.

⑤ Retire a pistola da bomba, introduza-a no depósito, prima o gatilho e mantenha-o nessa posição até que se complete o abastecimento correspondente à quantia de 100$00.

IMPORTANTE

A bomba desligará automaticamente ao fim de TRÊS MINUTOS de funcionamento, mesmo que não se tenha completado o abastecimento correspondente à quantia de 100$00. Esclarece-se que, em condições normais, este abastecimento não chega a demorar UM MINUTO.

⑥ Após o abastecimento coloque a pistola na posição inicial.

CANAL DA CRÍTICA

POR MÁRIO CASTRIM

Ò FADO QUE FOSTE FADO Ò FADO QUE ÉS O QUE ÉS...

O problema do fado há muita gente que pensa estar nas tintas, olha que disparate, desculpem!, há muita gente que pensa estar nas letras. Não está. Letras, o que se chama letras, há. Sem dificuldades, aponto mais de mil, se for preciso, e de uma vezada só. O mal não está aí. O mal não está nas letras. O mal não está no que não há. O mal está no que há. Porque só o que há, há. E só porque há o que há, é que o que não há, há.

Ah, eu estava a dizer que o mal não está nas letras, mas. Acontece haver alguns fadistas que supõem salvar o fado do infado, perdão!, salvar o fado do inferno operando a reconversão do problema. Pensam que se estará dando um grande paço, enganei-me: um grande passo se trocarem o fado sem literatura pela literatura sem fado. Há possibilidade de existir uma literatura fadista? Há, sim senhores. Não há possibilidade, há realidade. Porque tal possibilidade, porém, desemboca na impossibilidade de ordem prática, e como, por outro lado, não se procura que a impossibilidade desemboque na possibilidade, pelo que é fácil a todas as possibilidades serem possíveis, porque tal acontece é que alguns fadistas recorrem á literatura sem fado, sem se darem conta que o fado não abre caminho por aí.

Eis quanto ficou provado ontem. A poesia correcta de Vasco de Lima Couto não sofre comparação, em termos de gramática tradicional poética, com os fazedores de versos e com os endireitas da rima. Os seus versos (pelo menos os de ontem) estão longe de alcançar o mínimo eco junto dos consumidores do fado. Andam de cabeça no ar.

Abstracções? Isso está bem para os ignorantes desta verdade comezinhamente fadista: o povinho não vive de abstracções, vive de realidades duras, penosas, e também, não esqueçam!, de esperanças bem fundadas.

Um fadista como Manuel de Almeida não se ajusta ao tal «não dizer nada» dos versos que aos ouvidos das pessoas simples não se destinam. Há nele uma força desaproveitada a qual, de tanto se esforçar sem objecto aparente, se torna ridícula, forçada, artificial. Com a voz de Manuel de Almeida, ontem, fado não aconteceu: aconteceu burocracia do fado Antipática, como todas as burocracias.

Por outro lado, se os versos de Lima Couto não ajudaram, por se encontrarem fora do alcance de Manuel de Almeida, a realização de Luís Andrade não favoreceu nada igualmente, antes pelo contrário. Muito embora a preocupação do realizador fosse de bom quilate, no que se refere à intenção de criar um clima envolvente, televisivamente propício. Acontece que De Almeida não dá para o género. De Almeida, quando inspirado, é fadista com todo o corpo. Dar-lhe só o rosto assume aspectos de mutilação. Ainda por cima com aqueles inestéticos óculos fumados... A imagem, demasiado contrastada, lembrou, por vezes, a máscara de Belphegor. Cruzes, dianho!

Fora o fado o fado propriamente dito, houve a outra face do meu fado: o hóquei em patins (não falarei de Debussy porque esteve ali tão metido a martelo, não de passagem, tão «vocês desculpem..»). Hóquei entre a Alemanha e a Bélgica, sócios do Mercado Comum, amigos, amigos — negócios á parte.

Como o hoquei era assim nem por isso, e como de espectadores só se via um molhinho a aquecer lugar para mais tarde, entretive-me a ver a publicidade que decorre, neste campeonato europeu, sob o signo da sobriedade Apenas quatro anuncios para os olhos: os óleos para alimentação *Pima*, o vinho *Mateus Rosé*, electrodomésticos *Indesit* e, a marcar a hora, *Augustine Reis & C.ª, Banqueiros*.

Que mais aconteceu no programa? Quer dizer: que poderei eu dizer mais? Ou doutra maneira, que poderei eu fazer a fim de contribuir para a felicidade dos meus leitores? Talvez oferecendo-lhe a chave do *Totobola* adquirida por intermédio daquela família de Setuba., apanhada pela camara de Augusto Cabrita um repórter de eleição. Quanta coisa cheia de encanto se viu em meia dúzia de metros de celuloide! A máquina que se desvia para um rosto iluminado; que, em pleno registo dos prognósticos, lhe volta as costas para ver o comboio que passa; que, em plena marginal, não tira os olhos de um barco do Tejo teimosa, por mais que se intrometam vidraças de automóvel, a dar ao barco as mais estranhas formas. Máquina cabeça no ar? Não: máquina sábia, máquina criança, maquina poeta, a brincar, a recriar o quotidiano.

E eu que raramente dava pela rubrica do *Totobola*! Confesso, em geral aproveitava para ir lá fora, para dar descanso aos olhos. Tolo! Não voltarei a perder Experimentem, amigos. Vejam o que se pode fazer, a propósito de quase nada, quando a imaginação segura uma máquina de filmar.

A chave do Totobola! Aqui vai: 1,2,1,2, X,1,X,1,1,2,1,1,2. Lavo daqui as mãos.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa metropolitano — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Programa da juventude; 17 e 30: «Falua», programa infantil por Ana Maria; 18 e 05: O convidado de hoje: Joe Dolan; 18 e 20: Espectáculo — Teatro, por Figueiredo de Barros; 18 e 40: Musica popular portuguesa; 19 e 10: Zarzuela: «Los cadetes de la reina» (Pablo-Luna); 20 e 20: o Conjunto: «The Herman's Hermits; 20 e 30: 13.º Episódio do Folhetim «Pero da Covilhã — O viajante enfeitiçado»; 20 e 50: Melodias; 21: Momento 71; 21 e 20: Ao sabor da fantasia; 22: Transmissão do Pavilhão dos Desportos, em Lisboa, do relato do desafio de hóquei em patins «Portugal-Alemanha»; 23 e 05: Êxitos da Europa; 23 e 30: Canções que o mundo canta; 24: Fecho.

2.º Programa metropolitano — Às 16: Que quer ouvir? — programa elaborado por Margarida Brandão; 18: Musica portuguesa; 18 e 44: Sonata em fá maior op 1, n.º 12 (Haendel), violino, Arthur Grumiaux; piano, Robert Veyron-Lacroix; 19: O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 22: Diário Sonoro; 20 e 20: Concerto de Camara no qual colaboram o duo de canto e piano Anne Rose Gilek-Maria Manuela Araujo e a pianista Arlete Pereira, preenchido com obras de Mozart e Schubert; 21: Árias de ópera pelo soprano Victoria de los Angeles; 21 e 20: Tempo literário; 21 e 45: Musica sinfónica de Mozart; 22: Teatro de todos os tempos, pelo dr. Eurico Lisboa (Filho): 22 e 40: Rondó Krakowiak op. 14 para piano e orquestra (Chopin); piano, Stefan Askenase; Orquestra Residencial de Haia, sob a direcção de Willem van Otterloo; 23: A voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

Programa estereofónico — MF 2 — Às 21: Vozes masculinas; 21 e 15: A Orquestra Paul Mauriat; 21 e 30: Musica portuguesa; 21 e 45: Musica sem passaporte; 22: Joan Manuel Serrat, canta em português; 22 e 15: James Last Band; 22 e 30: Conjuntos modernos; 22 e 45: Êxitos de Glenn Miller por Max Greger e a sua orquestra; 23: Ciclo Schubert — Abertura em estilo italiano, em dó maior D. 591, pela Orquestra do Festival Menuhin, sob a direcção de Menuhin; 0 e 30: Musica sinfónica; 1: Fecho

RÁDIO CLUBE — 290,5 m — Às 16 e 4: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 7: Selecção para o seu jantar; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 3: Diálogo; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 5: Mensagens bíblicas; 23 e 9: Grande roda; 0 e 2: «P B. X»; 2: A noite é nossa; 6 e 2: Diário rural; 7 e 3: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 4: Programa C.D.C.; 17 e 57. O nosso programa; 19 e 4: Em órbita; 21 e 2: Boa noite em FM 22 e 2: Programa á Gô-Gô; 0 e 2: Em órbita-dois; e 2: Banda sonora: 2: Perspectiva; 3 e 2: Fecho.

EMISSOR DE MIRAMAR — 383,6 m/s — 782 kc/s — Às 16 e 4: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 3: Miscelanea; 19 e 20: Robbialac; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia e dia; 21 e 5: Só-Rádio; 21 e 40: Contrastes musicais; 21 e 45: O arauto da verdade, 22 e 3: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Tiroteio; 23 e 4: Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18 e 5: Acerte connosco; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 5: Esquema 13; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Jazz; 21 e 30: Orquestras e canções; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Pentagrama; 22 e 45: Campeonato Europeu de Hóquei em Patins; 23: A 23.ª hora.

Às Ex.mas Classes Médica e Farmacêutica

Produtos CIBA, LDA., tem o prazer de comunicar que o mercado farmacêutico se encontra novamente abastecido do produto

ESPASMOPLUS

nas suas formas de administração — oral e rectal

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

SIEMENS ESTORIL electronic

AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — 1.º período — Às 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 13: Feminino singular; 13 e 15: Filme de série «Uma Mãe para Eddie»; 13 e 45: Telejornal, 1.ª edição; 14: Minidecoração; 14 e 20: Logo á noite. **2.º período** — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19 e 30: Telejornal, 2.ª edição; 19 e 50: Série juvenil «Robin dos Bosques»; 20 e 20: Cartaz TV; 20 e 30: Documentário sobre o pintor Júlio Resende; 21: Imagens da poesia europeia; 21 e 30: Telejornal, 2.ª edição; 22 e 10: Hóquei em patins, transmissão directa do Pavilhão dos Desportos de Lisboa do encontro Espanha-França; 23 e 20: Série policial «Os Vingadores»; 0 e 15: Marcha do Mundo; 0 e 20: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — Às 20: Abertura; 20 e 01: Hóquei em patins, transmissão directa do Pavilhão dos Desportos de Lisboa do encontro Suíça-Alemanha; 21: Filme de série «Uma Mãe para Eddie»; 21 e 30: Telejornal; 22: Noite de cinema «Suprema Ambição», com Alan Ladd e June Allyson; 23 e 50: Fecho.

Nomeado o novo patriarca de Lisboa

(Continuação da 1.ª página)

sentando como tese: «A doutrina do evo em S. Tomás de Aquino. Sobre a duração da alma separada».

Nos anos lectivos de 1964-65 e 1965-1966, leccionou Filosofia Social, Filosofia Moral e Psicologia Social, no Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina.

Nos anos lectivos de 1965-66 foi nomeado pelo sr. cardeal-patriarca de Lisboa director do Instituto de Cultura Superior Católica, onde também leccionou as cadeiras de Introdução á Teologia, Metodologia das Ciências Sociais e Doutrina Social da Igreja, continuando como assistente da direcção-geral da L. U. C.

Além da tese de doutoramento, publicou: «A natureza religiosa do apostolado»; «Caminhos de unidade»; «Existência e utilização dos tempos livres: problema social e cristão».

Trabalho apresentado na II Semana Social dos assistentes da Acção Católica Portuguesa. Fátima, 1962; «O conceito de socialização na Encíclica «Mater et Magistra».

Tese apresentada no VII Congresso Internacional de Farmacêuticos Católicos, efectuado em Lisboa, de 4 a 8 de Setembro de 1963.

Tem ainda colaborado em diversas publicações da Acção Católica e em revistas tais como «Lumen» e «Theologica».

Participou em numerosos congressos nacionais e internacionais, fez viagens de estudo a diversos países e frequentou cursos nas Faculdades de Teologia de Insbruck e Munique. Durante seis anos realizou palestras e outros trabalhos na Radiotelevisão Portuguesa.

m 8 de Julho de 1967 era eleito bispo titular de Tigilava e auxiliar do senhor arcebispo de Braga.

A ordenação episcopal realizou-se em 17 de Setembro do mesmo ano, na Sé Primacial, sob a presidência do sr. cardeal-patriarca de Lisboa.

Mesmo antes da sua ordenação episcopal, o sr. D. António Ribeiro foi nomeado, pelo sr. arcebispo primaz, vigário geral da arquidiocese de Braga. Durante os dois anos passados em Braga, foi-lhe particularmente confiado o sector do apostolado dos leigos, o serviço das visitas pastorais e o contacto com os sacerdotes da região pastoral do Nordeste da Diocese.

Actualmente é o presidente da Comissão Episcopal para os Meios de Comunicação Social. Nesta qualidade fez várias alocuções e conferências.

«Ex fide in fidem» é a legenda do brasão de armas de fé do novo Patriarca e exprime o firme propósito de ajudar o Povo de Deus a crescer na fé, em ordem a um cristianismo cada vez mais consciente e adulto. E se até aqui a tem vivido com inteligência e zelo, mais intensamente ainda a viverá doravante na árdua e delicada tarefa que lhe é agora entregue.

Por decreto da Sagrada Congregação dos Bispos, de 6 de Junho de 1969, foi transferido de bispo titular de Tigilava e auxiliar do arcebispo de Braga para auxiliar do cardeal-patriarca de Lisboa.

Como bispo para o Apostolado dos Leigos, estabeleceu frequentes contactos com os dirigentes e assistentes nacionais das várias Obras e Movimentos apostólicos, reflectindo com eles sobre os problemas da Igreja e a dinamização das estruturas do apostolado laical.

Especialmente tem acompanhado de perto a Acção Católica, na sua actual fase de renovação.

Em Abril de 1970, foi eleito secretário da Conferência Episcopal da Metrópole.

D. Manuel Gonçalves Cerejeira:

41 anos como patriarca

O sr. dr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, que ora deixa de ser patriarca de Lisboa, conta 82 anos de idade e já em 1966 havia solicitado a resignação do seu cargo, não tendo Paulo VI aceitado, então, o pedido.

Bispo desde Junho de 1928, patriarca de Lisboa desde 18 de Novembro de 1929, cardeal desde 6 de Dezembro do mesmo ano (com o título de S. Pedro e Marcelino, que já pertenceu ao seu antecessor na diocese de Lisboa, D. António Mendes Belo), o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira é, de longe, o mais antigo cardeal de quantos compõem o Sacro Colégio, sendo também o prelado que mais tempo ocupou o sólio patriarcal de Lisboa (durante 41 anos).

No Sacro Colégio, o cardeal que se segue em antiguidade é o francês Eugène Tisserant.

Foi apenas uma vez que o cardeal Cerejeira pediu ao Papa a resignação do cargo, afirmando, então, depositá-lo nas mãos do Sumo Pontífice, pelo que se colocava á inteira disposição de Roma.

A resposta de Paulo VI, não aceitando o pedido da resignação do patriarca de Lisboa foi conhecida em Dezembro de 1966. Foi, portanto, quase quatro ane e meio depois que Paulo VI resolveu aceitar o pedido do sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira.

Realizou-se nas instalações da STET, em Prior Velho, um «Pôr-do-Sol» que reuniu cerca de 100 clientes e que decorreu em mais uma jornada de convívio daquela empresa. Cerca das 23 horas os convidados retiraram-se para o aeroporto onde tomaram o avião da Swissair especialmente fretado pela STET para transportar os clientes com rumo à Suiça onde visitarão o Campo de Demonstrações da Caterpillar em Saubraz nos arredores de Genéve no dia 10, estando prevista depois uma breve estada em Gosselies (Bélgica) a fim de visitarem as famosas instalações fabris da Caterpillar

A Companhia de Seguros mais próximo dos seus clientes

—Inaugurada a primeira Dependência Urbana de «A MUNDIAL»

Virada para uma política de dinamização das suas estruturas comerciais e, apetrechando-se para receber todas as solicitações dos seus Segurados e o público em geral lhe façam, A Companhia de Seguros A MUNDIAL — uma das primeiras no mercado nacional — lançou uma verdadeira inovação na Industria de Seguros.

Conforme tivemos o prazer de constatar, num ambiente acolhedor de discreta elegancia, situada na Avenida Guerra Junqueiro, 22-B, tem esta Seguradora a partir de agora uma Dependência Urbana para atender todos os seus clientes daquela zona, os quais deste modo não terão que se deslocar á Companhia — no Chiado — para tratar dos seus assuntos.

Em singela cerimónia, que decorreu nas novas instalações com a presença de Administradores e Directores bem como de alguns dos Agentes e clientes principais da zona, o Administrador Delegado da Companhia, Ex.mo Senhor Dr. Morais Leitão, salientou que com esta iniciativa tem A MUNDIAL como objectivo levar mais perto dos Segurados os seus serviços indo ao encontro dos clientes nos bairros de residência.

Durante a cerimónia foi descerrada uma placa comemorativa do acontecimento e servido um beberete.

INAUGURAÇÃO DE UMA ESQUADRA DA P. S. P.

O brigadeiro Tristão Carvalhais, comandante-geral da P. S. P., presidiu hoje, de manhã, á cerimónia inaugural das novas instalações da 21.ª esquadra da corporação, que passou da rua de Campolide para um edifício anexo ao Tribunal de Polícia, junto do Palácio de Justiça.

Assistiram á cerimónia o coronel Cruz Osório, comandante da P. S. P. de Lisboa; major Henrique Alves da Guerra, chefe do Estado-Maior da corporação; e o capitão Pereira, comandante da 3.ª divisão, os quais foram recebidos pelo chefe Reis, actual responsável pela esquadra.

Morte súbita

Joaquim de Sousa, de 47 anos, segundo faroleiro, com residência na Direcção de Faróis, em Paço d'Arcos, adoeceu subitamente na sua camarata.

Transportado ao Hospital de [illegible] ali já morto.

O dr. Ernesto Roma homenageado pelos diabéticos pobres nos 45 anos da sua Associação

Completa hoje 45 anos de existência a Associação Protectora dos Diabéticos Pobres, cuja fundação se deve ao dr. Ernesto Roma, seu director clínico

Na sede da Associação, na Rua do Salitre, 118, realizou-se, ao fim da manhã, uma homenagem ao dr. Roma, promovida por numerosos diabéticos. Entre estes destacavam-se muitas crianças e jovens que quiseram felicitar aquele clínico pela acção em prol da sua recuperação para uma vida normal.

Foram oferecidas ao dr. Roma muitas flores e pronunciadas palavras de muito apreço assim como bem patenteados os sentimentos de verdadeira amizade que todos os diabéticos ali inscritos lhe dedicam.

Foram, também, enaltecidas as suas qualidades de devoção e dedicação á causa da diabetes e o esforço despendido pela Associação durante estes 45 anos.

O dr. Ernesto Roma, comovido pelo carinho e ternura de que foi alvo, agradeceu em palavras muito simples as felicitações recebidas e chamou a atenção de todos os presentes para o facto de se comemorar este ano o 50 aniversário da descoberta da insulina a cujos descobridores — Banting e Best — se devem, afinal, o tratamento e a recuperação do diabético.

A indústria do vidro analisada no nosso País

A evolução da industria vidreira da Europa, no ano passado, vai ser analisada durante uma reunião que se realizará amanhã no Hotel Penina, no Algarve.

Trata-se da reunião da comissão de estatística da Associação das Federações Vidreiras Europeias que anualmente se efectua no nosso País. Estão presentes representantes da Alemanha, Inglaterra, Bélgica, França, Holanda e Portugal, e, ainda, do Mercado Comum e do Grupo Europeu. A delegação portuguesa é constituída por elementos da direcção do Grémio Nacional da Industria Vidreira — industriais João Ildefonso Bordalo, Julio Mateiro, Manuel Galo e Raul Barbosa — e pela eng.ª Maria Alexandra Dias Coelho, técnica que tem a seu cargo a elaboração das estatísticas internacionais da industria do vidro.

Durante a reunião de amanhã no Hotel Penina, vão ser analisadas, também, as perspectivas que a industria europeia do vidro oferece para o corrente ano, e a possibilidade de um intercâmbio com outras organizações de fora da Europa, nomeadamente americanas e japonesas.

Em Setembro do próximo ano realizar-se-ão no nosso País dois importantes congressos: o das Federações Vidreiras Europeias e o da Secção de Cristalaria Europeia.

Industriais belgas da construção civil visitam Portugal

Promovida pela Associação de Industriais da Construção Civil Belga e por iniciativa do sr. Willy Thomaz, visita o nosso País, onde permanecerá de 6 a 10 de Junho próximo, uma missão constituída por cerca de 50 dos mais importantes membros da Organização Profissional Belga-ADEB.

Os belgas, que tomarão contacto com construtores civis nacionais, farão visitas ás instalações e aos estaleiros da Lisnave e à Cidade Panorâmica — Miratejo — da Realimo, a três quilómetros de Cacilhas. Serão acompanhados pelo eng. Serge Palokoff, administrador-delegado, e funcionários superiores daquela empresa e percorrerão, ainda, zonas de interesse turístico como, por exemplo, Nazaré, Batalha, Alcobaça, Sesimbra, Vila Franca de Xira, etc.

CARRO ROUBADO

Ao nosso camarada de Imprensa, Cardoso Ribeiro, furtaram, ontem á noite, na Parede, o «Wolkswagen» de cor creme com a matrícula LG-83-00. O caso foi já apresentado ás autoridades.

BOM APETITE

CASTANHEIRA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

CAFÉ «IMPAR»
NO
BAR RIBATEJO
PRAÇA DO AREEIRO, 11-D ABRE AS 7 HORAS

a furna
almoços jantares e ceias até às 3 da madrugada
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 D (à duque de loulé) tel. 53 44 66-56 19 49

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211 (M/ 15 anos)
JANTARES DANÇANTES AOS SÁBADOS E DOMINGOS
C/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
PREMIADO PELO SNI

Os seus cabelos caem?
ITEM já tratou com sucesso milhares de casos!
Numerosos testemunhos, tanto na Suiçacomo em França, onde este tratamento é aplicado há muitos anos, provam a eficácia do ITEM: não só faz parar a queda do cabelo, evitando a Calvície, como-aplicando a tempo-faz renascer outro cabelo.
item

LUSTRES
Se está interessado na sua compra, não o faça sem visitar a Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c. esq. (Ao Campo Pequeno) — Telefone 771639.
VENDA AO PÚBLICO

O «Alwin Nikolais Dance Theatre» dá seis espectáculos em Portugal

A Fundação Gulbenkian traz ao nosso País, no próximo mês de Junho, o conhecido agrupamento norte-americano de bailado «Alwin Nikolais Dance Theatre». Estão previstos espectáculos no Porto (Teatro Rivoli, dia 4), Coimbra (Teatro Gil Vicente, dia 5) e Lisboa (Grande Auditório da Fundação, dias 6 a 9).

Ao longo dos últimos vinte anos Alwin Nikolais afirmou-se como um dos mais originais renovadores da dança do nosso tempo. Criou um estilo próprio, que se caracteriza pela perfeita interpenetração dos componentes som, tempo, forma, cor, luz e movimento, num autêntico teatro total abstracto. Neste tipo de teatro, a música, iluminação, figurinos, adereços e coreografia não estão ao serviço de um conteúdo narrativo. O drama encontra-se na combinação e no entrechocar das diersas formas abstractas, visuais e sonoras, e comunica-se ao espectador por uma via directamente sensitiva. Neste universo estético, o bailarino assume a sua dignidade máxima, como força motora, energia vital que confere sentido humano à dinâmica do obstracto.

Dada a sua extraordinária contribuição para o enriqueeimonto da dança moderna, o Teatro de Alwin Nikolais vem atraindo, nos últimos anos, as atenções dos mais exigentes núcleos artísticos internacionais. Tendo feito dois filmes para a televisão norte-americana — com os bailados *Limbo* e *Tent* —, esta companhia efectuou já duas digressões oficiais pela Europa, durante as quais actuou nas principais cidades e festivais deste continente. As actuações do «Alwin Nikolais Dance Theatre» no City Center de Nova York, em Dezembro de 1939, foram acolhidas com um entusiasmo raramente suscitado por companhias de dança moderna.

Alwin Nikolais e os seus bailados encontram-se presentemente a efectuar a sua terceira grande «tournée» pela Europa, com o patrocínio do Departamento de Estado norte americano. Esta digressão tem a duração de quatro meses e inclui apresentações em Monte Carlo, Tgerão, Paris, Viena, Holanda, Londres (Sadler's Wells Theatre e BBC) e Dubrovnik.

Do programa dos espectáculos a realizar em Portugal constam as seguintes obras de Alwin Nikolais: «Divertimentos I e II», «Echo», «Tent», «Somniloquy», «Tower» e «Structures».

Os bilhetes estão á venda na Fundação a partir de 15 do corrente

FOTOGRAFIA DE MAR

No ambito das comemorações do Dia da Marinha, a Federação Portuguesa de Actividades Submarinas promove o 3.º Salão Internacional de Fotografia do Mar. A recepção dos trabalhos termina no dia 31.

ora diga-nos...

— O teu pai tem cabelo?

Ter cabelo é muito importante. Além disso, com ondas é muito bonito. Respeita — é o que é. Mas o melhor é ler.

● *Disse-nos Carlos Manuel Martins de Sousa, aluno da primeira classe:*

— Não

— Não tem mesmo nenhum cabelo...?

— É como o senhor.

(O repórter é semicalvo.)

● *Palavras de Humberto Martins dos Santos, a frequentar a segunda classe:*

— Tem. Tem muito cabelo. Eu saio a meu pai, pois tenho um cabelame que até espanta os barbeiros!

● *Finalmente, Eliseu Manuel Palaia Rodrigues, aluno do 3.º ano industrial:*

— Pois claro que tem cabelo! Um pai careca é uma coisa chata...

— Chata porquê?

— Porque todos os pais recas são aborrecidos...

NOTÍCIAS BREVES • NOTÍCIAS BREVES • NOTICIAS BREVES

O cançonetista brasileiro Jerry Adriani, que estará em Outubro no nosso País, acaba de gravar as melodias «Seis horas», «Não vou deixar você fugir», «Rosinha» e «Preciso de você agora»

☆ *Patrick Topaloff, aderiu ao estilo de «on-man-show» e está a programar rubricas a apresentar em várias emissoras de televisão da Europa, encarando a hipótese de se deslocar em breve a Portugal. Em declarações recentes prestadas à Imprensa, Topalfo Topaloff afirmou: «Grandes mestres da musica e da literatura, nomeadamente Beethoven, Haendel, Balzac e Boris Vian, não foram para os seus conterrancos mais que «agradáveis divagadores». Não há razão nenhuma para que eu não proceda como eles». No ultimo disco para a etiqueta «Fleche» (editada entre nós pela «tecla»), Topaloff inclui «Hou la la» e «Maman Viens me chercher» que está a ser rodado com frequência em programas de rádio.*

☆ *Victor Casanova, intérprete de fado que cumpriu contrato com o restaurante típico «Balecira», está a programar uma serie de espectáculos em Angola e Moçambique, integrando-se numa caravana artística que tem a partida prevista para muito breve.*

Sessão sobre Redol

No Clube de Teatro Primeiro Acto de Algés realiza-se no sábado, ás 21 e 30, uma sessão de divulgação da obra de Alves Redol, durante a qual serão lidos alguns textos do esritor, extraídos das suas peças, em montagem original efectuadas por um grupo de trabalho daquela colectividade, que se propõe, assim, divulgar a obra teatral do autor de «Forja».

Também a segunda exposição itinerante de Alves Redol estará na sede daquela colectividade, interrompendo a digressão que vinha fazendo na margem Sul, e seguindo depois para a Parede.

o fado e o folclore — restaurantes típicos

VIELA
cantam Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais ✲ Tocam: António Bessa e Fernando Reis **Consumo mínimo 60$00 ✲ Rua das Taipas, 14 ✲ Tel 32 72 56.**

BALEEIRA
Elenco seleccionado — almoços o 25$00 ✲ **À noite consumo mínimo 40$00 — Av. Marginal, 21-22 (Dafundo) — Telef. 21 32 59 ✲ Encerrado às quartas-feiras.**

MIL E UM
cantam: Maria Eva Fátima do Rosário, Ana Maria, Zília Maria, Alzira Moreno Henrique Manuel, António Ferreira e Moisés Campelos ✲ Tocam: Alfredo Alves e Joaquim Pinto — **Consumo mínimo 40$00 ✲ Trav. da Espera, 8 — Telef. 3 54 64 ✲ Encerra às 5 da madrugada.**

TAVERNA DO EMBUÇADO
Elenco: João Ferreira Rosa, Beatriz da Conceição, Antónnio Melo-Correia, Ana Rosmaninho, Colaboração de Vicente da Câmara e João Braga Tocam: Fontes Rocha José Luís Nobre Costa e Pedro Leal ✲ **Encerra aos domingos ✲ Consumo mínimo 90$00 ✲ Beco dos Curtumes, 10 ✲ Tel. 860816.**

LAR PORTUGUÊS
cantam: José Borges, Natália dos Anjos, Rossana Lima e Armando Miranda Tocam: Acácio Gomes e Amadeu Ramon, Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português» ✲ **Consumo mínimo 50$00. Rua da Barroca, 133 ✲ Telefs. 369760 e 30532 ✲ Encerra ás às terças-feiras.**

ADEGA MACHADO
cantam: Esmeralda Amoedo, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, Tina Ferreira Fados de Coimbra por João Queiroz. Trio Arautos, Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira ✲ **Cons. Mín. 70$00 ✲ Rua do Norte, 91 ✲ Tels.: 30095-328713 ✲ Encerra à segunda-feira.**

TIMPANAS
cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emílio Reis, Luís Braga e Benvinda Cruz Tocam Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros ✲ **Cons. min. 61$50 (taxas incl.). ✲ Rua Gilberto Rola, 24 ✲ Telefones: 676655 e 672431**

ADEGA MESQUITA
cantam: Fernando Pinto, Maria Amélia Proença, Francisco Martinho e Alcindo de Carvalho Tocam: Jaime Santos e António Proença. Danças regionais por conjunto privativo ✲ **Rua «Diário de Notícias», 107 ✲ Telef. 328307 ✲ Encerra aos domingos**

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

CASINO ESTORIL
Jogo autorizado ✲ variedades internacionais ✲ **Telefs.: 264521 - 264526-264596-264621-264946.**

ADÁGGIO
A presença de JOSÉ LETRIA Pop — Soul e Undergroung ✲ Sempre os ultimos êxitos em discos recebidos directamente de Inglaterra Estados Unidos e Brasil ✲ **Aberto todos os dias, das 16 às 20 e das 22 às 3.30 h. ✲ Rua Carlos dos Reis, 51-A ✲ Telef. 775695.**

TAMILA
Morão e s/ Conjunto ✲ **Avenida Duque de Loulé, 69 — Tel. 534117 ✲ Matinés todos os dias ✲ Encerra aos domingos.**

CLUBE ANDALUZ
Boite com atracções espanholas ✲ Música constante ✲ Calçada Marquês de Abrantes, 64-66 ✲ Telef. 667264.

«PORTAS DO SOL»
Restaurante-Bar, Almoços e Jantares e serviço de Bar permonente Rua S Tomé, 86, A B C — ALFAMA — LISBOA—Tel 86 7633.

D. QUIXOTE — Bar-Boite
com Carlos Villaret e Tony Vieira ✲ Aberto até às 5 da madrugada ✲ Rua da Trindade, 9 — Telef. 327109 ✲ Encerra aos domingos.

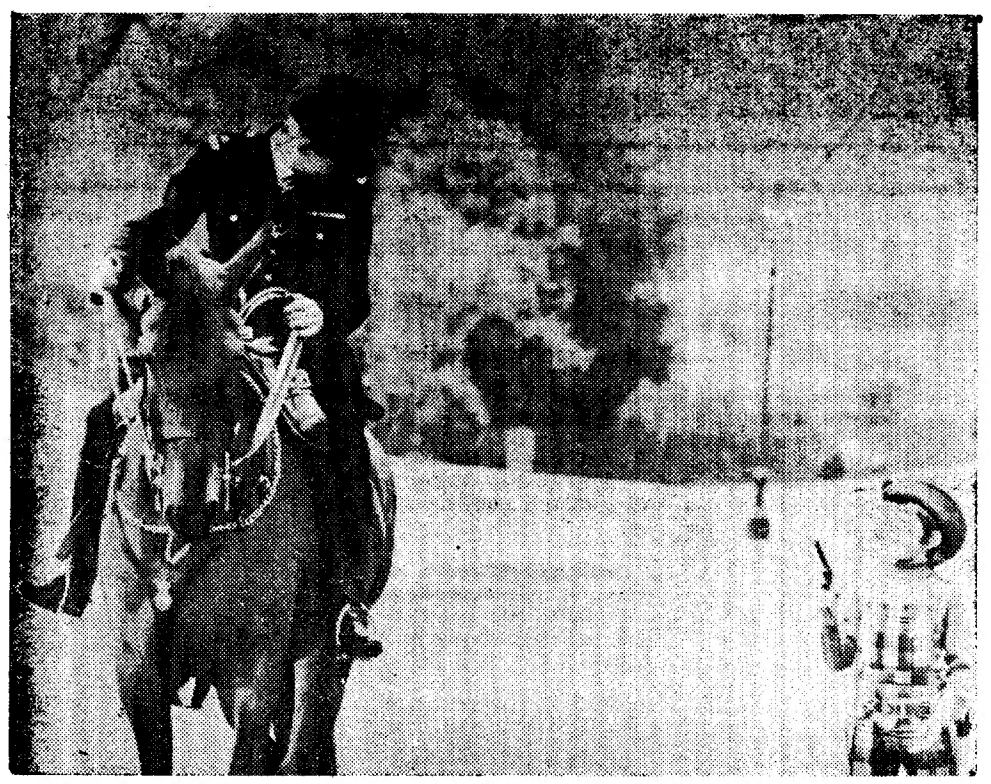
SANZALA
Um pouco de Africa em Lisboa — Musica constante ✲ **Av. Marechal Carmona ✲ Telef. 367136 ✲ Encerra às 3 horas.**

MAXIME
Conjunto 6 ✲ Reacção e Maximiliano ✲ «Show» turístico ✲ Variedades internacionais ✲ **Praça da Alegria, 58 ✲ Telef. 55366.**

a furna
música gravada
ceias até às 3 da manhã
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 d
(à duque de loulé)
53 44 66 — 56 19 49

HIPOPPÓTAMO
Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A ✲ Telef. 48384 ✲ Conj. Hélder Reis ✲ Encerrado aos dominngos.

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)
Conjunto Manuel Viegas ✲ Avenida Duque de Loulé, 73 ✲ Telef. 530171.



O RAPAZ E O POLÍCIA. Suspense para o cavaleiro quando o rapazinho de 7 anos, Adrian Cross, o intimou a parar, apontando-lhe uma pistola. Afinal ficou tudo em bem. O rapaz só queria dar mais realismo ás suas brincadeiras

UM ESPECTÁCULO PARA ESTUDANTES ÓRFÃOS DE MILITARES

Realiza-se no dia 1 de Junho, a partir das 15 e 30, no Casino Estoril, um espectáculo de beneficência com o propósito de reforçar o fundo permanente dos prémios escolares destinados a estudantes órfãos de militares.

Haverá um leilão de cinco viagens por via marítima, oferecidas pela Companhia Nacional de Navegação (duas passagens, ida e volta em 1.ª classe, Lisboa-Moçambique, no valor aproximado de 44.000$) outra oferecida pela Companhia Colonial de Navegação (uma passagem em 1.ª classe, ida e volta aos portos da América Central, no valor de 32.000$00) e mais duas oferecidas pela Sociedade Geral (ida e volta aos portos de Angola).

Outras viagens, oferecidas pela C. P., pela TAP e pela Empresa Insulana de Navegação, serão sorteadas, bem como, para duas pessoas, estadias completas durante dois dias nos hotéis algarvios «Balaia» e «Vasco da Gama».

Os bilhetes que restam á venda para o espectáculo, que inclui um serviço de chá e a exibição de variedades internacionais e durante o qual são consentidos os jogos de «canasta» e de «bridge», encontram-se á venda na redacção da «Defesa Nacional» (edifício da Cooperativa Militar. Rua de S. José, 34, 3.º, telefone 321411).

O leilão e sorteio dos prémios estão a cargo do locutor Fernando Pessoa.

COIMBRA E OS PROBLEMAS DO CICLO PREPARATÓRIO

COIMBRA, 13 — A população escolar aumenta dia a dia, e as instalações vão sendo cada vez mais reduzidas em relação com esse aumento. A maior necessidade é, sem dúvida, motivada pelo Ciclo Preparatório, com a agravante de que para este não havia instalações, as quais tiveram de ser adaptadas de outras escolas.

Depois da construção de uma prefabricada em Santa Clara, anexa ao Liceu D. Duarte, vai agora ser construída outra na Rua Nicolau Chanterene. Esta, pela sua localização, servirá toda a grande zona desde a Conchada, Montes Claros e Celas até aos Olivais, será frequentada por centenas de crianças que andam agora no Ciclo Preparatório dos Liceus D. João III, D. Duarte e Infanta D. Maria e na Escola Brotero.

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS EM ANGOLA

LUANDA, 13 — (A. N. I.) — É do seguinte teor o comunicado agora distribuído pelo comando-chefe das Forças Armadas em Angola:

«Mantendo-se ao nível do mês anterior, em Abril, o número de acções promovidas pelo terrorismo teve uma quebra de 30 por cento em relação ao que se verificou em igual período do ano passado. De facto, como aliás se tem mencionado no que se refere ao número de acções cometidas, a actividade terrorista, especialmente a partir de Outubro de 70, entrou em retrocesso.

As suas acções em Abril repartiram-se pelas seguintes modalidades: implantação de engenhos explosivos, 35 por cento; acções de intimidação das populações, 26.9 por cento; reacções ao avanço das nossas tropas, 22,9 por cento; flagelações contra as nossas tropas, 13.2 por cento; outras acções, 2 por cento.

Estes números revelam que continua a aumentar a percentagem dos engenhos explosivos implantados, mantendo-se a percentagem dos que são detectados e levantados, enquanto os accionados provocaram dois mortos às nossas tropas e dois aos civis.

Mantém-se elevada percentagem de acções de intimidação das populações, embora o número de raptados tenha decrescido para 64 e o de mortos civis não tenha ido além de 11. Há a mencionar a continuação da prática de sevícias, espancamento e rapto de mulheres, e o corte de orelhas de um africano na aldeia de Mufuque, e de outro na sanzala de Quondungue.

Embora o total de baixas sofridas em combate pelos militares se cifre em 19, a actividade puramente ofensiva dos terroristas foi escassa pois como factos salientes apenas há a mencionar uma emboscada nas proximidades de Massau, em que as nossas tropas tiveram cinco mortos, e outra, conjugada com o accionamento de uma mina, nos Dembos, em que sofreram seis baixas.

Aplicadas em missões de protecção e defesa imediata das populações, ou em missões de vigilância, patrulha, reconhecimento e de protecção ou, ainda, missões de assalto e neutralização, manteve-se intenso o esforço operacional das forças de todos os organismos militares e militarizados.

Se bem que todas as missões, com ou sem contacto, sejam igualmente meritórias e contribuam para a pacificação de Angola, da actividade das nossas tropas salienta-se:

Na operação «Santa Cruz», com batidas e emboscadas no norte da província, a reacção do inimigo ás nossas tropas não teve consequências. Os terroristas sofreram 11 mortos e um ferido, foram destruídos cinco acampamentos e capturadas armas.

Na operação «Troar», que decorreu no Leste, foram assaltados e destruídos três acampamentos. O inimigo, ao reagir ao avanço das nossas tropas, causou-nos três feridos. Por seu turno, foram abatidos três elementos terroristas e capturado muito material.

Na operação «Articulação», que decorreu igualmente no Leste, o inimigo reagiu á acção ofensiva das nossas tropas, mas sem consequências. Os terroristas tiveram 12 mortos e um ferido, além de outras baixas não «cotroladas», e foram capturadas 10 armas.

Na operação «Cuquema», no Leste, foi assaltado e destruído um acampamento inimigo e abatidos 15 terroristas.

Na operação «Massango» foi dada protecção á população que, no Leste, colheu grande tonelagem de produtos das lavras.

Os resultados obtidos pelas nossas tropas, no total, foram os seguintes: baixas provocadas, 138 mortos e 30 feridos confirmados; capturaram-se muitas armas e engenhos, entre os quais se salientam espingardas semi automáticas, lança-granadas-foguetes, minas antipessoal e anticarro; e libertaram-se 561 pessoas; com a destruição de alguns núcleos terroristas, criaram-se condições para a apresentação espontanea de mais 579 pessoas.

Para além destes resultados contabilizados por testemunhos verbais e documentos capturados, tem-se conhecimento de que, em consequência da desmoralização reinante, há um acréscimo de deserções as hostes terroristas».

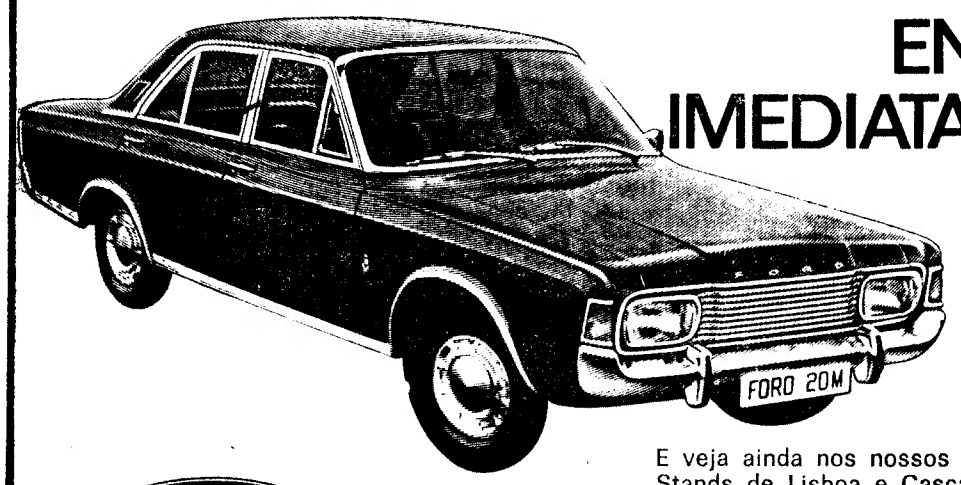
ANTIGOS ALUNOS DO COLÉGIO MILITAR

Promovido pela Associação dos Antigos Alunos do Colégio Militar, realiza-se no dia 17 a reunião dos cursos de saída de 1921, 1946, 1951 e 1961, com o seguinte programa: às 10 horas, concentração no Largo da Luz; 10 e 30, cumprimentos á direcção do Colégio Militar; 11, deposição de flores no Monumento do Colégio Militar e ao busto de Teixeira Rebelo; 11 e 30, desfile do batalhão colegial, e 13, almoço com a presença do comandante do batalhão e sucessores dos ex-alunos presentes.

As inscrições podem ser feitas na sede da Associação dos Antigos Alunos do Colégio Militar, na Calçada Marquês de Abrantes, 40, 1.º dto. ou pelo telefone 662021.

A AUTO-RALI

ENTREGA IMEDIATAMENTE



OS FORD 17M 20M 26M

E veja ainda nos nossos Stands de Lisboa e Cascais os ESCORT, CAPRI, CORTINA e TRANSIT - Que possuem toda a qualidade Ford e são apoiados por toda a nossa assistência

Ford

Ford à Frente

LISBOA — Av. Almirante Reis, 130 A-E • CASCAIS — Av. José Frederico Ulrich

Em três linhas

Foi autorizado o sr. ministro do Ultramar a celebrar, em nome do Governo e em representação especial de Angola, com a sociedade a constituir pela Companhia de Diamantes de Angola e pela De Beers Consolidated Mines, Ltd., que se denominará Consórcio Mineiro de Diamantes (Condiama), o contrato de concessão.

///

Um decreto-lei, pelo Ministério da Saúde e Assistência determina que às categorias de pessoal mencionadas no artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 46 051 sejam acrescentadas as de pessoal técnico auxiliar e de pessoal auxiliar dos serviços farmacêuticos hospitalares.

///

Foi aprovado, oficialmente, o Estatuto do Pessoal da Administração das Instituições de Previdência Social.

///

Um diploma do Ministério da Marinha introduz alteração ao artigo 138.º do Regulamento Geral das Capitanias no que se refere a embarcações adquiridas pelo Estado e revoga o Decreto n.º 31 333.

///

A província de Macau foi autorizada a contrair no Banco Nacional Ultramarino um empréstimo de 2 600 000 patacas destinado a facultar aos C. T. T. os meios financeiros indispensáveis à realização de investimentos para melhorar e desenvolver os seus serviços telefónicos e de radiocomunicações.

///

A Câmara Municipal de Lisboa abriu concurso público para a empreitada de construção de muros de suporte na Rua do Engenheiro Nobre Guedes, em Benfica. A base de licitação é de esc. 2 588 611$50.

///

A pedido da sr.ª dr.ª D. Maria de Lurdes Pinto Pinho, assistente além do quadro da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra foi rescindido o respectivo contrato.

///

Foi prorrogado o prazo para conclusão das obras do Monte Estoril Hotel, a edificar no Monte Estoril pela Companhia Hoteleira do Monte Estoril, S. A. R. L., até ao dia 31 de Dezembro de 1972.

///

Os serviços da Intendência de Pecuária de Bragança vão ser instalados num edifício do Largo do Toural naquela cidade.

///

Está aberto concurso público para adjudicação do fornecimento de viaturas de 1.ª intervenção, para o aeroporto de Pedras Rubras (Porto) e o aeródromo das Flores.

///

Foram aprovados oficialmente os novos estatutos de «A Vencedora» — Associação de Socorros Mútuos.

///

O sr. dr. Soter Albertino Aguiar Ramos foi provido definitivamente no cargo de médico graduado do Hospital de São João no Porto.

NOVAS CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS PROFISSIONAIS DE ELECTRICIDADE

Segundo portaria do Ministério das Corporações e Previdência Social, lavrada após parecer favorável das Corporações interessadas as disposições de alteração ao contrato colectivo de trabalho celebrado entre os grémios conselhio dos Comerciantes de Material para Electricidade, Artigos de T. S. F. e Musicais de Coimbra e das Oficinas de Reparação de Automóveis, Garagens e Indústrias Anexas do Norte e o Sindicato Nacional dos Electricistas do Distrito de Coimbra, homologadas por despacho de 5 de Fevereiro último, são aplicadas a todas as empresas que nos distritos de Coimbra, Guarda, Castelo Branco, Aveiro, Leiria e Viseu tenham ao seu serviço electricistas das categorias previstas no contrato representados pelo Sindicato Nacional dos Electricistas do Distrito de Coimbra, e bem assim aos respectivos profissionais, ficando ressalvada a regulamentação convencional específica.

Centro Europeu de Relações Públicas

Decorre, esta semana, em Milão, a reunião dos conselhos de administração e da direcção do Centro Européen des Relations Publiques (CERP), que coincide com a assembleia geral da Federação.

A fim de participar nos trabalhos daquela reunião internacional, partiu para Itália o presidente da Sociedade Portuguesa de Relações Públicas, Avellar Soeiro, que igualmente presidirá ao principal grupo de trabalho daquele organismo, intitulado Conférence Européenne des Associations Nationales (CEDAN), que congrega as associações de Relações Públicas dos 12 países membros do C. E. R. P.

Fazem igualmente parte da delegação portuguesa os srs. José Roquete de Mendonça e dr. Diogo Veinstein, membros da Sociedade Portuguesa de Relações Públicas.

Facultamos
crédito a médio ou longo prazo para:
- Investimento
- Produção e venda a prazo de bens de equipamento nacionais
- Exportação.

Colaboramos
com as actividades económicas nacionais na realização de:
- Estudos económicos sobre oportunidades de investimento
- Contactos com empresas nacionais e estrangeiras para a concretização de iniciativas de interesse mútuo.

Remuneramos
depósitos de prazo superior a um ano à taxa de **5,75%**, com:
- Isenção total de impostos
- Disponibilidade dos depósitos por meio de livranças
- Segurança total.

BANCO DE FOMENTO NACIONAL
METRÓPOLE Sede LISBOA Delegações PORTO COIMBRA BRAGA SANTARÉM ÉVORA VISEU AVEIRO
ULTRAMAR Direcções Gerais LUANDA LOURENÇO MARQUES
IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

DESAPARECERAM OS SINOS DA IGREJA DE CARDIGOS

De um nosso leitor que devidamente se identifica recebemos a seguinte carta a propósito do desaparecimento dos sinos da igreja de Cardigos, localidade ribatejana a 50 quilómetros de Abrantes:

«Em Cardigos. Vila cujo foral dado por D. Manuel I data de 1518, existiam até há poucos anos duas igrejas — uma mandada construir em 1525 por D. João III, a Igreja da Misericórdia, e outra, a Igreja Matriz, cuja primeira pedra foi lançada em Agosto de 1905 por monsenhor José Gregório Tavares.

Anos atrás ardeu a Igreja da Misericórdia, há muito já abandonada, e como a Igreja Matriz precisasse de obras lançou o actual pároco uma campanha para a construção da nova Igreja, já em meio no local da que ardera.

Como o povo não concordasse com o local escolhido, por muito apertado e sem condições, começaram as «represálias» do padre, que apostou em fazer a obra à custa do mau gosto e contra a vontade duma freguesia representada por uma Comissão que não estava para maçadas.

E essas «represálias» foram o *vender* os sinos da Igreja Matriz. Sinos com mais de um século. Sinos que, fundidos em 1850, na vila de Cardigos para os quais uma senhora, também de Cardigos, *«ofereceu uma abada de moedas de prata em virtude das quais o sino adquiriu o som tão agradável que hoje tem»* (in «*Monografia de Cardigos*», do Rev.º Henrique da Silva Louro). Vendeu os sinos, mas o povo soube e houve em Cardigos quem entregasse ao padre o dinheiro que este recebera pelos sinos seculares — seriam 30 moedas — para que os sinos não fossem levados.

Aquietou-se o povo, mas não mais os ouviria tocar a «Matinas» e às «Ave-Marias», que o padre lhes tirara o badalo...

Começou então a funcionar um carrilhão com «Ave» de Fátima despropositado, na torre da nova igreja, que vai em meio e ainda não foi benzida.

O povo aquietou-se à espera de que tudo voltasse ao normal, e isso era esperado com calma pelo pastor, que ao ver o rebanho distraído se foi à torre que também quer demolir, e *vendeu os sinos!*

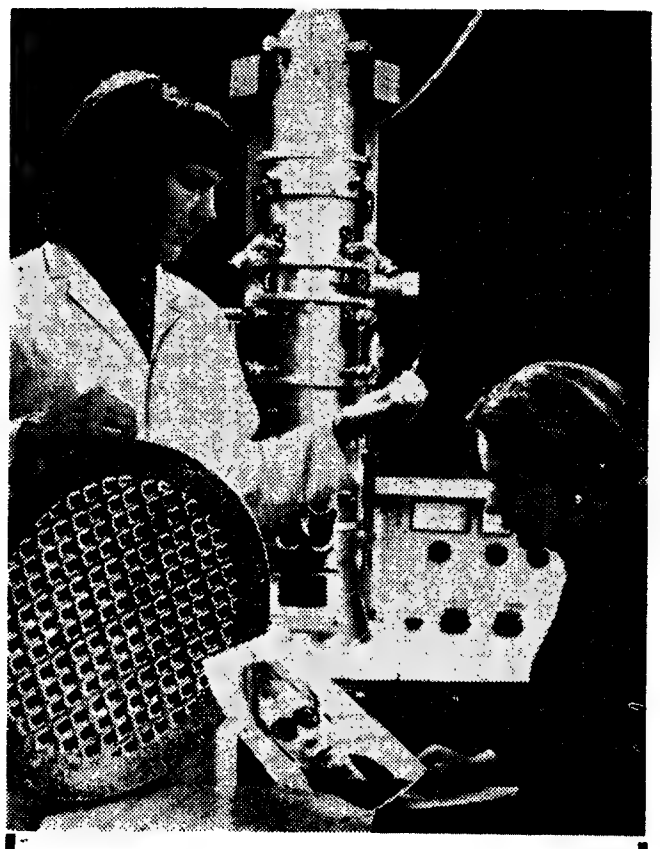
A esta hora já estão em Braga, quem sabe se derretidos...

É o cúmulo: anda um povo a trabalhar durante gerações, cria tradições, alcança símbolos que colonos e emigrantes levam no coração e esperam ansiosamente ver um dia, e vem um qualquer, guindado a um lugar para o qual não tem formação, e destrói dum golpe astucioso, não já o património secular da Igreja, mas o património cultural duma comunidade.

Há em Lisboa uma «Liga dos Amigos de Cardigos», há cardiguenses espalhados por todo o Portugal, por todo o Mundo, há o povo de Cardigos, da Freguesia, há as autoridades eclesiásticas, há a lei, há, isso sim e há que... os sinos foram vendidos!!

Destes todos que citei não haverá quem tenha força para fazer regressar os sinos à sua torre, para continuarem a lembrar aos homens, como o têm feito desde há 121 anos, a hora de louvar o Senhor, para voltarem a saudar diáriamente a Deus cantando o louvor dos homens?

A haver, tem que ser já antes que o comprador, conhecedor da torpeza do que faria (pois os foi buscar às ocultas), os derreta».



MIL LIVROS EM 0,25 MILIMETROS QUADRADOS — Técnicos alemães realizaram o que pode chamar-se a inversão do processo do microscópio electrónico, reduzindo informações ao mínimo. Explica-se com base na gravura: a «roda» à esquerda é uma ampliação de uma rede em cujos interstícios se «armazenam» textos ou fotografias miniaturizados. A senhora da bata branca tem na pinça uma rede portadora original de dois milímetros de diâmetro e, em primeiro plano, vê-se a ampliação de uma foto anteriormente miniaturizada. Com este processo, será possível registar numa folha de 5x5 milímetros mil livros do tamanho da Bíblia ou um milhão de fotografias, logo que a Siemens conclua os estudos em que trabalha actualmente

STUART, AMARELHE CARLOS BOTELHO E NUMA EXPOSIÇÃO DE CA

Da vasta e valiosa colecção de gravuras do conhecido coleccionador Fernando Rau, reunida ao longo de dezenas de anos e mais de uma vez exibida sob temas diversos, foi possível extrair um temário novo como o que, com a colaboração de outros coleccionadores, se expõe agora nas salas da Academia dos Amadores de Música. Exposição interessantíssima e bem original, a primeira no género não só efectuada entre nós mas até, arriscamo-nos a dizê-lo, no mundo culto além-gronteiras. Pelo menos, não temos notícia de outra semelhante em qualquer outro lugar ou capital.

Estudiosos especialistas já se debruçaram sim sobre este atraente tema artístico: títulos e frontispícios decorativos de edições musicais. O primeiro estudo publicado data de 1904, da autoria do coleccionador e investigador John Grand-Carteret, que, no entanto, já se ocupara deste assunto num capítulo do seu sugestivo volume «Vieux Papiers Vieilles Images», de 1896. De 1921, pela editora Röder, de Leipzig, foi publicado um grande álbum sobre «Musiktitel». Em 1949 começa a publicar-se a grande enciclopédia alemã de Música, bastante ilustrada e portanto de proveitosa consulta nesta matéria. O último estudo, supomos, é o de 1968, de Gottfried Fraenkel «Decorative Music Title Pages», da editorial Dover de Nova York, e será principalmente dele que nos socorreremos para traçar um rápido bosquejo da história desta matéria, tão intimamente ligada não só à editorial musical como á própria história da gravura e da ilustração, inserindo-se assim no horizonte mais largo da evolução das técnicas e dos estilos artísticos, quando não no próprio gosto das sociedades. O que, seduzindo naturalmente o estudioso, não dei-

Por **ADRIANO DE**

O MONUMENTO A CRISTO-REI TEM 12 ANOS

Ocorre no dia 17 o 12.º aniversário da inauguração do Santuário de Cristo-Rei em Almada. Para assinalar a data, haverá os seguintes actos religiosos: nos dias 14, 15 e 16, ás 16 horas, exposição solene do Santíssimo Sacramento, e ás 17, missa e pregação; e no dia 17, ás 12, missa seguida de exposição solene do S. S. até ás 16 e 30, e, ás 17 e 30, missa solene celebrada pelo cardeal-patriarca, seguida de procissão eucarística e renovação da consagração de Portugal aos Corações de Jesus e de Maria e bênção do Santíssimo.

FÉRIAS NA PRAIA

AS EXCURSÕES MAIS ECONÓMICAS PARA AS SUAS FÉRIAS DE VERÃO

Viagens Apolo

(Partidas de Lisboa)

PALMA DE MAIORCA
8 ou 15 dias desde 2.980$00
TORREMOLINOS
8 ou 15 dias desde 1.780$00

Vacaciones

(Partidas de Madrid, Barcelona, Valência ou Sevilha)

PALMA DE MAIORCA
8 ou 15 dias desde 1.270$00
IBIZA
8 ou 15 dias desde 1.595$00
TORREMOLINOS
8 ou 16 dias desde 1.635$00
CANARIAS
8 ou 15 dias desde 2.365$00
RIMINI
8 ou 15 dias desde 2.365$00

APARTAMENTOS E HOTEIS CLUB

Novo sistema de alojamento para as suas férias em TORREMOLINOS, FUENGIROLA, BENIDORM, PALMA, COSTA BRAVA, CANTABRICO

PAGAMENTOS ATÉ 12 MESES

RUA ROSA ARAÚJO, 2
TELEFS. 53 69 71

Melia

Em LEIRIA o «DIARIO DE LISBOA» é vendido por Baltazar & Rodrigues, Rotunda de Santana, 1.

Materna

NA

AV. ROMA

a via ápia do seu bom gosto

Para sua comodidade encontra agora uma Materna na Av. de Roma esquina com a João XXI

Materna LISBOA · PORTO · COIMBRA · CASCAIS

HE, KRADOLFER E (ATÉ) ALMADA CAPAS DE MUSICAS

xa de apresentar mais de uma dificuldade á completa e perfeita catalogação de cada espécie, tantos os dados que convergem em cada uma destas publicações.

«ORFEO» NO CARNAVAL

Há, felizmente, entre as peças mais antigas expostas, a assegurar os pergaminhos do género decorativo, uma edição de Veneza, a conhecida parti-

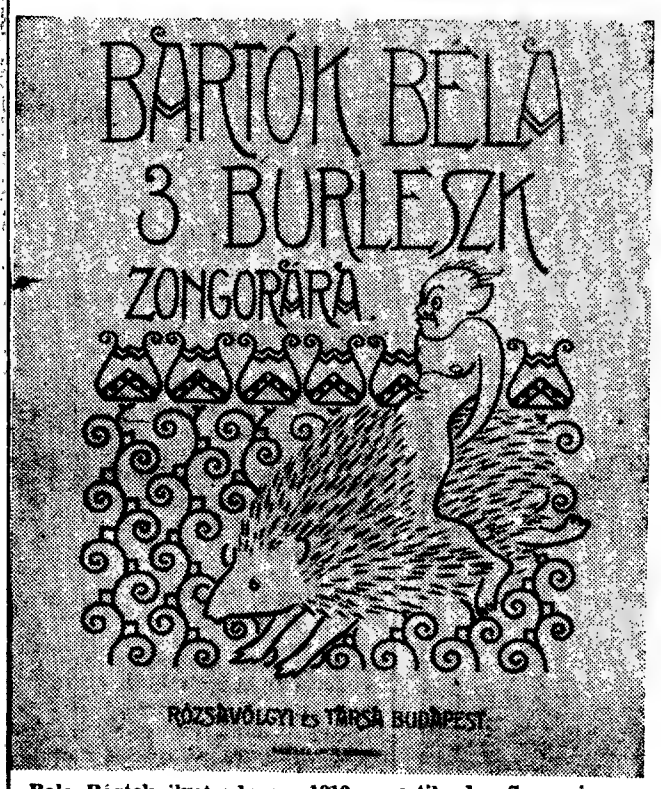
DE GUSMÃO

tura de «Orfeo», para ser executada no carnaval de 1776 Nesta data, Veneza gozava os ltimos esplendores de toda a ua longa e extraordinária vi- la de republica patrícia, que ácilmente se avaliam através le memórias e das belas e vocativas pinturas de Canaetto e Guardi. Eram as gran- da maravilhosa cidade da Laguna, é uma das 44 óperas do fecundo Bertoni, que foi organista e mestre de capela de S. Marcos. Os seus editores, Alessandri e Scataglia, com oficina «sopra il Ponte di Rialto», foram também gravadores, podendo atribuir-se-lhes Petrucci, Vincenti e Gardano e seus sucessores, como a família Magni, entraria também no ocaso, como outras das suas industrias. A passada prosperidade editorial — acompanhada de um regime oficinal muito rigoroso no recrutamento e aprendizagem do ofício —, reflectira, como se sabe, toda uma actividade contínua e variada tanto nos espectáculos de ópera como em concertos com segurança a fina e elegante decoração figurada que emoldura tão graciosamente o título.

O GOSTO DECORATIVO

Embora não se exponham aqui as galantes decorações francesas para peças de cravo,

Stuart capistas — versatilidade e «verve» servidas por um lápis ágil e desenvolto de Viena



Bela Bártok ilustrado em 1912 no estilo da «Secession»

es procissões e cortejos, recepções a embaixadores, e am também as pequenas fes- s populares dos *sestieri*, as *gre*, como também era esse latado carnaval, que logo coeçava a seguir ao Natal!... ntretanto, havia as espectaulares festas da Ascensão, em gosto, com a saída do *Bucinro*, barca engalanadíssima ra os celebrados esponsais m o Mar... Pois para uma stas festas, a da Ascensão 1775, há aqui exactamente na das peças musicais comstas e ilustradas para a circunstância.

Dentro de um vinténio, pom, sob o jugo napoleónico, se fulgor hedonístico extinir-se-ia. E a importância itorial que Veneza desfruta- desde o século XVI, quer m a famosa tipografia dos anutius quer, no campo mucal, com os célebres editores usicais em igrejas, conven- s e hospícios, de tal modo e Veneza se tornara a cidade por excelência dos musicos, de Haendel e Vivaldi triunram e Rousseau se converti- á musica italiana.

Este *Orfeo*, que nos trouxe ressistivelmente a evocação por exemplo, com preciosos desenhos de Lancret ou de Rigaud, somos levados a aproximá-las pelo espírito que as irmana a este padrão veneziano. Em França, o século XVI fora dominado pelas edições musicais de Le Roy e Ballard, sob o gosto decorativo do maneirismo de Fontainebleau, portanto, de raiz italiana, florentina. Com Luís XIV, a época da grande ópera e do entusiasmo pelo cravo, a ornamentação das peças editadas são já, como é lógico, no estilo barroco, com os seus querubins, panejamentos e instrumentos musicais, enquadrando os títulos, cuidadosamente gravados. No período seguinte, com o Rococó, as preferências dividir-se-ão pelo violino, cujas peças musicais serão divulgadas em bonitas edições decoradas por conhecidos mestres, não só o citado Lancret como Lebas, Lemire e Gravelot.

Este estilo francês irá, por sua vez, influir a produção inglesa da época, mas além Mancha introduz-se bem cedo a decoração neoclássica, como demais sucedera na arquitectura e no mobiliário. A presença em Londres de artistas italianos, como Ciprlani e o nosso bem conhecido Bartolozzi, terão contribuído para essa mudança de gostos e estilos nas publicações. E a propósito do gravador Bartólozzi, que se individualizou pela sua técnica «pointillé», será caso para perguntar se este famoso mestre não terá ilustrado qualquer composição musical, quando no começo do século passado veio trabalhar para Lisboa. O investigador Ernesto Soares não regista, é certo, qualquer peça sua neste género, mas talvez não seja infrutífera uma pesquisa neste terreno mal cultivado pelos historiadores de arte.

O PIANO VERTICAL

Uma nova técnica, a da litografia, mais expedita e económica que a da tradicional gravura a buril e água-forte, irá avassalar a editorial do século XIX, facilitando uma mais larga decoração figurada, flagrante e pitoresca, concorde com o novo espírito que animava a sociedade do Romantismo. O piano alcança então o maior prestígio e fascínio, graças a toda uma literatura criadora de grandes mestres, autores de um repertório imenso e exaltante, e também á execução de extraordinários virtuoses. Aperfeiçoado o genial protótipo de Cristofori de Pádua, os grandes fabricantes franceses, italianos e alemães constroem não só os pianos de concerto como aquele outro modelo de piano vertical que com tanta facilidade se acomodava nas salas de uma burguesia nova e socialmente preponderante. Repetir-se-ão os recitais e saraus em casas particulares e agremiações. A própria pintura documentará esses serões de amadores, até no bom sentido da palavra. Entre nós, é bem conhecida a tela de Columbano, de 1882, precedida por outras pequenas pinturas e gravuras que são deliciosos apontamentos dos ambientes verdadeiramente queirosianos da nossa pacata burguesia.

Todavia, Camilo, nas «Novelas do Minho», acusara o piano de haver, como uma peste, corrompido a terra de Santa Senhorinha... Lá tinha as suas razões, que não são difíceis de adivinhar...

Mau grado esta impiedosa e irónica denuncia, foi, no entanto, para o piano-forte, como então se dizia, que se editaram um sem-número de composições tanto de obras originais como de transcrições especiais para o instrumento-rei. Aqui figuram algumas dessas transcrições, como a da ópera «Simiramide» de Rossini, de título decorado.

Compreensívelmente, é o século XIX o de mais abundante representação, com as tão interessantes litografias do Romantismo francês e as do «fin de siècle», nos lápis de Steilen e de Toulouse-Lautrec, em provas «avant lettre», valendo independentemente das musicas que ilustrariam. De Lautrec aparece aquela estampa (n.º 26) publicada pelo popular café-concerto *Mirliton* de Paris, e que reproduz um seu perdido e ignorado painel, então exposto nesse *cabaret*, em 1886. Uma das revelações desta exposição.

DE ESTEFÂNIA AO CUBISMO

Entre as ilustrações nacionais ou ligadas á vida portuguesa expostas, compreendidas dentro do mesmo século, revela-se uma outra espécie iconográfica, não registada pelos especialistas: o bonito retrato da rainha D. Estefânia, cuidada litografia a cores, que ilustra uma valsa que lhe é dedicada (n.º 49). Retrato certamente inspirado neste decora a romanza «La Reine Stéphanie» (n.º 50), litografia a negro desenhada por Michellis.

Merece observação especial a valiosa série de musicas de Alfredo Keil, pintor e paisagista que também foi, de muita qualidade e nem sempre suficientemente lembrado. A decoração destas suas edições traduz não só o seu natural pendor paisagista como o naturalismo velado por certo sentimento que a pintura da época ainda exprimia por inextirpável vínculo romântico. É pois provável que o pintor tenha desenhado as capas das suas próprias musicas. O paisagismo do fim do século passará naturalmente, numa litografia anónima para a Pastoral do Lago da Pena, em Sintra, do então juvenil e precoce Viana da Mota, e entrará-se-á na ilustração de Casanova, numa «Valsa Aragonesa».

Mas a passagem do século será já marcada pela Arte-Nova, numa decoração toda curvilínea e fitomórfica. A arte editorial, a do livro e a da musica, reflectiram irresistivelmente a nova expressão do desenho, a veemência e elegancia da linha. Era um terreno próprio para frutificar essa nova concepção decorativa. Três peças típicas estão aqui expostas: uma valsa «Marche Gillerette», com litografia de Poulbot, que se encontra no átrio, e as musicas de Shönberg, de 1910, com boa gravura, e de Bela Bartok, de 1912, com notabilíssima decoração, no estilo da *Sessession* de Viena.

Entretanto, irrompera a grande revolução cubista. E, embora, vários artistas criadores desta nova visão das formas tenham inserido até motivos de natureza musical nas suas composições plásticas, mal poderemos assinalar a sua participação em títulos ou frontispícios de edições de musica. Aparece aqui, é certo, — e parabéns ao coleccionador! — o desenho de Picasso — fatal Picasso! — na composição «A la Jeunesse», sobre letra de Romain Rolland. Picasso não poderia deixar de se interessar por este género, pois tem percorrido todos os campos como um profissional multímodo e que nunca recuou perante a nenhuma experiência.

Um outro seu desenho, e pouco divulgado, cabe aqui citar, conquanto não exposto, associando-o de mais á memória do genial compositor que acaba de ser sepulto em Veneza: Strawinsky. É o desenho-título do famoso «Ragtime», na versão para piano, de 1919. Trata-se de um admirável desenho a traço contínuo, figurando dois musicos, e com letras manuscritas. A precedente edição de 1918, para 11 instrumentos, também foi ilustrada por Picasso. Em Portugal não houve cubismo e portanto não encontraremos en-

(Continua na página seguinte)

UM ANO DE INOVAÇÕES NA FEIRA DA AZAMBUJA

AZAMBUJA, 13 — De 20 a 24 do corrente decorrerá nesta vila a XIV Feira-Exposição que, apresentando inovações e aspectos originais no seu conjunto, atrairá, como sempre inúmeros visitantes.

O programa do importante certame foi assim organizado: dia 20, ás 9 horas, gincana de tractores; ás 20 e 30, jantar de homenagem ao «Tractorista», verdadeiro obreiro do Ribatejo dos nossos dias, e distribuição de prémios da Gincana; 22 e 30, «Noite do Fado»; dia 21 ás 18 e 30, corrida de campinos; 20 e 30, jantar de homenagem ao «Campino» e distribuição de prémios da corrida; 22 e 30, serão de variedades; dia 22, ás 15 e 30, concurso de Apresentação do Cavalo de Sela; 18 e 30, entrada de toiros conduzidos por campinos pelas ruas da vila; 22 e 30, jantar no Pavilhão da Caridade; 22 e 30, «Serão Castiço»; dia 23, ás 10, entrada de toiros conduzida por campinos pelas ruas da vila; 12, desfile de cavaleiros, amazonas e equipagens no recinto da Exposição; 12 e 30, inauguração oficial da Exposição de Gado; 13 e 30, almoço e distribuição de prémios aos expositores; 15, continuação do desfile de cavaleiros, amazonas e equipagens no recinto da Exposição; 20, jantar no Pavilhão da Caridade e 22 «Noite de Folclore».

CRUZEIROS no modernissimo N/T "FUNCHAL"
MADEIRA - Partidas 21 e 30/6; 17/7; 3, 13 e 20/8; 6, 15 e 23/9; 11 e 30/10; 25/11 e 13/12 - 8 dias. Barco e Hotel (de 1.ª) - desde 2900$ com excursões
MADEIRA e AÇORES - Mesmas datas (excepto a 13/8 e 15/9) - 1 dia
MADEIRA e CANÁRIAS - Partida 3/10 - 7 dias
Inscrições: abreu DESDE 1840
LISBOA - Av. Liberdade, 160 - PORTO - Av. Aliados, 207 - COIMBRA - Rua do Sota, 2

ESCRITÓRIO
Andar c/ amplas div., na Rua Presidente Wilson, 6 (à Praça de Londres). Tel. 32 04 30.

ANDARES NA LAPA
7 assoalhadas, c/ garagem individual. Bonita vista — Travessa do Ferreiro, 4.

NOVOS DIRIGENTES DO CLUBE ASAS DO ATLÂNTICO

São assim constituídos os novos corpos gerentes do Clube Asas do Atlântico (Aeroporto de Santa Maria — Ilha de Santa Maria — Açores):

ASSEMBLEIA GERAL — presidente, Hermano de Oliveira Cabral; vice-presidente, Rui Teixeira de Andrade Coutinho; 1.º secretário, Luís Manuel Pereira da Camara Teixeira e 2.º secretário, Vasco Porfírio Andrade.

DIRECÇÃO — presidente, Óscar Monteiro de Medeiros Arruda; 1.º secretário, Manuel Vieira Viula; 2.º secretário, Francisco Elias Franco Ferreira; tesoureiro, Adriano Ferreira; vogais, Manuel Natalino de Quental Sarmento, Francisco Manuel Pacheco de Sousa, António Furtado, José Alberto Pereira da Costa, e Jácome Liberal Pereira da Costa.

CONSELHO FISCAL — presidente, Eduardo Ferreira dos Santos Cambraia; secretário, Manuel Pereira Lopes e, relator, António José de Medeiros Arruda.

UMA EXPOSIÇÃO DE CAPAS DE MÚSICA

(Continuação da pág. central)

trecnós qualquer decoração no estilo.

A arte abstracta de anos posteriores documenta-se, felizmente, com as peças finamente desenhadas por Brancusi (n.º 44) e Klee (n.º 45).

A gravura, porém, é cada vez menos cultivada neste género. A grande época das capas e frontispícios de musicas como que está revoluta. Quando surge uma peça de qualidade, recorre-se já aos modernos processos de fotogravura, de que é um excelente exemplo o da recente edição, de 1969, do «Capriccio» para violoncelo, de Penderecki, de capa prateada e discretas formas abstractizantes (não exposta).

ALMADA — «ONE STEP»

A representação portuguesa está, estèticamente, muito distanciada dos exemplos estrangeiros. Em compensação, oferece-nos, e é este um dos aspectos mais reveladores desta exposição, do período de entre as duas guerras, muito negligenciado pelos estudiosos, um curiosíssimo e surpreendente conjunto de obras dos compositores que então se popularizaram em canções ligeiras e que foram decoradas por artistas da época, alguns dos quais já não fazendo parte do numero dos vivos. Só este grupo de ilustrações justificaria a exposição.

O grande triunfador destes anos foi, sem favor, Stuart, pela sua versatilidade, sua *verve*, pelo seu traço tão pessoal e expressivo, pela graça tão típica e plebeia que cria e povoa, as capas que ilustrou com a graciosidade máscula do seu lápis ágil e desenvolto. Mais elementos gráficos a juntar á sua obra, já recolhida em dois álbuns.

Não esteve só. Outros nomes se juntaram nessa tarefa ilustradora, como os de Amarelhe, tão estreitamente ligado ao meio teatral, Bonfim, com felizes soluções gráficas, e Kradolfer, este suiço que tanta influência exerceria nas artes gráficas entre nós. E Almada Negreiros. Salientaremos de Almada a ilustração dos «Fados Corridos», de José Navarro (n.º 134): no centro da capa, o desenho de uma pequena mesa enviesada em que pousa, dentro da diagonal da cercadura, uma grande guitarra cujo braço desce até ao canto dessa mesma cercadura, recortada como um bordado; e as costas de uma cadeira traçada a cheio, como um veemente sinal gráfico. A mesa é quase como um arquétipo; dir-se-ia que essa mesa fazia parte do seu repertório formal, que estava como que infusa no seu espírito, esperando a hora futura e definitiva em que o Poeta mortal se sentaria na cadeira vazia, para, debruçando-se sobre essa mesa neutra e ao mesmo tempo familiar, se articulasse o seu renovador canto de Orfeu... E hoje, a tela-recorde é memória gloriosa tanto do Poeta da «Hora Absurda» e da «Mensagem» como do Pintor dos frescos das gares marítimas, que não desdenhou, em horas modestas, de ilustrar um «one step».

ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUENSE

PORTO, 13 — Reuniu-se a direcção da Associação Industrial Portuense, que tratou de assuntos de natureza associativa e também respeitantes a actos de carácter festivo e comemorativos de interesse para os meios económico e social.

A direcção registou, com apreço, o modo como decorreu a sessão solene comemorativa do 122.º aniversário da fundação da colectividade, que teve larga representação do Governo entidades oficiais, civis, militares e religiosas, bem como de numerosos associados. Anotou, também, com agrado o trabalho apresentado pelo sr. brigadeiro Fernando Oliveira, sob o tema «Gestão de Empresas na Década de 70.»

No que respeita aos actos relativos á celebração da escritura de aquisição dos terrenos á Camara com vista á edificação do Pavilhão de Exposições — Expo-Porto — e ao jantar comemorativo oferecido ás entidades oficiais e aos corpos directivos da colectividade, deliberou que na acta da reunião ficasse uma referência especial de tais actos, por se tratar de acontecimentos da mais alta relevância para a cidade e todo o Norte do País.

Finalmente, a direcção tomou conhecimento da posição actual referente á V Exposição Têxtil Internacional, a realizar aqui de 16 a 31 de Outubro.

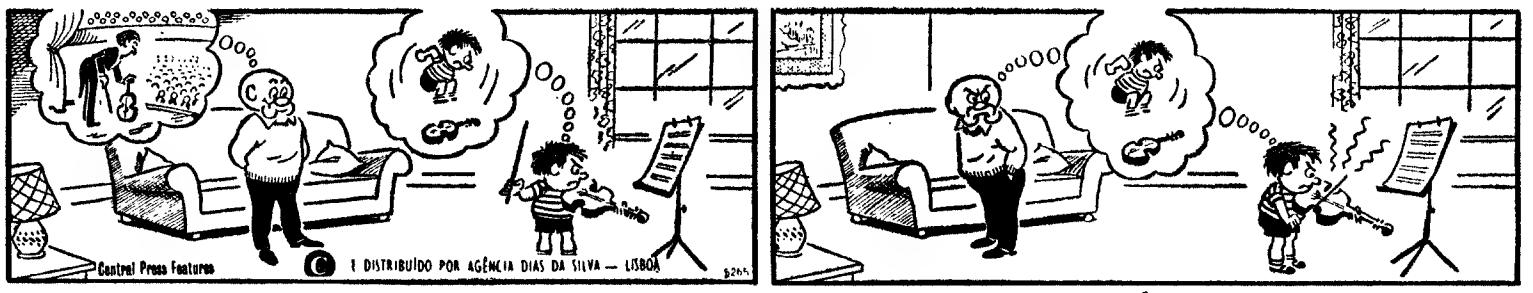
Liga dos Combatentes

De 17 a 30 do corrente, serão exumados, no talhão privativo do cemitério do Alto de S. João para a Cripta dos Combatentes, os restos mortais dos combatentes sepultados nos ovais n.os 3258 a 3271 (dois por dia).

OS PEÁTNUTS

CAROL DAY

AVENTURAS DO TIO CARLOS



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 13 de Maio de 1941 publicava:

«**LONDRES, 13 — A notícia da descida de Rodolfo Hess em território britânico, que foi confirmada por um comunicado oficial, causou, como é natural, a maior sensação. Hess, que fez 47 anos no dia 26 de Abril, era considerado o único amigo verdadeiro de Hitler, que lhe chamava mesmo «o meu mais querido amigo». Representante do Fuehrer durante muitos anos junto do Partido, e designado como seu sucessor a seguir a Goering era conhecido por «nazi n.º 3» entre os alemães, que o consideravam o «alemão ideal».**

A FESTA
DA RAINHA SANTA EM VILA DO REI

VILA DE REI, 13 — Celebra-se aqui no dia 16 a tradicional Festa da Rainha Santa Isabel, que costuma atrair forasteiros de diversas regiões.

Eis o programa, antecedido de cerimónias religiosas amanhã, depois e no sábado: no domingo, ás 8 horas, missa das Almas na igreja matriz; 9.30, chegada da Filarmónica da Sertã, que percorrerá as ruas da vila em saudação aos seus habitantes; ás 10, missa do Meio; ás 11, pedrómio na vila; ás 13, missa solene e sermão; ás 15, a tradicional Procissão das Rosas para a capela onde se venera a imagem da Rainha Santa, na qual se incorporam grupos de anjos e outros quadros religiosos vivos, vestidos com fatos vindos de Braga expressamente para o efeito; a seguir, venda de fogaças junto da capela; ás 16, no Largo da Misericórdia, concerto pela mesma Filarmónica; ás 19.30, encerramento das festas

CAMISAS POR MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

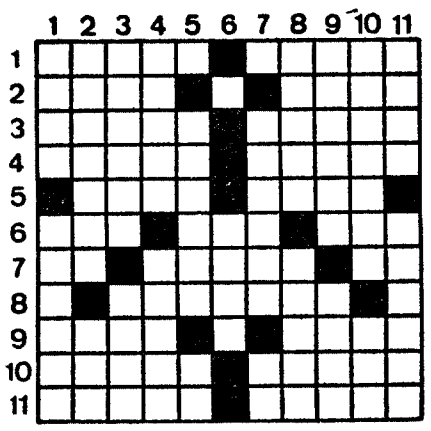
Palavras cruzadas

PROBLEMA N.º 5891

COM PROVÉRBIO

HORIZONTAIS: 1 — Jeira. Respiros com dificuldade. 2 — Terreno fechado destinado a tornelos. Rã (pop.). 3 — Aguça. A classe sacerdotal. 4 — Perceber. Níveles. 5 — Traço. Activo (inv.). 6 — Raízes. Madeira. Fruto da oteira. 7 — Artigo definido. Áridos. Campeão. 8 — Repetiras. 9 — Deus egípcio do Sol. União. 10 — Apanhas. Inflamar. 11 — Lavrais. Tecido de algodão muito transparente.

VERTICAIS: 1 — Flancos. Antiga moeda brasileira de prata. 2 — Limpares. Oceano. 3 — Gastas. Lábios. 4 — Ofereceréi. Península montanhoso da Arábia, entre os golfos de Suez e Acaba. 5 — Fios metálicos. Abreviatura de Santíssimo. 6 — O mesmo que açaizeiro. 7 — Pessoa a quem se deve dinheiro em relação ao devedor. Antes de Cristo. 8 — Moer. Avança. 9 — Frescura. Feches as asas para descer mais depressa. 11 — Saudáveis. Tostara.



Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 5890

HORIZONTAIS: 1 — Madre. Macem. 2 — Oleou. Acaso. 3 — Rimar. Cospe. 4 — Tão. Aer. 5 — Eira. A. Arrã. 6 — Sara. Afia. 7 — Sacaria. 8 — Rs. Moram. Rn. 9 — Ion. Som. Pão. 0 — Meais. Anéis. 11 — Asoto. Salão.

VERTICAIS: — 1 — Monte. Prima. 2 — Aliais. Soes. 3 — Demoras. NÃO. 4 — Roa. Aram. It. 5 — Eure. Acosso. 6 — Aro. 7 — Maçã. Aramas. 8 — Aço. Afim. Na. 9 — Casaria. Fel. 10 — ESPERA. Raia. 11 — Moera. Anoso.

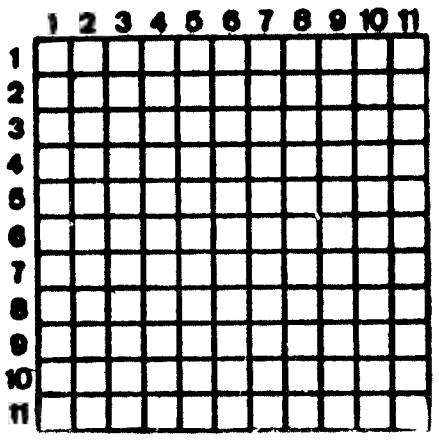
PROVÉRBIO: A morte não espera

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9734

HORIZONTAIS: 1 — Basto. Homem esforçado ou ilustre. Platina (s. q.). 2 — Herdade delimitada por marcos. Ant. Oferecer. Peso indiano, que varia entre 15 a 20 arrobas. 3 — Soluçar. Acabamento. 4 — Ruim. Obrigas. Antes do meio-dia. 5 — Cume. Cada uma das partes duras e calcificadas que formam o esqueleto dos animais. 6 — Mediana. 7 — Artigo definido. Fronte. Antes do meio-dia. 8 — Unir. Encolerizara. 9 — Esconde. Caminhes. 10 — Gota (fig.). Camareiras. 11 — Perfumara.

VERTICAIS: 1 — Insista. Termina. 2 — Equipar. Pertencente ou referente ao sol. 3 — Abreviatura que se usa em música. Nulo. Tanque de jardim. 4 — Prendo. Abrigam. 5 — O mesmo que átrio. Suco oleoso e medicamentoso do zimbro. 6 — Batráquio. Aoreditas. Item. 7 — Casse de tropa. Moeda portuguesa de Dio. 8 — Sufixo que designa abundancia. Forte (Prov. trasm.). 9 — Bromo (s. q.). Solitário. Transfere para outro dia. 10 — Fêmeas dos patos. Limpar metais. 11 — Oscilo. Povo.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9733

HORIZONTAIS: 1 — Nabua. Saldo. 2 — Atoca. Elais. 3 — Tacar. Notas. 4 — A'ó. Oiã. Ano. 5 — Lara. Idas. 6 — Oso. Era. 7 — Vã. Crime. Ra. 8 — Irmã. Mais. 9 — Seu. Mãe. LVI. 10 — Tarde. Ligar. 11 — Aloés. Amola.

VERTICAIS: 1 — Natal. Vista. 2 — Atola. Areal. 3 — Bácoro. Muro. 4 — Uçá. Asca. De. 5 — Aoro. Or. Mês. 6 — Ia. Ida. 7 — Sena. Em. Ela. 8 — Ata. Inem. Im. 9 — Latada. Algo. 10 — Diana. Rival. 11 — Ossos. Asira.

SEBASTIÃO DA GAMA
O «POETA DO MÊS»

Sebastião da Gama é «o poeta do mês» na rubrica «Poesia é Diálogo», apresentada semanalmente por Carlos Pinho e integrada na «23.ª hora». A figura e a obra de Sebastião da Gama estão já a ser evocadas por Carlos Pinho, através da revelação de dados biográficos e aspectos da personalidade do poeta, além da interpretação de poemas seleccionados dos volumes «Serra-Mãe», «Cabo da Boa Esperança», «Campo Aberto» e das edições póstumas: «Pelo sonho é que vamos» e «Diário» a obra em prosa do poeta-pedagogo, da qual serão também interpretados alguns excertos. A apresentação das rubricas de poesia de Carlos Pinho (transmitidas às quartas feiras, pelas 23.45) está a ser acompanhada com grande interesse. A sonorização foi confiada a José Videira. A produção é de Joaquim Pedro — um dos pioneiros na produção da «23.ª hora».

CONTINUE A SER NOSSO CLIENTE
CONTINUE A DAR-NOS A SUA PREFERÊNCIA
AGORA AINDA PREÇOS MAIS BAIXOS
TODOS OS ARTIGOS ELECTRODOMÉSTICOS
TELEVISORES — MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA E LOUÇA
ALTA FIDELIDADE — RÁDIOS — ASPIRADORES — ENCERADORAS — ESQUENTADORES — CANDEEIROS — FOGÕES — MÓVEIS SOLTOS e COLCHÕES:
ARTIGOS ESPECIAIS PARA BRINDES — GRANDES NOVIDADES DA FEIRA DE MILÃO
VISITE A NOSSA GRANDE EXPOSIÇÃO NOS TRÊS PISOS
IMPERLUZ
AVENIDA ALMIRANTE REIS, 172-A — LISBOA
JUNTO AO CINEMA IMPÉRIO

Sem encargos
Sem dificuldades
Sem cuidados

pague:

água
gás
electricidade
telefone
taxas de rádio
taxas de televisão
prémios de seguros
rendas de casa
quotas do Automóvel Club
quotas de colectividades
assinaturas de jornais
assinaturas de revistas
contribuições da previdência
outros encargos periódicos

realize:

transferências para todo o país
transferências entre contas
operações de cobrança

através de uma conta do
SERVIÇO DE TRANSFERÊNCIAS

peça informações nas filiais, agências ou delegações, existentes em todos os concelhos do país, ou directamente na sede do serviço, Rua Aurea 49-Lisboa

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
INSTITUTO DE CRÉDITO DO ESTADO

Actualidade internacional

A ETIÓPIA NO ANO DE 1963 — III

NA ZONA DO ESTADO DE URGÊNCIA

ASMARA — Vinda de Axoum, onde imensos obeliscos monolíticos evocam as origens pré-cristãs do império, e de Adona, onde as forças de Menelik II esmagaram, em 1896, as da Itália, a estrada, deixando para trás os cumes (ambos) altaneiros da cadeia de Semien, colocados sobre o planalto como num cenário **western**, franqueia o rio Mareb Estamos na Eritreia, mas só o monumento comemorativo da anexação à Etiópia e o revestimento de asfalto revelam que houve ali uma fronteira. As aldeias são as mesmas que no vizinho Tigre, com as suas casas quadradas e, numa elevação, a igreja ortodoxa, redondo e baixo, escondido sob uma abóbada de enfórbios, relíquia de luxuriante vegetação que em tempos cobria o país. De um lado e do outro cultivam-se os mesmos cereais e, por vezes, as oliveiras Além disso, de um lado e de outro criam-se rebanhos imensos de zebras, cabras e carneiros. Os tipos físicos são os mesmos: em Asmara, encontram-se muitas mulheres de cabelo dividido por uma risca e repartido por bandós paralelos, penteado característico dos Asmaras A situação é totalmente diferente nas zonas mais baixas, onde predomina notòriamente o elemento islâmico e onde o turbante designa mais um muçulmano que um padre ortodoxo como no resto do país

Por ANDRÉ FONTAINE

Qual é a proporção das duas regiões? Mekasha, ministro da Informação do imperador, julgara poder declarar em Paris, no Inverno passado, que na Eritreia existiam apenas 14% de muçulmanos. O primeiro-ministro falou-nos de 30% Os britânicos, quando presidiam aos destinos da Eritreia, e procuravam manter sob a sua alçada, o que os levava a não subestimar a importancia do Islão, sustentavam que as duas confissões eram em numero quase igual Tal era também em 1952 a opinião de Mian Zaund Din, representante do Paquistão na Comissão de Inquérito da O. N U e ele também muçulmano. As conclusões por ele então formuladas merecem ser recordadas, pois dão luz sobre o conflito actual. Segundo ele, a imensa maioria dos ortodoxos desejava a união com a Etiópia, e a imensa maioria dos muçulmanos desejava a independência total. Seria de surpreender que uns e outros tenham evoluído a ponto de se justificar o apoio unânime de que se reclamam tanto o Governo como os rebeldes. O factor religioso não é o unico em causa. Não faltará quem sinta saudades das instituições democráticas pluripartidárias e da liberdade de Imprensa (pelo menos relativa) de que gozava a Eritreia ao tempo da federação e de que hoje não restam vestígios Se, na verdade, o regime imperial é uma monarquia constitucional e se a Camara dos Deputados, aliás aberta apenas *de facto* aos proprietários agrários, é eleita por sufrágio universal, o certo é que a existência dos partidos é proibida. Quanto aos *mass media*, Televisão, Rádio e Imprensa escrita, são geridos muito oficialmente (com excepção de um ou dois jornais de Asmara) pelo Ministro da Informação

Finalmente, devemos dizer que, de devido á colonização italiana, a educação, pelo menos, no grau elementar estava antigamente em fase mais desenvolvida na Eritreia que no império. Muitos eritreus não hesitaram em tirar vantagem desse benefício no mercado de trabalho. Há numerosos eritreus, nomeadamente em Adis Abeba, a ocuparem cargos importantes, e há mesmo três (um dos quais muçulmanos, ministro das Obras Publicas) no Governo. O chefe dos pára-quedistas que operam na Eritreia é eritreu, mas é muito possível que outros eritreus tolerem mal a autoridade de tigrinos ou amaras menos instruídos que eles. É isso que explica, sem duvida, que um ou outro dos seus dirigentes não muçulmanos (como o protestante Tedia Bairu) se tenham ido juntar ás fileiras dos emigrados separatistas De notar, aliás, que Bairu interrompeu as emissões regulares de propaganda que transmitia pela Rádio de Damasco. Esta saída para os bastidores poderá ser consequência de uma luta de influência entre os elementos moderados, puramente nacionalistas da F L N., de que ele era o principal porta-voz, e os progressistas invejosos dos louros do dr. Habache e desejosos de fazer avançar a transformação social do país a par da sua emancipação.

Deslocação das populações

Resumidos assim os dados da causa que poderemos dizer da situação *in loco*? Não é fácil de determinar, que mais não seja devido ao carácter acidentado do relevo e á escassez dos meios de comunicação Asmara pareceu-nos perfeitamente tranquila. Aliás, a cidade só tem 13% de muçulmanos. Chegámos á cidade, vindos de Axoum, sem a mínima escolta, por uma estrada onde praticamente não havia qualquer guarda montada. Em compensação, tivemos certa dificuldade em persuadir as autoridades a deixarem-nos seguir por uma estrada (de Massaouah a Asmara) que provàvelmente bate todos os

(Continua na 18.ª página)

O ensino da natação está a ter um desenvolvimento enorme na Alemanha Federal e nisso está empenhada nada menos do que a ministra da Saude, Kate Strobel. Como fruto dessa campanha, em Munique, o instrutor de natação Heinz Bauermeister conseguiu que uma nadadora de dois anos e meio fizesse, em 42,6 segundos, a distancia de 26 metros e meio, debaixo de água...

Equipa multirracial sul-africana nas Olimpíadas

CIDADE DO CABO, 13 — (A.N.I.) — A Africa do Sul enviará uma equipa desportiva multirracial aos Jogos Olímpicos, se for convidada a participar — anunciou ontem á noite, no Parlamento, o ministro dos Desportos, Frank Waring.

O ministro acrescentou que a decisão faz parte de linha do primeiro-ministro John Vorster sobre a nova política desportiva anunciada o mês passado.

SERVIÇO INTERNACIONAL DE VIDEO-TELEFONE

TÓQUIO, 13 — (R.) — A partir do dia 19, o Japão terá o primeiro serviço internacional de video-telefone entre Tóquio e Hawai.

Segundo cálculos não oficiais, o custo das chamadas será de 1 500 000 yens cada 10 minutos (cerca de 120 contos).

Às quartas e sábados e até 12 de Julho, serão feitas experimentalmente ligações de 20 minutos via satélite, através de uma combinação de sinais radiotelefónicos e de video.

A tentativa tem por objectivo comemorar o centenário do primeiro serviço de telecomunicações internacionais do Japão entre Nagasaki e Vladivostock, em 1871.

SADAT AOS MILITARES:

AS PERSPECTIVAS DE PAZ SÃO MUITO REDUZIDAS

CAIRO, 13 — (R.) — O presidente Sadat, durante uma visita de surpresa ás tropas egípcias estacionadas ao longo do Canal de Suez, preveniu-as de que as perspectivas de paz são agora muito reduzidas.

O autorizado jornal «Al Ahram» revela hoje que o presidente disse aos comandantes militares que o Egipto já mostrou claramente que deseja a paz, mas está pronto a combater se isso for necessário.

Segundo o jornal, Sadat afirmou aos militares: «As probabilidades de paz não excedem um por cento, mesmo após recentes visitas do secretário de Estado Americano ao Cairo e a Tel-Aviv.

«Há uma coisa que não podemos discutir nem aceitamos discutir seja com quem for. Ela passagem de forças egípcias para a outra margem do Canal, depois de uma retirada israelita. Isto, no caso de ainda haver alguma hipótese da proposta egípcia ser aceite».

Durante a sua reunião de três horas com os comandantes militares, Sadat referiu-se também á situação interna do Egipto e prometeu importantes reformas.

Os observadores pensam que Sadat tem em mente alterar o sistema político egípcio de modo a torná-lo mais democrático. Num recente discurso público ele condenou todas as formas de «terrorismo ideológico» e prometeu cancelar as medidas de excepção que vigoram desde a revolução republicana de 1952.

TURQUIA: Mais de uma centena de mortos na região devastada pelo terramoto

ISTAMBUL, 13 — (R.) — O número de mortos no terramoto que devastou ontem a região da Burduria no sudoeste da Turquia já ultrapassou a centena e receia-se que a contagem final seja muito maior.

Notícias vindas da região atingida informam que o Exército recorreu aos helicópteros para auxiliar as operações de abastecimento e socorro e as equipas terrestres abrem caminho através da montanha, levando tendas, medicamentos e alimentos.

Contudo, numerosas aldeias encravadas nas encostas montanhosas menos acessíveis continuam isoladas desde o sinistro, ignorando-se completamente em que situação se encontram. Há ainda perigo de novas réplicas que poderão, não só aumentar a extensão dos estragos, como também prejudicar as operações de salvamento.

Esta manhã não havia ainda comunicações com a zona sinistrada e o edifício dos correios de Burdur acabou por ficar destruído com as ondas de choque que se seguiram ao primeiro abalo que atingiu a intensidade de 8 graus na escala Richter.

Em Burdur ficaram completamente arrasados cerca de 50 edifícios incluindo a repartição do Governo provincial e sofreram estragos cerca de 70 por cento das casas, muitas delas de adobe e armação de madeira.

«Ressurreição» do SST

NOVA YORK, 13 — (F.P.) — A Camara dos Representantes aprovou ontem a abertura de um crédito de 85 milhões de dólares susceptível de permitir a ressurreição do programa de construção do avião comercial supersónico americano SST. A sociedade Boeing encarregada da realização do programa até o mesmo ser anulado pelo Congresso, reagiu molemente á aprovação dos créditos. No entanto, o presidente Nixon felicitou os representantes pela decisão.

ASSIM TODOS PODEM COMPRAR!...

TUDO COM GARANTIA

TELEVISORES
2 programas
51 cm . . . . 3.450$
59 cm . . . . 4.450$
Gravadores de Cassetes . . 1.200$
Rádios bolso . 120$

FRIGORÍFICOS
140 litros. . . . . 2.100$
175 » . . . . . 2.650$
220 » . . . . . 3.450$
270 » (2 portas) 4.450$

MÁQUINAS LAVAR ROUPA
automáticas
4.350$

LOIÇA
5.950$

ESQUENTADORES
1.190$

FOGÕES A GÁS
3 lumes. . . 1.190$

MOBÍLIAS COMPLETAS — MÓVEIS SOLTOS — ALCATIFAS — CARPETES

A pronto ou em 36 mensalidades SEM FIADOR

M. L. FERREIRA — RUA D. ESTEFÂNIA, 48-A (junto ao Largo)

MARSELHA

✝

WILLIAM CARR

Grand Officiel de la Légion d'Honneur

Madame William Carr, Madame Pierfederici, Capitão de Corveta Aldo Pierfederici, netos e restante família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu muito querido, marido, pai, sogro, avô e parente, em Marselha, no dia 9 do corrente, e que o seu funeral se realiza na próxima 6.ª-feira, dia 14.

Oraa por ele.
Marselha — 64, Rue Grignan.
Genève — 19, Place Longemalle.

✝

MÁRIO DE SAMPAYO RIBEIRO

Missa do 5.º aniversário

O Coro da Universidade de Lisboa mandará celebrár Missa pela alma do seu primeiro Director Artístico, amanhã, sexta-feira, na igreja do Sacramento (ao Chiado), ás 19 h. 15 m., desde já agradecendo ás pessoas que participarem no piedoso acto.

TERRENO INDUSTRIAL

Vende o próprio, melhor oferta, pronto construir, cerca 60.000 m2, bons acessos por estradas alcatroadas e transportes directos ao Metropolitano (Areeiro). A 3 km de Sacavém e 10 minutos de Lisboa. Não trata com intermediários. Avenida João XXI, 9-A — Telefone 72 61 15.

LIVRELCO

CONVOCATÓRIA

De acordo com o preceituado no artigo 37.º dos estatutos, convoco a Assembleia Geral da Livrelco — Cooperativa Livreira de Universitários, SCRL, para continuação da sessão ordinária de 30-4, na sede social em Lisboa — Rua José Carlos dos Santos, 7, 2.º no próximo dia 31 do corrente mês de Maio, pelas 17.30 horas, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1 — Discussão e votação do relatório e contas da gerência de 1970 e do respectivo parecer do Conselho Fiscal;

2 — Apreciação do Plano de Actividades da Direcção.

Não havendo número legal de sócios para deliberar em primeira convocatória, convoco desde já a mesma Assembleia Geral para uma hora depois em segunda convocação, no mesmo local, deliberando então com qualquer número de sócios presentes.

Lisboa e Sede Social em 12 de Maio de 1971.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Agostinho Mesquita Antunes de Carvalho

C. M. L.

COVAIS A DESOCUPAR E ANUIDADES EM ATRASO

Avisam-se as famílias dos falecidos inumados em Maio de 1966, nas sepulturas seguintes, de que devem comparecer na Administração dos Cemitérios respectivos, para conhecimento das exumações a efectuar em Junho de 1971.

Alto S. João	—	3 583	a	3 818	adultos	e	9 098	a 9 136 menores
Prazeres	—	342			»			
Ajuda	—	2 943	a	3 045	»			
Benfica	—	909	a	1 125	»	»	891	» 955 »
Olivais	—	9 675	a	9 717	»	»	2 136	» 2 139 »
Lumiar	—	12 421	a	12 537	»	»	1 327	» 1 334 »

Avisam-se os interessados de que os Serviços Cemiteriais não poderão ser responsabilizados pelo desaparecimento ou descaminho de valores que porventura tenham seguido á terra com os restos mortais a exumar, pelo que terão conveniência, quando assim tenha acontecido, em que por si ou por quem os representar, seja presenciada a abertura dos covais para efeito das exumações. Caso pretenda assistir a essa abertura, deverá o interessado nos restos mortais ou quem o possa representar, expressamente declará-lo quando, para tratar da exumação, comparecer na Administração do Cemitério respectivo.

Avisam-se, também, os interessados nos compartimentos de jazigos e ossários municipais, cujas anuidades estão em atraso de que devem actualizar o respectivo pagamento.

SUGERE-SE NOVA CONFERÊNCIA DE BRETTON WOODS

WASHINGTON, 13 — (F. P.) — O senador republicano Jacob Javits, num projecto de resolução, pede ao presidente Nixon para encarar a hipótese da convocação de uma nova conferência de Bretton Woods.

Javits, membro da comissão económica mista do Congresso, pensa que as medidas aprovadas na semana passada pelos países europeus não têm em conta o verdadeiro problema que, segundo o senador, é o facto de o sistema monetário internacional ter deixado de basear-se no padrão-ouro.

Javits propõe que os Estados Unidos renunciem definitivamente ao compromisso de trocar por ouro os dólares apresentados pelos bancos centrais e ponha o seu «stock» de ouro á disposição do Fundo Monetário Internacional para constituir o início da reserva de um novo sistema monetário internacional.

Evocando as consequências da ultima crise monetária, o senador foi de opinião que a mesma representa «uma advertência muito grave» para os Estados Unidos, cuja economia sofre um «desafio» cada vez mais severo.

Actualidade internacional

Grande passo em frente nas negociações entre a Inglaterra e a CEE

«Acabou o diálogo de surdos»

BRUKELAS, 13 — (R.) — O ministro dos Negócios Estrangeiros francês Maurice Schumann declarou esta madrugada aos jornalistas após as negociações para a entrada da Grã-Bretanha no mercado comum que «sem sombra de dúvida» foi dado um grande passo em frente.

Schumann, que é actualmente o presidente do Conselho ministerial dos seis, falou aos jornalistas nessa qualidade, estando presente á conferência de Imprensa o representante britanico, Geoffrey Rippon.

Este, ao ser interrogado sobre as consequências que o progresso agora alcançado vai ter sobre a entrada da Grã-Bretanha, declarou aos jornalistas: «Eu se fosse a vocês apostava no êxito».

Rippon, visivelmente satisfeito, disse que a reunião entre a Grã-Bretanha e os seis revelou progresso manifesto e visível e acrescentou: «O diálogo de surdos acabou definitivamente».

Os dois ministros concordaram em que esta sessão permitiu avançar nas negociações muito mais do que qualquer deles esperava.

Eu esperava que se alcançasse progresso substancial mas devo dizer que fiquei muito contente com o resultado. A comunidade europeia percorreu um longo caminho para vir ao encontro das condições que tínhamos apresentado. Sei que algumas delegações cederam até onde lhes foi possível».

Schumann atribuiu o êxito das negociações ao trabalho incansável orientado por uma vontade política.

A sessão de negociações, que terminou de madrugada, prolongou-se por 13 horas. Uma série de concessões feitas pela França permitiu que se chegasse a acordo sobre vários pontos importantes, o que mostra existir uma nova orientação em Paris, que, até agora, tinha mantido uma atitude de intransigência nas negociações anteriores.

O êxito alcançado esta noite após uma série de negociações confusas na terça-feira, surpreendeu os próprios ministros participantes.

Este resultado veio criar um clima extremamente favorável para o encontro em Paris, na próxima semana, entre o primeiro-ministro Edward Heath e o presidente Pompidou, do qual depende, em última análise a solução final dos problemas ainda pendentes.

TERCEIRO ANO DAS NEGOCIAÇÕES DE PARIS SOBRE O VIETNAM

PARIS, 13 — (A.N.I.) — As negociações oficiais entre o Norte e o Sul vietnamitas, o Vietcong e os diplomatas americanos em Paris entram hoje no seu terceiro ano de existência, sem que surja indicação de que uma paz negociada resulte, num futuro próximo, dessas conversações.

Foi em 13 de Maio de 1968, que o ministro de Estado de Hanoi, Yuan Thuy, se sentou com o embaixador americano Averell Harrimann, para negociarem a suspensão das incursões aéreas de bombardeamento dos Estados Unidos no Vietnam do Norte.

Ao encontro, que despertou esperanças de solução pacífica na Indochina e que trouxe á capital farncesa 800 jornalistas estrangeiros, segue-se hoje a 113.ª reunião da conferência alargada, actualmente com quatro interlocutores: Hanói o Vietcong, os americanos e os sul-vietnamitas.

Há indicações que a reunião de hoje não mostrará progressos e que ambas as partes se limitarão a lançar apelos para a aceitação das suas ofertas antagónicas.

A ETIÓPIA NO ANO DE 1963

(Continuação da 16.ª página)

«records» do numero de ziguezagues e que é a artéria vital do império, pois todo o seu abastecimento de petróleo passa por ali. Como não tivéssemos lugar no avião, tiveram que nos deixar seguir por essa rodovia. Assim conseguimos circular por ali, sem o mínimo engarrafamento, em companhia de um grupo de camaradas da TV americana CBS, os quais tinham já explorado a Eritreia de comboio militar ou helicóptero sem nunca terem encontrado *shiftas*.

Fomos precedidos de dois camiões do exército, rolando bastante longe de nós de modo a que nos apercebêssemos da sua presença. Atravessámos vários postos ocupados por militares bastante descontraídos e vimos no alto das elevações as silhuetas uniformizadas dos soldados, tão visíveis que poderiam ser alvejados como coelhos. De facto, davam mais a impressão de um dispositivo de dissuasão do que de tropas em operações. Cruzámo-nos com dezenas de carros civis, cheios de mulheres e crianças, cujos ocupantes não pareciam ter consciência de estarem a correm o mínimo perigo. Aliás parece que quando os rebeldes interceptam os viajantes limitam-se a obrigá-los ao pagamento de um tributo, não lhes fazendo mal nenhum e impondo-lhes um ónus pouco exagerado. Mas os diplomatas são convidados a não se expor a um encontro desses: nos tempos que correm, a F. L. N. poderia ter a tentação de se servir deles como reféns.

Segundo todas as pessoas que nós interrogámos, entre os quais numerosos estrangeiros, não tem havido incidentes nesta estrada, vital para a economia etíope, e que o caminho de ferro de Massaouah a Asmara funciona sem problemas. O mesmo se passaria agora com o comboio que vai de Asmara a Keren e Agordat, através de paisagens vertiginosas e que os *shiftas* conseguiram fazer descarrilar, frequentes vezes, no Outono. De uma maneira geral, parece que a instauração do estado de emergência, que permitiu deslocar as populações das zonas fronteiriças, melhorou sensivelmente a situação das forças governamentais. Estas disporiam de 18 000 homens contra um numero de *shiftas* avaliado em algumas centenas ou milhares, consoante os interlocutores que nos informavam...

Uma repressão brutal

A repressão, nos dias que se seguiram á proclamação das medidas de excepção foi brutal. Não restam duvidas de que no dia 1 de Dezembro foram mortas várias centenas de pessoas em Keren e nos arredores, segundo narram testemunhas absolutamente dignas de fé. Vê-se uma série de aldeias queimadas. Finalmente, os poços teriam sido envenenados, na zona próxima do Sudão, para impedir a infiltração e a concentração dos guerrilheiros. Por ocasião desta sua ultima ida á Eritreia, o imperador condecorou 259 oficiais e soldados que tinham participado nas operações de manutenção da ordem, o que dá uma ideia da amplitude dessas operações. Correm também rumores de que o embaixador americano se teria inquietado com a severidade da repressão, susceptível de alienar muitas simpatias ao regime entre a população, e de que certos militares poderiam ser julgados em tribunal marcial. Não conseguimos obter confirmação de nenhum destes rumores.

Numa região tão acidentada, seria de surpreender que o poder central pudesse destroçar os guerrilheiros num prazo muito rápido. Aliás, a Eritreia não tem na Etiópia o monopólio do «banditismo» (político ou de direito comum). A criminalidade é muito elevada no império e as prisões (muito numerosas) regorgitam de detidos. Quando fomos ás quedas do Nilo Azul, a várias centenas de quilómetros da Eritreia, ofereceram-nos dois homens armados para nos escoltarem e todo o etíope que tenha meios para isso possui uma espingarda. Adis Abeba não é uma cidade muito segura de noite e há sempre zonas mais ou menos agitadas, nomeadamente no Ogaden. É certo que no nosso mundo as zonas verdadeiramente seguras vão rareando cada vez mais.

Dito isto, resta dizer que as forças etíopes parecem ter meios de dominar, ao menos, os pontos e os eixos essenciais da Eritreia e que nada permite augurar, da parte de Hailé Selassié, a mínima disposição de abandono. Não poderemos excluir totalmente a hipótese de, com o desaparecimento do imperador, surgir uma grave crise, susceptível de conduzir á desagregação do país, e, consequentemente, á secessão desta província. Mas há que contar igualmente com as forças do exército, da Administração e da Universidade que aguardam a hora de se lançarem resolutamente ao ataque dos problemas que a Etiópia tem de resolver para se inserir no mundo contemporâneo, depois de ter passado da Idade Média para a alvorada dos tempos modernos, graças á acção de Hailé Selassié. Um estado descentralizado, onde as aspirações ao progresso e a um mínimo de justiça social não continuassem a ser postas em causa pelo conservantismo cego de demasiados latifundiários e chefes políticos e religiosos, a Eritreia, pulmão da Etiópia (mas, ao mesmo tempo, demasiado pobre para viver sem ela) decerto encontraria livremente o seu lugar.

PRÓXIMO ARTIGO:

O Palácio e as Casernas

CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA

EMPREITADA DE CONSTRUCÃO DA E. M. 524 — LANÇO DA BOICA A AZEDA — TROÇO ENTRE CACHOEIRAS E AZEDA

ANÚNCIO

Faz-se saber que, de harmonia com a deliberação camarária de 7/5/71, se encontra aberto concurso público para a empreitada em epígrafe, sendo de 30 dias o prazo para apresentação das propostas. Este prazo será contado a partir do dia seguinte ao da publicação do presente anúncio no «Diário do Governo». No caso de o último dia cair num sábado o termo do prazo passa para o primeiro dia útil seguinte.

O acto público do concurso realizar-se-á na Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pelas 15 horas do primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio, ou pelas 10 horas se esse dia for sábado.

PREÇO BASE DO CONCURSO ..... 283 290$00
CAUÇÃO PROVISÓRIA ..... 7 082$25

A caução definitiva será de 5% do valor global da adjudicação.

Alvará(s) Categoria IV; Subcategoria I; Classe 1.ª.

A caução provisória é prestada mediante depósito na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, à ordem desta Câmara Municipal, por guia preenchida pelos concorrentes, de harmonia com o modelo anexo ao programa do concurso, ou mediante títulos emitidos ou garantidos pelo Estado, ou, ainda, por garantia bancária.

O programa do concurso, caderno de encargos e projecto estarão patentes todos os dias úteis, durante as horas de expediente, na Secção de Obras da Câmara Municipal.

As propostas deverão ser enviadas pelo correio, sob registo e com aviso de recepção, ou, entregues directamente na Secretaria da Câmara Municipal, contra recibo.

Vila Franca de Xira, 11 de Maio de 1971.

O PRESIDENTE DA CÂMARA,

Febo Vargas de Matos
Ten. Cor. Pil. Av.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

Lisnave — Estaleiros Navais de Lisboa S. A. R. L.

Rocha do Conde de Óbidos — Lisboa

Capital: 250.000 contos

SORTEIO DE OBRIGAÇÕES

Avisam-se os Senhores Obrigacionistas que no dia 27 de Maio, pelas 14 horas, proceder-se-á, nos escritórios da Margueira, ao sorteio de 1.452 obrigações de 6% — emissão de 1967.

Em conformidade com o respectivo plano de amortização, o reembolso dos títulos sorteados far-se-á a partir de 15 de Junho de 1971.

Lisboa, 11 de Maio de 1971

O ADMINISTRADOR-DELEGADO
VASCO DE MELLO

OS EXAMES DO ENSINO LICEAL

(Continuação da 1.ª página)

escritas será feito com justo e equilibrado critério e os resultados sòmente serão afixados depois de á Inspecção do Ensino Liceal serem comunicadas telegràficamente as percentagens de exclusões. A Inspecção pronunciar-se-á, depois de ouvido quem de direito, sobre se tais resultados devem ou não ser considerados definitivos;

— A afixação das notas das provas escritas e dos resultados das provas orais só deve ser feita depois de rigorosa verificação. É altamente reprovável que sejam feitas correcções depois da afixação das ditas notas ou resultados;

— Os exames singulares, realizar-se-ão, este ano, nas cidades de Lisboa, Porto e Coimbra, nos liceus de D. Pedro V, de Garcia de Orta e de D Duarte;

— Qualquer aluno excluído pode recorrer da decisão tomada, não só relativamente á disciplina ou disciplinas em que obteve média negativa, mas ainda áquelas em que obteve média positiva, desde que se julgue com direito a maior classificação;

— As desistências, por qualquer motivo, durante a prestação de provas de exame, são consideradas, para todos os efeitos, como reprovações;

— Nas provas orais, os interrogatórios serão feitos tendo-se sempre á vista a prova escrita correspondente;

— Os alunos internos e externos são julgados em pé de igualdade.

5.º Ano - 1.ª chamada

JUNHO, 28 (Segunda-feira)

Português	9 h.
Ciências Naturais	11 h.

JUNHO 29 (terça-feira)

Francês	9 h.
Matemática	11 h.

JUNHO, 30 (Quarta-feira)

História	9 h.
Inglês	11 h.

JULHO, 1 (Quinta-feira)

Ciências Físico-Químicas	9 h.
Desenho Geométrico ou Composição Decorativa	11 h.

JULHO, 2 (Sexta-feira)

Geografia	9 h.
Desenho à Vista	11 h.

5.º Ano - 2.ª chamada

JULHO, 5 (Segunda-feira)

Português	9 h.
Ciências Naturais	11 h.

JULHO, 6 (Terça-feira

Francês	9 h.
Matemática	11 h.

JULHO, 7 (Quarta-feira)

História	9 h.
Inglês	11 h.

JULHO, 8 (Quinta-feira)

Ciências Físico-Químicas	9 h.
Desenho Geométrico ou Composição Decorativa	11 h.

JULHO, 9 (Sexta-feira)

Geografia	9 h.
Desenho à Vista	11 h.

7.º Ano - 1.ª chamada

JUNHO, 21 (Segunda-feira)

Organização Política e Administrativa da Nação	9 h.
Filosofia	11 h.

JUNHO, 22 (Terça-feira)

Latim e Geografia	9 h.
Matemática	11 h.

JUNHO, 23 (Quarta-feira)

Inglês, Ciências Físico-Químicas e Grego	9 h.
Português e Desenho	11 h.

JUNHO, 25 (Sexta-feira)

História e Ciências Naturais	9 h.
Francês e Alemão	11 h.

7.º Ano 2.ª chamada

JUNHO, 28 (Segunda-feira)

Organização Política e Administrativa da Nação	15 h.
Filosofia	17 h.

JUNHO, 29 (Terça-feira)

Latim e Geografia	15 h.
Matemática	17 h.

JUNHO, 30 (Quarta-feira)

Inglês, Ciências Físico-Químicas e Grego	15 h.
Português e Desenho	17 h.

JULHO, 1 (Quinta-feira)

História e Ciências Naturais	15 h.
Francês e Alemão	17 h.

SINTRA VAI TER O 3.º CICLO LICEAL

Atendendo ao crescimento acelerado da população estudantil verificado no concelho de Sintra, foi autorizado, por despacho do ministro da Educação Nacional, a criação do 3.º ciclo liceal naquela vila.

O melhoramento é fruto de diligência movida pela Câmara Municipal e pelas forças vivas do concelho, que em 17 de Dezembro ultimo foram recebidas pelo prof. Veiga Simão. Na altura, o presidente do Município, sr. António José Pereira Forjaz, expôs, na presença do governador civil de Lisboa, a situação do ensino secundário do concelho, pedindo fosse autorizado o 3.º ciclo liceal como secção do Liceu Nacional de Passos Manuel e a criação de uma escola técnica em Sintra, visto que a do Cacém funciona em regime de superlotação.

O edifício da Portela de Sintra, onde funciona o 2.º ciclo, será agora beneficiado para receber o 3.º. Aquele edifício importou ao concelho em cerca de 7000 contos, há dois anos

Mensagem do Papa aos peregrinos de Fátima

FÁTIMA, 13 — Os peregrinos de Fátima escutaram, esta manh, uma mensagem que lhes foi dirigida pelo Papa Paulo VI. Reproduzimos a seguir, o texto dessa mensagem:

«Amados peregrinos de Fátima: Em espírito voltamos a esse Santuário. Acodem-Nos á mente, com saudade, as imagens que aí Nos foi dado contemplar, quatro anos atrás.

Hoje como então, peregrino entre peregrinos. Nos integramos nessa assembleia, que reza e canta os louvores da Mãe da Igreja-Mãe da divina graça, causa da nossa alegria e, sempre, refugio dos cristãos.

«Vida, doçura e esperança nossa, salve!» Pobres, vimos com humilde oferta que, sob o voseo olhar, colocamos no altar de Deus: os nossos corações, animados pelo propósito de «fazer tudo o que Cristo Senhor nos disser.» E, pelo vosso valimento, confiamos que o Altíssimo nos vai aceitar e ser propício. «Eia, pois, advogada nossa, salve!»

Comemora-se hoje, Irmãos e filhos carissimos, os vinte e cinco anos de uma data feliz e de um gesto nobre: quando as mulheres de Portugal quiseram oferecer as suas jóias á Rainha da Paz, para, por ela, fazerem chegar a Deus o agradecimento por ter sido esse dilecto País poupado ao flagelo da guerra, que há pouco terminara. Dessas jóias se entreteceu a coroa, com a qual um Legado Pontifício, em solene cerimónia, exornou a imagem de Nossa Senhora.

Belo rasgo de fé cristã, com que foi evocada e celebrada a paz, tema sempre actual de apelo aos homens de boa vontade e de oração instante.

A paz! Mais do que equilíbrio exterior, de ordem jurídica, ela é principalmente o resultado de serem respeitados e actuados os desígnios de sabedoria e de amor, de Deus, sobre nós e sobre o mundo. Por isso, ela começa nos corações dos homens, como empenho e cama graça, a tornar-se depois estilo de vida, que reflecte a sua luz na cidade temporal.

Temos pois de construí-la e pedi-la ao Senhor, cada dia: paz nos espíritos, para a paz das armas; paz nas Nações, para a universal fraternidade dos homens todos, na verdade, na justiça e no amor; paz e harmonia entre os cristãos, para eficácia do seu testemunho da Caridade frente ao mundo e para «os pobres serem evangelizados»; paz e harmonia, enfim, no interior da Igreja, para ela ser «o fermento e a alma da sociedade humana, que deve ser renovada em Cristo e transformada em família de Deus» (1), pela qual «seja dada ao Pai e Criador do universo, toda a honra e toda a glória» (2).

Este o apelo, esta a prece que, por Maria, elevamos ao Céu, nesta hora.

Saudamos todos os presentes, e os que Nos seguiu pela Rádio e pela Televisão; em particular, o sr. cardeal-patriarca de Lisboa, o sr. cardeal-arcebispo de Liãe, os demais srs. bispos e os sacerdotes, religiosos e fiéis desse dilecto País, com as autoridades que tomam parte na cerimónia; e, ainda, com especial afecto, as crianças e os doentes. Na mesma estima envolvemos os peregrinos de outras Nações.

Para todos vos imploramos, pela Mãe Santíssima, com a Paz de Cristo, copiosas graças celestiais, ao abençoar-vos:

EM NOME DO PAI, E DO FILHO, E DO ESPIRITO SANTO, AMEN!

(1) Const. Pastoral sobre a Igreja no Mundo Contemporaneo GAUDIUM ET SPES, n.º 40.

(2) Const. Dogmática sobre a Igreja LUMEN GENTIUM, n.º 17.

A mensagem foi lida pelo cardeal Renard, arcebispo de Lião e primaz das Gálias.

As cerimónias da peregrinação

As cerimónias de hoje, com que terminaram as solenidades de mais uma grande peregrinação anual ao Santuário de Fátima, começaram ás 10 horas, com a recitação do Terço junto da capelinha das Aparições.

Pouco depois a imagem de Nossa Senhora foi conduzida processionalmente para o altar-mor exterior da basílica, onde, ás 11 horas, o cardeal Renard, arcebispo de Lião e primaz das Gálias, presidiu a uma concelebração em que tomaram parte todos os prelados presentes.

Na altura própria, o cardeal Renard proferiu uma alocução e renovou a consagração do mundo ao Coração Imaculado de Maria. No fim da missa, foi transmitida aos peregrinos de Fátima a mensagem de Paulo VI.

As cerimónias da peregrinação terminaram com a benção eucarística aos doentes e com a procissão do Adeus.

As bodas de prata da coroação

Em união com a cerimónia das bodas de prata da coroação da imagem de Nossa Senhora de Fátima, foram coroadas imagens da Virgem de Fátima, com coroas que o Papa Paulo VI benzeu em Roma. A coroação foi feita em cerimónia publica solene nos seguintes países: Etiópia, África do Sul, Alemanha, América do Norte, Colômbia, Inglaterra, Austrália, Bélgica, Checoslováquia, Canadá, Cuba, Egipto, Espanha, Formosa, França, Grécia, Hungria, India, Japão, Irlanda, Israel, Itália, Jugoslávia, Quénia, Luxemburgo, Lituania, México, Nigéria, Nova Zelandia, Panamá, Paraguai, Filipinas, Polónia, Roménia, Rodésia, Russia, Senegal, Singapura, Tailandia, Uganda, Vietnam e Zambia.

Foram ainda coroadas duas imagens nas catedrais de Luanda e Lourenço Marques.

IMAGEM DA VIRGEM DE LUJAN

Oferecida pelo sr. António Bento das Neves, fundador e presidente honorário da Casa de Portugal em La Plata, chegou hoje a Lisboa, no paquete italiano «Enrico C», uma imagem da virgem de Lujan.

A imagem seguiu para a igreja de São Sebastião de Buliqueime, no Algarve.

NATURA

FOI POSTO À VENDA O N.º 200 REFERENTE A MAIO

Se desejais evitar a doença e curar-vos dos vossos males pelos meios puramente naturais assinai já esta utilíssima revista de Higiene Geral e Alimentar de Saúde e Cultura Integral, podendo estar certos de que pelos seus ensinamentos recuperais mais Bem-Estar e Alegria de Viver.

Director e proprietário: DR. INDIVERI COLLUCCI

Do sumário destacamos os seguintes artigos:

— Farinhas e Açúcar Refinados — Uma das causas do Cancro do Intestino
— Drogas e Especialidades Farmacêuticas
— A Medicina não é uma Ciência exacta!
— A Água do aquário está suja: o peixe vai morrer
— Artrose e Dieta
— Saúde e Longevidade
— A Obesidade e a sua influência na Dinâmica e Estática do Organismo
— O Valor Terapêutico dos Banhos
— A Educação Física, Desporto e Saúde
— A Sabedoria do Povo e a Medicina, etc.

Todos os pedidos devem ser dirigidos a esta administração:

R. ANTERO DE QUENTAL, 35, 1.º, DT.º (ao Intendente) TELEFONE 55 64 98

Assinatura Anual, 65$00; Semestral, 35$00; Estrangeiro e Ultramar, 80$00 — Número avulso, 7$50

SE ADQUIRIR UM NÚMERO A TÍTULO DE EXPERIÊNCIA FICARÁ LOGO NOSSO ASSINANTE

Necrologia

FALECIMENTOS

Honorato Lopes dos Santos

BARREIRO, 13 — Faleceu no Hospital Militar Principal de Lisboa, o antigo combatente da 1.ª Grande Guerra, sr. Honorato Lopes dos Santos, de 77 anos, viúvo, reformado da C. P., natural e residente nesta vila.

Era pai da sr.ª D. Amélia Lopes Torres e sogro do sr. capitão Armando da Silva Torres.

O funeral realiza-se amanhã, ás 16 horas, da Igreja de Santa Maria do Barreiro, para o talhão dos Combatentes do cemitério da Vila chã.

FUNERAIS

Dr. Francisco Eusébio Fernandes Prieto

BRAGA, 13 — Da igreja do Hospital de S. Marcos, onde antes serão celebradas missas por sua alma, sai esta tarde para o cemitério de Guães, concelho de Vila Verde, o corpo do dr. Francisco Eusébio Fernandes Prieto.

O dr. Francisco Prieto foi reitor do liceu de Sá de Miranda, desta cidade, durante muitos anos, indo depois ocupar o cargo de director-geral do Ensino Liceal. Estava agora aposentado. Ia completar 80 anos, dentro de alguns meses pois nascera em 15 de Dezembro de 1891, em Duas Igrejas, Vila Verde.

Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade do Porto fora professor provisório do Liceu de Passos Manuel, em Lisboa e efectivo dos liceus de Vila Real, de Viana do Castelo e de Braga, nesta cidade sendo reitor depois de 1928. Foi também deputado à Assembleia Nacional, provedor da Santa Casa da Misericórdia e do Hospital de S. Marcos e director do Asilo das Orfãs e Infância Desvalida D. Pedro V.

Comendador da Ordem de Instrução Pública, o dr. Francisco Prieto era casado com D. Maria Brun Lopes Prieto, irmão de mons. Manuel Pereira Fernandes Mosquera, de D. Rosalina Fernandes Pereira e de D. Josefa da Conceição Fernandes Pereira, pai das sr.as dr.as D. Maria do Sameiro Brun Lopes Prieto Fio Ferreira, casada com o sr. eng.º José Gil da Veiga de Carvalho Ferreira, D. Maria de Lurdes Brun Lopes Prieto Freire de Andrade, casada com o sr. dr. Manuel Filipe de Noronha Freire de Andrade, D. Maria Leopoldina Brun Lopes Prieto Afonso, casada com o sr. António José Teixeira da Silva Afonso, dr.ª D. Rosa Maria Brun Lopes Prieto Santos, casada com o sr. dr. Virgílio Fernandes Santos e dr.ª D. Merina Brun Lopes Prieto Nogueira de Brito, casada com o sr. dr José Luís Nogueira de Brito, subsecretário de Estado do Trabalho e Previdência.

Capitão Paulo Afonso

COIMBRA, 13 — Constituiu imponente manifestação de pesar o funeral do sr. capitão Paulo Afonso, ontem realizado para o cemitério de Santa Clara, com grande acompanhamento.

O capitão Paulo Afonso, que morreu com 80 anos, na sua residência na Calçada de Santa Isabel, 7, fora secretário do falecido ministro do Interior, dr. Mário Pais de Sousa, comandante distrital da P. S. P. de Coimbra e vereador municipal. Foi ainda administrador do Albergue Distrital e da Comissão Venatória Regional do Centro.

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do preceituado no art. 37.º § 1.º dos Estatutos, e tendo em consideração, que o Conselho Fiscal da Livreico, foi demitido pelos sócios na A. G. de 8 de Maio P. P., e a Mesa da A. G. se demitiu ao começar a mesma Assembleia, tendo apenas o Presidente da mesma, aceitado permanecer em exercício até á posse do seu sucessor, convoco a Assembleia Geral da Livreico-Cooperativa Livreira de Universitários, S. C. R. L., a reunir em reunião extraordinária, na sede social, em Lisboa — Rua José Carlos dos Santos, n.º 7, 2.º, no próximo dia 29 de Maio pelas 15 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

— 1.º Eleição da Mesa da Assembleia Geral da Livreico;

— 2.º Eleição do Conselho Fiscal da Livreico.

Não havendo número legal de sócios para deliberar na primeira convocatória, convoco desde já a mesma Assembleia Geral para reunirem em segunda convocatória no mesmo local, uma hora depois, deliberando então com qualquer número de sócios presentes.

Lisboa e Sede Social, em 10 de Maio de 1971.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Agostinho Mesquita Antunes de Oliveira

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

PORTUGAL, 5 DINAMARCA, 0

Portugal nas Antas: Vitória perante amadores

Nas Antas, Portugal jogou para ganhar: e não há dúvida de que o conseguiu com inteira justiça. Foi a equipa que melhor futebol praticou, quer na variação de lances, quer no seguimento dado a muitas das jogadas, se não na sua quase totalidade. Teve, no entanto, metade da tarefa facilitada: o conjunto dinamarquês, embora pratique um futebol rápido e viril, não tem um fio de jogo definido.

Portugal começou a jogar do melhor modo. Sem pressas, com inteligência. E logo nos primeiros minutos pôs em dificuldades a defensiva adversária que por isso fez recuar quase todos os elementos, vendo-se apenas na frente o extremo Benny Nielsen. Este elemento, porém, nunca deu continuidade às jogadas de contra-ataque, pois não lhe era possível furtar-se aos defesas nacionais em maior quantidade.

Rui Rodrigues foi o iniciador da «goleada», com um excelente remate, disparado a cerca de 40 metros, bateu o guardião dinamarquês. Era o princípio de uma marca justificada plenamente pelo domínio dos portugueses: que tiveram nos homens do meio-campo, especialmente durante toda a primeira parte, uns excelentes executantes, quer no modo como seguraram o ímpeto dos adversários, quer na maneira como colocavam a bola nos seus colegas mais adiantados.

O intervalo chegou com o marcador em 2-0. E no recomeço, os dinamarqueses apareceram mais no ataque, descorando um pouco, em relação aos anteriores 45 minutos, o seu reduto defensivo. Deste modo, não foi difícil aos portugueses obterem mais três golos e criarem jogadas que só não surtiram o efeito desejado por a bola ter esbarrado (duas vezes) nos postes, ou por sair ligeiramente ao lado da baliza, quando foi rematada por Eusébio e por Vítor Baptista.

Em sete minutos (nesta segunda metade do jogo) marcou Portugal mais dois golos. E a partir de então, até mesmo os jogadores pareceram desinteressar-se por resultado maior. Faltava-lhes algo que os lançasse para a baliza.

Os dinamarqueses, possuidores de boa corrida, muito bem constituídos fisicamente e com excelente pontapé, estiveram sempre longe de marcar o seu ponto de honra. Mas, também não o mereciam na medida em que o seu futebol nunca se assemelhou ao dos portugueses.

A arbitragem esteve autoritária e julgou muito bem todos os lances.

FERNANDO PASSOS

Golo de Eusébio: o segundo da noite

«Cabeça» de Eusébio, perante o estatismo da defesa da Dinamarca

Sob arbitragem do irlandês Wright, alinharam:

PORTUGAL — Damas; Malta da Silva, (Rebelo), Humberto, José Carlos e Adolfo, Rui Rodrigues e Peres; Nené, Eusébio, Vítor Baptista (Artur Jorge) e Simões.

DINAMARCA — Sorensen; Boel, Berg, (Erik Nielsen), Arentoft, Sandvad e Rasmussen; Bjerre, Landrup e Biornemose; Olsen e Nielsen.

Golos de Rui Rodrigues, Eusébio, Vítor Baptista e Sandval (nas próprias redes).

CLASSIFICAÇÃO DO GRUPO 5

	V.	E.	D.	G.	P.
Bélgica	*3*	—	—	*8-0*	*6*
PORTUGAL	*3*	—	*1*	*8-3*	*6*
Escócia	*1*	—	*2*	*1-5*	*2*
Dinamarca ..	—	—	*4*	*0-9*	—

Jogos que faltam: Dinamarca-Bélgica, no dia 26 do corrente; Dinamarca-Escócia, em 9 de Junho; Escócia-PORTUGAL, a 13 de Outubro; Escócia-Bélgica, em 10 de Novembro; e PORTUGAL-Bélgica, a 21 do mesmo mês.

EXCURSÃO «AZUL» A TORRES VEDRAS

A Comissão Administrativa da Delegação do Clube de Futebol «Os Belenenses» organiza excursões turísticas (com passagem pela Praia de Santa Cruz e Termas do Vimeiro) a Torres Vedras, no próximo dia 16 por ocasião do encontro Torriense-Belenenses, a contar para a «Taça de Portugal».

EUSÉBIO: AINDA BOM JOGADOR

O «responsável» pela equipa dinamarquesa, Rudi Skittich, disse-nos que o resultado era um pouco exagerado, mas estava perfeitamente justa a vitória.

Depois, afirmou que o futebol português é de muito boa qualidade e que Eusébio, apesar de não ser aquilo que era há anos atrás, ainda se poderia considerar um bom jogador.

PEDROTO: TRIUNFO JUSTO

José Maria Pedroto, o treinador da equipa nacional, declarou:

— Foi um bom jogo e o triunfo é perfeitamente justo. As coisas não correram lá muito bem, mas também não estiveram muito mal. Os dinamarqueses são um bom adversário, sempre perigoso pela sua corrida, mas o seu futebol está um pouco longe de atingir a craveira do nosso.

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o Concurso n.º 36 – 10.ª Época

Açores — 122 211 X11 1X12; Beira Baixa — 122 211 221 111X; Brados do Alentejo — 221 222 211 2121; Comércio de Portimão — 122 211 211 1112; Correio de Coimbra — 121 211 2X2 X111; Distrito de Setubal — 121 211 2X1 1X11; Ecos do Desporto — 121 211 22X 1X11; João Semana — 121 212 211 1X1X; Jornal das Aves — 212 21X 211 X211; Jornal da Lixa — 122 211 22X X111; Jornal do Sul — X21 21X XX1 111X; Linhas de Elvas — 122 21X 211 1X12; Maria da Fonte — 122 211 X21 1X1X; Mundo Desportivo — 122 211 21X 1111; Povo Algarvio — 122 211 222 2X11; A Rabeca — 122 211 2X2 X111; Renovação — 122 211 221 1111; Telégrafo — 122 211 2X1 2111; Bondiazinho — 22X 22X 111 X1X1; Brado Africano — 222 2XX 121 2112; Domingo Alegre — 12X 211 X21 111X; Jornal Desportivo — 122 211 2X2 1X11; Passatempo — 221 22X 1X1 121X; Roteiro Sonoro — 22X 21X 21X 1211; Terceiro Programa — X2X 221 1X1 1XX1; Vamos Jogar no Totobola — 122 X1X 211 21X2; Revista Desportiva — 121 211 2X1 X11X; Notícias de Felgueiras — 122 211 2XX 2X1X; Eu Sei Tudo — 121 21X 221 1111; Cidade 71 — 121 211 111 X1XX; A Ilha — X2X 211 111 1XXX; Passatempo — 122 21X 211 XX12; Estrela da Manhã — 122 211 2XX X111; Jornal do Barreiro — 121 211 XX1 2X11; Jornal de Viseu — 122 211 2XX 1112; Peça que não maça — 121 211 21X 1111; Republica — 121 X11 X22 11X1; O Templário — 12X 211 211 X111; Correio do Vouga — 122 211 1XX 1111; O Norte Desportivo — 122 211 211 1XX2; O Jornal de Felgueiras — 122 2X1 1X2 2111; Notícias do Douro — 122 211 2X2 XXX1; Notícias de Évora — 12X 211 X22 1X11; Correio dos Açores — 122 21X 222 X111; Cavalgada do Ritmo — 222 211 X12 1111; Comércio do Porto — 122 211 21X 1111; Diário de Coimbra — 122 211 222 1211; Diário do Sul — 22X 211 2X1 X11X; Eco de Estremoz — 211 2X2 211 2111; Folha do Domingo — 122 211 211 X11X; Imagens Piedense — XX1 2X1 XX2 XX11; Jornal de Sintra — 122 211 X21 X112; Litoral — 122 211 212 111X; Notícias de Chaves 1XX 211 X11 1X12; Notícias de Guimarães — 122 212 2X1 211X; Novidades — 12X 211 222 2X1X; Rádio Altitude — 121 211 22X X112; Rádio Oceano — 121 X11 X11 1112; Revista do Som — X21 211 22X 111X; Terra Alta — 122 211 2X1 1121; A Voz Desportiva — 121 211 22X X121; A Voz do Domingo — 12X 211 222 2111; Voz de Lamego — 12X 211 222 1111; Diário do Minho — 12X 211 2XX X11X; Ecos de Cacia — 12X 211 212 2111; Jornal do Porto — 12X 2X2 2X1 X111; Boletim Desportivo — 111 111 111 1111; Comércio de Leixões — 12X 211 2X1 XX11; De tudo um pouco — 122 211 2XX 2111; Às 10 espere por nós — 122 211 2XX X111; Dos fracos não reza a história — X2X 211 2X1 X1X1; Jornal de Notícias — 12X 211 2XX 2X1X; Momento do Totobola — 122 211 22X XX11; Primeiro de Janeiro — 122 21X 2XX 1121; Prog. Diário do Porto — 12X 211 221 1111; Prog. Sem Nome — 222 21X X11 1111; Rádio Clube do Norte — 122 2X1 211 112X; Auto Rádio — 122 211 2X1 112X; Rádio Placard — 122 211 211 11X2; Estudio 64 — 122 211 2X1 11X2; Placard Desportivo — 122 211 211 112X; Campeão Português — 122 211 211 111X; Rádio Spors — 122 211 12X XXXX; Repórter do dia — 12X 211 21X 2111; Repórter do Dia — Angola — 121 211 221 X111; Resenha Desportiva — 121 211 211 1XX2; O Sorriso da hora do almoço — 1XX1 X11 X21 1111; A Voz dos Ridículos — 121 2X2 111 1111; Jornal a Ordem — 122 21X 211 2212; Penalti — 122 211 21X 1111; Manchete Desportiva — 122 211 2X2 21XX; A Lição do Menino Quim — 1X1 211 211 XX21; O Apostolado — 121 212 XXX 111X; O Comércio — 1X1 211 2X1 1111; Diário (Luanda) — 122 211 222 2111; A Nossa Chave — 12X 211 1XX X2X1; Notícias do Totobola — 122 211 111 1111; Actualidades Desportivas — 111 1X1 X12 2X12.

CONCURSO N.º 36

10.ª ÉPOCA

	RESUMO			BOLAS (a)		
	1	X	2	1	X	2
1. Boavista-Varzim	82	6	10	10	1	1
2. Riopele-Setúbal	4	5	89	1	1	10
3. U. Coimbra-Farense	27	22	49	3	3	6
4. Sesimbra-Académica	2	4	92	1	1	10
5. Barreirense-B. Mar	85	8	5	10	1	1
6. Leixões-Guimarães	77	14	7	9	2	1
7. Torriense-Belenenses	13	16	69	2	2	8
8. Régua-Gil Vicente	38	34	26	5	4	3
9. A. Viseu-Alba	54	24	20	7	3	2
10. Feirense-Covilhã	50	28	20	6	4	2
11. Alhandra-Sacavanense ..	66	26	6	8	3	1
12. Casa Pia-Caldas	75	14	9	9	2	1
13. Amora-Almada	56	26	16	7	3	2

E a chave lógica será: 122 211 211 1111

(a) — Nos termos do Art.º 10.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

SAIU HOJE

motor

NESTA EDIÇÃO:

- JAUSSAUD EM PORTUGAL (Adriano Cerqueira)
- 1.º RALLYE DE ASPIRANTES (Nuno Coutinho)
- ROMÃOZINHO NO RALLYE AUSTRIACO DOS ALPES
- AS MULHERES QUE ESTÃO NAS CORRIDAS
- FÓRMULA V EM ANÁLISE (Nuno Coutinho)
- KARTING — OS DETRACTORES DO MOTOR NACIONAL (Heriander Garcia)
- 1000 KM DE SPA
- GRAHAM HILL — REGRESSO AOS LOUROS
- MOTONÁUTICA (Maria do Céu)
- MOTOCROSS
- O RALLYE INTERNACIONAL DO BNU (Dinis Rosas)

E AINDA

- MOTOR-ENSAIO: CITROEN GS (por Philippe Toussaint do Serviço de Reportagem de «MOTOR» no Estrangeiro)
- SUPLEMENTO SOBRE O XX RALLYE DA MONTANHA

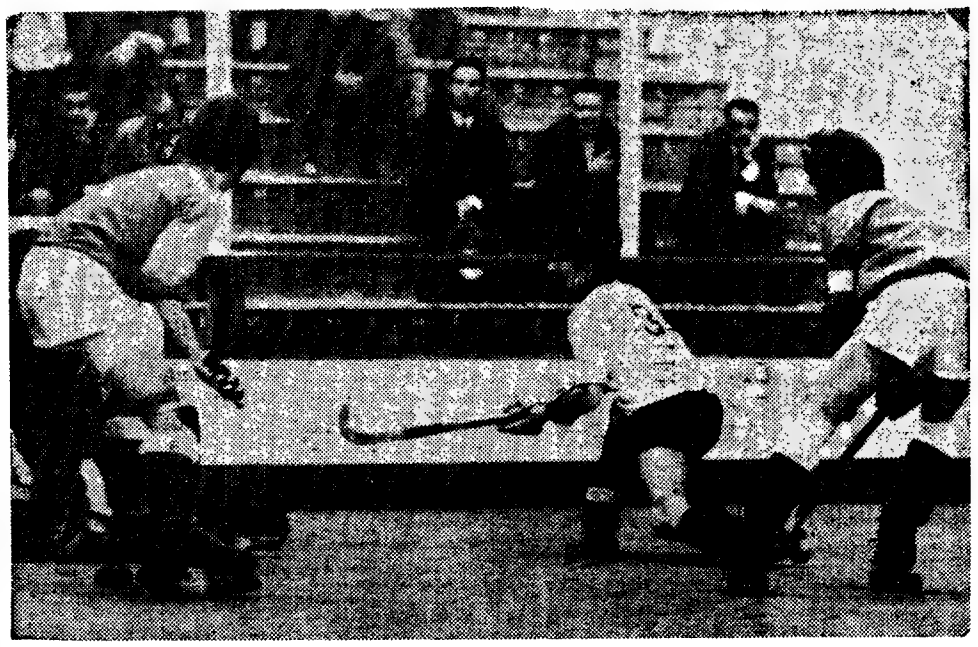
28 PÁGINAS PREÇO 2$50

ESPECULAÇÃO

Incrível, mas verdadeiro. A quem quiser comprar um bilhete para o encontro Portugal-Espanha do Campeonato Europeu de Hóquei em Patins — quer se dirija á Federação, quer ás agências de bilhetes para espectaculos publicos, depara-se-lhe um aviso prévio, que é também condição «sine qua non», apresentado sob a forma deste «encantador» comunicado: «Esta Federação comunica que, a fim de se evitarem especulações, os bilhetes para a jornada n.º 8 **(a que inclui o Portugal-Espanha, no sábado)** só serão vendidos, com prioridade, a quem comprar conjuntamente os mesmos lugares, para a jornada n.º 7».

Especulação, de facto. Mas de quem? O comunicado dispensa... especulações.

Talvez que a Federação, atenta á crise monetária internacional, também tenha aderido á... «revalorização».



A defesa suiça é impotente para travar este remate de Jorge Vicente

O «AZAR» DA SUÍÇA: 13 GOLOS SOFRIDOS

Folgado triunfo nacional numa jornada de surpresas

A quinta jornada do «Europeu» de Hóquei em Patins proporcionou diversas surpresas e ofereceu, ao «cinco» nacional, novo ensejo de se destacar: pela sua produtividade, pelos esquemas de jogo apresentados, pelo espírito de luta e companheirismo patenteados.

Jogos e breves comentários:

Alemanha, 3-Bélgica, 4

ALEMANHA — Klein; Gortner (1), Erhardt (1), Jex (1), Kipp, Gillessen e Dhege.

BÉLGICA — Leidensdorf; Plisnier, Mathijs, Meulemans, Wandoren (2), Van Camp e Bleecker (2).

Foi aceitável a vitória belga, embora um pouco surpreendente. Nos ultimos minutos imprimindo velocidade ao ataque, a Alemanha passou o resultado desfavorável de 1-4 para 3-4. Boa arbitragem do português Bica.

Holanda, 1-França, 2

HOLANDA — Zuidgeest; Heppe, Piekar, Olthoff (1), Wielheesen e Habraken.

FRANÇA — Petrini; Gonzalo (1), Herent, Fonfrede, Candelu e Heron.

Derrota sensacional da Holanda. Os franceses, depois de estarem a perder, fizeram uma viragem nos cinco minutos finais, o que lhes valeu a sua segunda vitória neste campeonato. Talvez muito confiada, a Holanda jogou abaixo do normal: e a pedra-base, Olthoff, esteve irreconhecível.

Portugal, 13-Suíça, 0

PORTUGAL — Ramalhete; Rendeiro (2), Garrancho (3), Cristiano (4), J. Vicente (4), Abreu e António José.

SUÍÇA — Walliser; Cordonier, Wuenher, Sallin, Siebenthal, Stettler e Blattman.

Triunfo folgado de Portugal, por resultado que traduz bem a superioridade da equipa perante a aguerrida equipa helvética, que se remeteu a mero labor defensivo.

Espanha, 10-Inglaterra, 3

ESPANHA — Garcia; Vila (2), Vilallonga (1), Nogué (3) e Chercoles (4).

INGLATERRA — Kent, Howard, Bartham (1), Galway (2), Guy e Cubitt.

Difícil êxito da Espanha, embora o numero de golos não o demonstre. A turma inglesa ainda conseguiu desfrutar da vantagem de 3 tentos: e no fim da primeira parte ainda vencia por 3-1. Depois veio ao de cima a superioridade espanhola e os golos começaram a surgir com relativa facilidade.

Classificação — Portugal e Espanha 10 p.; Alemanha, Holanda, Bélgica e França 4 p.; Itália e Suíça, 2 p.; Inglaterra 0 p.

HOJE — Ás 20 h, França-Bélgica; 21 e 5, Inglaterra-Holanda; 22 e 10, Portugal-Alemanha e 23 e 15, Itália-Suíça.

HENRIQUE ROSÁRIO

DESPORTO

AS «ESPERANÇAS» PERDERAM A ESPERANÇA

A HUMILDADE BATEU A ARROGÂNCIA

AALBORG, 13 — Os avançados dinamarqueses ganharam, ontem, aqui, por 2-1, aos profissionais de Portugal e, assim, continuam no campeonato de «Esperanças», pois, fora de casa, contra os lusitanos, haviam empatado, por 1-1.

Foi a vitória — mais uma — da humildade perante a arrogância e a sobranceria.

Enquanto os dinamarqueses, cônscios da sua fragilidade técnica, lutavam com ânimo e pundonor, os soberbos portugueses, a exibirem preciosismos plenos de tecnicismo, sem pressas, com toda a displicência, pareciam aguardar os momentos propícios para introduzir um ror de vezes a bola nas redes adversárias...

A lutar com garras, «á portuguesa», a bem dizer dois elementos: Octávio e o «capitão» Toni.

Que queria esta jovem equipa lusa? Que uma mais pura técnica, cheia de vagares, derrotasse a rapidez e o ímpeto de dinamarqueses, cujo amadorismo os leva a correr sem descanso e a batalhar com denodo, a ansiarem sempre pela obtenção de um melhor resultado?

O certo é que, quando os portugueses reagiram, «quiseram», já não foram a tempo de solucionar o seu problema. Já haviam perdido a confiança em si próprios. Depois da arrogância, a descrença...

E assim se viu, uma vez mais, a «melhor equipa» batida pelo excesso de confiança. Trata-se de jovens — dos mais jovens. Que a lição lhes possa servir de exemplo.

Contra o ardor combativo e a vontade de acertar, de nada puderam valiosos pormenores de ordem técnico-táctica, em alardes de descontracção, de displicência

E assim perderam os portugueses por 2-1, inglòriamente. Para chegarem ao triunfo, bastar-lhes-ia correr e lutar um pouco mais. A lentidão prejudicou-os no mais alto grau. Certamente, não foram á Dinamarca para «jogar a sério» mas para exibirem a sua supremacia técnica. E isso derrotou-os, inapelávelmente.

Os dinamarqueses sempre porfiaram na luta, fazendo gala de boa compleição atlética. E também não há nada que perturbe mais os portugueses do que adversários possantes e decididos, que não se encolhem nos embates, que agem com espírito de sacrifício.

Sob a arbitragem do finlandês Toivola jogaram:

DINAMARCA — Larsen; Pedersen, Johansen, Andreasen e Jensen; Ziegler, Thorn (Routved) e Andersen; Marcussen, Tommy Hansen (Frank Hansen) e Shriver.

PORTUGAL — Bento; Artur, Alhinho, Laranjeira e Toni; Octávio, Vitor Martins (Barros) e Quinito, Chico, Lemos (Marques) e Dinis.

Golos de Artur (na própria baliza), Chico e Shriver.

NOTÍCIAS DO FUTEBOL

BOM TREINO DOS JUNIORES

Os juniores portugueses treinaram ontem, no Estádio Nacional, com a equipa militar da «RAF». Foi um treino e tanto, com seis golos marcados pelos «mais novos» e apenas um sofrido. Boas perspectivas e boa afinação.

Para hoje, de novo no Jamor, está marcada uma sessão de preparação individual.

Para Djalma, o castigo passou — depois de cumprido. A partir de hoje, o avançado belenense poderá ser novamente utilizado.

*

Duas baixas na Académica: a de Augusto Rocha, operado ao menisco e a de Melo, que fracturou um dedo da mão esquerda no jogo de domingo passado, em Aveiro.

*

Dois treinadores em apuros: Manuel de Oliveira (do Farense) e Carlos Silva (da CUF). Ambos têm de responder a inquérito federativo por afirmações feitas.

*

No reforço para o Sporting. É português de nascimento, tem 20 anos e joga no Corinthians a «ponta de lança». A sua chegada a Lisboa está prevista ainda para este mês.

*

Os protestos do F. C. Porto e do Leixões (relacionados com as inscrições de Mosquera, do Sporting e de Nelinho e Campora, do Barreirense) são hoje distribuídos aos relatores. O campeonato nacional vai prosseguir... nos gabinetes.

*

Entretanto Mosquera foi já cedido ao Clube Atlético Defensor, de Lima. O Sporting mostra-se satisfeito com as condições em que o contrato foi feito.

V. SETÚBAL-DUNDEE NO ESTÁDIO DO BONFIM

No Estádio do Bonfim, em Setúbal, realizam-se esta noite dois encontros internacionais de futebol. Ás 20 e 30, jogam raparigas: as inglesas do Crystal Palace contra um «onze» português. Hora e meia mais tarde o Vitória de Setúbal enfrentará o Dundee, da Escócia.

Outros acontecimentos marcados para hoje

ANDEBOL — Torneio de Encerramento: Série A: Oriental-Boa Hora, no rinque do Oriental; C. D. U. L.-Passos Manuel, no Pavilhão Universitário; e Belenenses-Estoril Praia, no Pavilhão da Ajuda.

Série B: Almada-Vendedores de Jornais, no Pavilhão da Escola de Almada; e Ateneu-Águias, no rinque do Encarnação, todos ás 21 e 30. Série C: Sporting da Penha-Encarnação, ás 21 e 45; e Mercês-Sporting, ás 23, ambos no rinque do Encarnação.

TÉNIS DE MESA — Campeonatos Individuais Seniores — 1.ª Série: nas mesas do Sporting, Amadora, Operário, Rio Seco, R. Cordeiro e Ateneu, 2.ª Série: nas mesas do E. Amadora, Intendente e Arroios. 3.ª Série;

Acontecimentos DE ONTEM

ANDEBOL

Em juniores, a equipa de andebol do Belenenses bateu a do Almada por 17-16.

VOLEIBOL

Campeonato nacional de voleibol (divisão de honra): C. D. U. P., 1-Leixões, 3.

LUTA

Campeonato nacional de luta greco-romana (equipas): Benfica, 4-Baixa da Banheira, 4; Linda-a-Velha, 2-Amadora, 5; Belenenses, 8-Mem Martins, 0; Sporting, f.c.-Runa, v.

De notar a falta de comparência do Sporting.

TÉNIS DE MESA

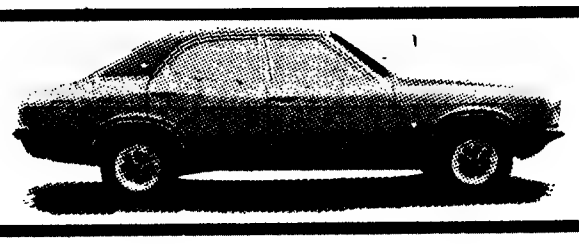
O torneio popular de juvenis de ténis de mesa proporcionou os seguintes resultados:

SÉRIE A — Pena-Rio Seco B, 5-4; Económicas-Bela Vista, 5-1, e F. C. Lisboa-Bairro Janeiro, 5-1.

SÉRIE B — Rio Seco A.-Alunos Apolo, 5-1, e Academia da Ajuda-Musical 3 de Agosto, 5-1.

BASQUETEBOL

Para a taça «Dr. Artur Madeira da Silva» (basquetebol) realizaram-se dois jogos. Desfechos: C. I. F., 66-Técnico B, 27 e C. D. U. L., 65-Nacional, 34.



O NOVO CORTINA

O CARRO QUE É MAIS AUTOMÓVEL

1300 L ● 1600 XL ● 1600 GT ● 2000 GXL

2 ou 4 PORTAS

EM EXPOSIÇÃO NO SEU CONCESSIONÁRIO

FORD LINCURI

AV. DA REPÚBLICA, 32 — LISBOA

e concelhos de Cascais, Loures, Oeiras, Sintra e V. F. Xira

APARTAMENTOS MOBILADOS

aluguer e venda

LOCAIS DAS PROPRIEDADES

Paço de Arcos — B.º Comendador Joaquim Matias ■ Cascais — Conjunto Turistico da Pampilheira ■ Reboleira — Edificio Oeiras Lisboa — Olivais ■ Parede ■ Alapraia ■ Venda Nova

Consulte: J. PIMENTA

S A. R. L.

LISBOA—Pr. Marquês de Pombal, 15—Tel 45843-47843

Artesanato e Mobiliário
Materiais de Construção
Azulejos Nacionais e Estrangeiros
Mosaicos Decorativos Japoneses

APARTAMENTOS TURISTICOS EM PAÇO DE ARCOS E CASCAIS
A SOLUÇAO IDEAL PARA GRUPOS E FAMILIAS A PREÇOS MUITO ACESSIVEIS

COMUNICADO

Os elementos de Teperam — TEATRO EXPERIMENTAL DA AMADORA, S. C. R. L., comunicam, para os devidos efeitos, que Daniel Ribeiro (de nome artístico Fernando Teles) deixou de ser membro desta Sociedade Cooperativa

URBANIZAÇÃO

Aprovada para 600 fogos, pronta a começar, vende-se toda ou em parte a empresa que deseje construir. Óptima localização dentro de Queluz. Resposta a este jornal ao n.º 803.

Agente oficial:

J. F. S. ROMEIRAS PALMA

RUA DA ESCOLA POLITECNICA, 26-28
Telef. 37 08 06 — LISBOA

Máquinas de Tricotar BROTHER

Equipadas com o carro L, extraordinário invento que lhe permite a execução automática de malhas rendadas (mate-laça). Unica e revolucionária. Totalmente automática, robusta e simples. Uma dimensão nova na arte do tricot.

Peça uma demonstração, que lhe será feita sem qualquer compromisso nos agentes centrais para Lisboa.

M. MARTIN, LTDA.

RUA DA ASSUNÇAO, 25-3.º (instalações provisórias)

REPRESENTANTES PARA PORTUGAL

ELECTRIPORTO IMPORTAÇÕES E REPRESENTAÇÕES, LT.DA

RUA RODRIGUES SAMPAIO, 193 — PORTO

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	—	—	485$
Consolidado 3%	—	—	488$
Consolidado 3 1/2%	—	—	604$
Centenarios 4%	—	—	1.400$
Dongs Tesouro 5%	—	—	1.000$
Externo 1.ª Série	—	590$	600$
Externo 2.ª Série C	610$	—	—
Externo 3.ª Série	—	700$	750$
Externo 3.ª Série C	—	—	—
Tesouro 3.ª Série	—	150$	175$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	—	—
A P I 5% 56	890$	885$	—
A P I 5% 58	—	885$	—
C P 4 1/2% 65	—	840$	850$
C P 5 1/2% 67	—	—	930$
C U F 6%	—	910$	—
C U F 6% 68	—	930$	—
Gás Elect 4% 48	—	—	865$
Gás Elect 4 1/2% 51	—	—	—
Gás Elect 5% 52	—	850$	—
Gás Elect 5% 53	—	—	—
Gás Elect 5% 59	—	—	—
Gás Elect 5% 62	—	955$	—
Gás Elect 5% 63	—	950$	—
Gás Elect 5% 65	—	—	—
Gás Elect 5% 67	—	—	985$
H E A Alentejo 5%	—	—	810$
H E Cávado 5%	—	770$	—
H E Cávado 6%	895$	980$	—
H E Douro 5%	770$	770$	775$
H E Douro 6%	955$	955$	—
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E S Estrela 6%	—	930$	—
H E Zêzere 5% 55	—	770$	—
H E Zêzere 5% 57	—	770$	—
Lisnave 6%	—	940$	—
Metropolitano 4%	—	885$	890$
Metropolitano 5 3/4%	—	740$	—
Moçambique 5%	—	670$	710$
Nac Elect 5%	—	755$	—
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquimica 5%	—	850$	—
Port Celu 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	920$	—
Sacor 5% 60	—	—	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	710$	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	715$	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	720$	—
Sonete 5%	—	800$	—
T A P 4%	—	900$	—
Termoelect Port 5%	775$	770$	—
U E P 3 3/4%	—	—	—
U E P 4%	—	—	89$
U E P 4 1/2%	—	91$	—
U E P 5%	71$5	71$	72$
U E P 5% 60	—	—	750$
U E P 5% 63	—	880$	—

Ultramarinas	Efec	Compra	Venda
Ag S Tome e Principe	—	195$	—
Borar	121$	121$	123$
Buz	—	68$	70$
Cabinda	—	—	—
Diamantes Angola	1.700$	—	1.750$
H E Revue	—	—	—
Ilha do Principe	—	—	—
Moçambique	183$	183$	184$
Sonete n	—	—	—
Sonete o	—	410$	420$
Zambézia	—	—	69$
Diversas			
Cidla	6.720$	6.700$	6.750$
Cim Leiria	4.500$	4.500$	4.600$
Cim Tejo	—	8.050$	8.200$
Co Navegação	—	500$	520$
C U F	—	350$	390$
Ind Aliança	—	—	—
Nac Navegação	—	—	3 900$
Petroquimica	—	200$	250$
Port e Colónias	—	025$	030$
Port Celulose	3 960$	—	3 980$
Port Pesca	—	80$	200$
Port Tabacos	600$	600$	602$
Sacor	—	—	3 900$
Siderurgia Nac	—	2 450$	2 470$
Soca	3 330$	3 320$	3 350$
Tabacos de Portugal	—	400$	—
Tabaqueira	6.250$	6 200$	6.270$
U F Azoto	—	625$	635$
Agua Elect e Gás			
Aguas Lisboa p	—	390$	—
Aguas Lisboa 34	—	390$	420$
Aguas Lisboa 36	—	390$	400$
C P Electricidade	1.183$	182$	183$
C P Electricidade n	1.178$	175$	178$
C P Electricidade 969	—	—	—
Elect Beiras	1.6 5$	6 5$	620$
Gás Electr	380$5	380$	381$
H E Alto Alentejo	183$5	183$5	184$
H E Norte Portugal	223$	223$	224$
H E S Estrela	—	—	—
Nac Electricidade	—	—	—
U E P	195$	194$	197$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	201$	207$
F I D E S	—	126$6	130$4

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª

TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

Rua do Ouro, 52-54 — LISBOA — Tel. 366066/7
Teleg ALMEIRO — Telex 47 ALAPI P

AÇÕES			
Bancos			
Agricultura	2.670$	2.670$	2.675$
Alentejo	1.105$	1.100$	1.110$
Angola	—	4.120$	4 170$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	7.500$	7.500$	7.550$
E Santo	6.440$	6.435$	6 440$
E Santo n	—	—	—
Fonsecas e P	26 500$	26.500$	27.500$
Fomento	—	2.650$	2.750$
L G Açores p	—	—	—
L G Açores n	—	—	—
P Atlântico p	6.400$	6 400$	6.420$
Portugal n	—	3.500$	3.600$
Portugal p	—	4.150$	4.270$
Totta Aliança	6.910$	6.900$	6 920$
Ultramarino n	3.910$	3.905$	3.920$
Ultramarino p	4.220$	4 200$	4.220$
Seguros			
Alentejo	144$	142$	145$
Douro	—	2.400$	—
Mundial	1.025$	1.020$	1.025$
Sagres	—	2.900$	3.500$
Tranquilidade	—	75.000$	95.000$
Ultramarino	—	—	—
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	770$	765$	770$
Ag Caseaduel	670$	665$	675$
Ag Incomafi	—	—	1.900$
Ag Neves	—	—	410$

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇAO DAS ACÇOES (Base D. 65-100)

	6/5/71	12/5/71	13/5/71
GERAL	151,1	151,4	149,3
METROPOL.	147,7	148,3	148,1
ULTRAM.	175,8	164,3	157,8

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rands	35$50	38$00
Alemanha — Marco	7$85	8$20
America:		
— Dollars de 1 a 2	27$80	28$30
— » de 5 a 20	28$10	28$60
— » de 50 a 000	28$20	28$70
Argentina — Peso Novo	4$80	6$30
Austria — Schilling	1$12	1$17
Bélgica — Franco	$56	$59
Brasil — Cruzeiro	4$30	5$60
Canadá — Dólar	27$80	28$30
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$40,5	$42
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$85	8$20
Inglaterra — Libra	68$00	70$00
Itália — Lira	$04,4	$04,7
Marrocos — Dirhan	—$—	5$60
Noruega — Coroa	3$85	4$ 5
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Suíça — Franco	6$85	7$10
Ouro:		
Inglaterra—Libra Isabel	300$00	320$00
Inglaterra — 1/2 Libra	300$00	320$00
Ouro fino — Barra	37$00	39$00

J. BURNAY, L.DA

RUA DO OURO, 72

Papeis de crédito
Notas estrangeiras
Tel. 231278

Maria Irene da Silva Ferreira Nunes Correia

Confortada com os Sacramentos da Santa Madre Igreja

PARTICIPAÇÃO E MISSA DE 7.º DIA

Manuel Nunes Correia, Maria de Lourdes da Silva Nunes Correia Martins, marido e filhos, José Carlos da Silva Nunes Correia, mulher e filhos e mais familia participam com o maior desgosto o falecimento de sua querida mulher mãe, sogra, avó e parente, ocorrido no passado dia 7, e que será rezada missa pelo seu eterno descanso amanhã, dia 14, pelas 16 horas, na capela do Colégio do Sagrado Coração de Maria, na Avenida Manuel da Maia n.º 2, em Lisboa.

Tribunal Judicial da Comarca de Sintra

ANÚNCIO

Por este Tribunal e 3.ª Secção de processos, correm éditos de vinte dias, contados da 2.ª e ultima publicação do presente anuncio, citando os credores desconhecidos da executada PORTOBRA — SOCIEDADE PORTUGUESA DE CONSTRUÇÕES E OBRAS, LIMITADA sociedade por quotas com sede na Rua Doutor Félix Alves Pereira, n.º 7, em Sintra, para no prazo de dez dias, posterior áquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução movida por George Henry Collier, desde que gozem de garantia real sobre o imóvel penhorado descrito na Conservatória do Registo Predial de Sintra sob o n.º 2858 a fls. 141 v.º do livro B-8.

Sintra, 1 de Março de 1971.

O Juiz de Direito,
(a) João Pedro Gomes Lopes da Cunha

O escrivão de Direito
(a) Luís Amilcar Alvarez Gonçalves

CARTAZ DOS CINEMAS

EDEN
(M. 12 anos) Tel. 320768
ESTREIA — Hoje, às 21.45
Color
Richard Harrison em
30 HORAS NO INFERNO

Às 15.15 e 18.30 — Últimas exibições — (Adultos)
«VIDAS PROIBIDAS»

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134/5
Às 15.15 e 21.30
Frank Sinatra em
QUE BELO PATIFE!
(Dirty Dinque Magee)
com George Kennedy e Anne Jackson
Metrocolor

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
2.ª SEMANA
Às 15.30 18.30 e 21.45
A obra-prima do cinema sueco
A ILHA
Um filme de Alf Sjoberg
com Bibi Andersson

ESTÚDIO 444
(M. 12 anos) Tel. 779095
Às 15.30, 18.30 e 21.45
«O melhor filme estrangeiro apresentado na América em 1970»
O MENINO SELVAGEM
Uma obra-prima de cinema
Realizada e interpretada por François Truffaut

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Tel. 320917
Às 21 horas
MANEQUIM DESFIGURADO
ALTA BATOTA

CASINO ESTORIL
(M. 12 anos) Tel. 264621
Às 17 e 21.30 h.
AS RODAS DA LOUCURA

IMPERIAL
(M. 17 anos) Tel. 45923
Às 21 horas
JUVENTUDE INQUIETA
ZORBA, O GREGO
com Darren McGavin, Sean Garrison, Mico Minardas, Susan Clark e Sal Mineo

POLITEAMA
(M 12 anos) Tel. 426305
HOJE, ás 15.15 e ás 21.30
3.ª SEMANA SENSACIONAL
COM MONTGOMERY WOOD:
A VIOLÊNCIA
DE UM FURACÃO EM
ANTES MORTO QUE VIVO
Eastmancolor

Às 18.30 — Os Grandes Romances de Amor
ELVIRA MADIGAN
(M. 17 anos) — Colorido

ODEON
(Adultos) Tel. 326283
Às 15.15 e 18.15 (p r.) e 21.30
5.ª SEMANA
E ÚLTIMA DO ÊXITO
DE MAIS VIVA SENSAÇÃO DO ANO
AMORES PROIBIDOS
(Los Jovenes Amantes)
Amavam-se tanto que ambos esqueceram a vergonha da paixão que uniu as suas almas enamoradas
Eastmancolor

EUROPA
(M. 12 anos Tel. 661016
8.ª SEMANA
Às 15.00 e 21.00
PATTON
com George Scott e Karl Malden
8.ª SEMANA
7 OSCARS
70 mm — Color
Atenção ao horário das sessões

FILMES DE SEMPRE
Hoje, no Europa, às 18.15
(Adultos)
O filme máximo do ano!
Vanessa Redgrave em
ISADORA
(Palma de Oiro no Festival de Cannes)
Uma mulher que escandalizou o mundo!
com James Fox e Jason Robarts
Scope — Color

LUMIAR
(M. 12 anos) Tel. 79593
Às 21 horas
OS DIAS DA IRA
OS LIBERTADORES

ROYAL
(Adultos) Tel. 865037
Às 21 horas
O RÉPTIL
O CINTO DA CASTIDADE

TIVOLI
(M 12 anos) Tel. 50595
Às 3 e 6.15 da tarde (p. red.) e 9.30 da noite
Um novo grande cómico francês
PIERRE RICHARD
numa comédia sensacional
O DISTRAIDO

VOX
(Adultos) Tel. 720808
Às 18.30 e 21.45
5.ª SEMANA
DE ENCHENTES!
Um filme onde a crítica a análise, o quotidiano e a malandrice, andam à solta. e de que maneira
UM MARIDO INFIEL
Atrevida comédia colorida com
com Jean Yanne e Françoise Fabian
(Junto à Av. de Roma)

MUNDIAL
(M. 17 anos) Tel. 538743
Às 18.30 e 21.45 h
3.ª SEMANA DE SENSAÇÃO!
Charles Bronson e Telly Savalas
vivem uma extraordinária e emocionante aventura em
CIDADE VIOLENTA
Um primoroso filme colorido de Sergio Sollima
Metro: Estação Picoas

BERNA
(Adultos) 77 0 ..
4.ª SEMANA DE ÊXITO!
Às 18.30 e 21.45
Claudice Bergen e Peter Strauss no impolgnate e inesquecível filme de Ralph Nelson, rodado nas padrarias do México
SOLDADO AZUL
(TRÁGICA VITÓRIA)
Em Panavision e Technicolor
À Av. Manhã de To...

LIZ
(M. 17 anos) Tel. 48560
BEIJA-ME IDIOTA
O REGRESSO
DOS 7 MAGNÍFICOS

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21.30
O RIO DA VIOLÊNCIA
com Lee Von Cleff

ALVALADE
(M. 12 anos) Tel. 717480
ESTREIA — Hoje, às 21.45
Color
Richard Harrison em
30 HORAS NO INFERNO

Às 15.45 — Últimas exibições
«VIDAS PROIBIDAS»
(Adultos)

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Dois jovens lutando contra as exigências de uma sociedade
Michael Sarrazin e Barbara Hershey em
EM BUSCA DA FELICIDADE
(The Dursuit of Happiness)
Um filme de Robert Mulligan
Colorido

LIDO
(M. 17 anos) Tel. 937593
Às 21.30 h.
Extraordinário filme policial e genial interpretação de Jean-Louis Trintignant
O PATIFE
Um filme do consagrado realizador Claude Lelouch

SÃO JORGE
(Adultos) Tel. 54153
Hoje, às 21.30 — ESTREIA
PAIXÃO
Um filme de Ingmar Bergman

Às 15.15 e 18.15 — Últimas exibições
BEIJA-ME IDIOTA (Adultos)

MONUMENTAL
(M. 12 anos) Tel. 555131
Às 15 e 21 h.
3.ª SEMANA
Peter O'Toole e Omar Sharif
LAWRENCE DA ARABIA
No écran gigante de 70 mm
ATENÇÃO: o filme começa a ser exibido às 15.15 e 21.15 h.

SATÉLITE
(Adultos) Tel. 562582
12.ª SEMANA
Às 15.30, 18.30 e 21.45 h.
Um filme de Claude Sautet
COISAS DA VIDA
com Michel Piccoli e Romy Schneider
Situado no edifício do Monumental

AVIS
(Adultos) Tel. 47162
Às 15.30 e 21.45
Anthony Steffan e Mark Damon no filme de acção arrasante e espectacular
UM TREM PARA DURANGO
Technicolor - Techniscope

CONDES
(Adultos) Tel. 322523-326718
Às 14.15 18 e 21.45
12.ª SEMANA
Um filme de David Lean
A FILHA DE RYAN
com Robert Mitchum, Trevor Howard, John Mills e Sarah Miles

ROMA
(Adultos) Tel. 72778
Às 15.30 e 21.45 h.
4.ª SEMANA TRIUNFAL
Annie Girardot, Merillie Dara, B. Blier
na Comédia de Humor muito Negro
ELA NÃO BEBE, NÃO FUMA, MAS...
Eastmancolor

* outros espectáculos

● LISBOA
TEATROS

MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e às 23 h.: «Cala-te boca» (17 anos).
VARIEDADES — Às 21 e 45: «O Contrato» (17 anos).
TEATRO ACADEMIA — Às 21 e 45: «O Santo e a Porca» (12 anos).
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «56 as borboletas são livres» (17 anos)
TEATRO MONUMENTAL — Às 21 e 45: «Quarenta quilates» (17 anos)
CAPITÓLIO — Às 2 e 45: «A querido mamã» (17 anos)
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «Jogos de sociedade» (17 anos).

CINEMAS

CINEARTE — Às 21: «A mão» (17 anos)
OLIMPIA — Às 21: «O terror no Castelo dos Mortos Vivos» (17 anos).
JARDIM-CINEMA — Às 21: «Jogo Perigoso» (17 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «Os 4 magníficos» (12 anos)
IDEAL — Às 21: «O circo» (12 anos)
SALÃO LISBOA—Às 21: «Nobreza rebelde» (12 anos).
PARIS — Às 21 «O passageiro da chuva» (17 anos)
MOSCAVIDE — Às 21: «Entre a honra e o amor» (17 anos)
ENCARNAÇÃO—Às 21: «Os Onze do Oceano» (17 anos).
CAMPOLIDE — Às 21: «Do alto do terraço» (17 anos).

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «O internato de raparigas» (17 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «O último domicílio conhecido» e «A história de um assalto» (17 anos)
PAREDE — ROYAL CINE — Às 21: Confesso» e «OSS-77 Operação Flor de Lótus» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e às 21 e 30: «As rodas da loucura» (12 anos).
PALÁCIO — Às 21 e 30: «Momento a momento» (17 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «O Circo» (12 anos).

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «A morte não tem sexo» (17 anos)
VENDA NOVA — CINE PORTUGAL — Às 21 e 15: «Um dólar nos dentes» e «Intriga em Hong-Kong» (12 anos,
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 2 e 15: «A Vingança é minha» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE CHABY — Às 21 e 30: «Maria Isabel» (17 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 15: «Rio Lobo» (12 anos).
LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E RECREIO — Às 21 e 30: «Ladrão roubado» (12 anos).

● PORTO
TEATROS

RIVOLI — Às 21 e 30: «Ballet Theatre Contemporain» (12 anos)
COLISEU — Às 21 e 30: «Frangas na grelha» (17 anos)
TEATRO DO TERÇO — Às 21 e 45: «Bodas de Sangue» (17 anos)

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «O silêncio do amor» (17 anos)
TRINDADE — Às 21 e 30: «Contestação geral» (17 anos).
OLIMPIA—Às 21 e 30: «O ninho de víboras» (17 anos)
BATALHA — Às 21 e 30: «O último guerreiro» (17 anos)
ESTUDIO — Às 21 e 30: «Quem?» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — Às 21: «A pele de um malandro» e «Matem John Ringo» (17 anos).
AGUIA DE OURO — Às 21 e 30: «Os estrangeiros» (17 anos)
JULIO DINIS — Às 21 e 30: «E Deus Criou a Mulher...» (17 anos
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «O visconde de Haragelomne» (17 anos)

● COIMBRA

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «Selva mulheres & macacos» (17 anos)
AVENIDA — Às 21 e 30: «Porte massacre» (12 anos)
TIVOL — Às 21 e 30: «O duelo de morte» (12 anos).
SOUSA BASTOS — Às 21 e 30: «Quimera» (12 anos).

farmácias de serviço

● LISBOA

ALCÂNTARA — Dilema, R Aliança Operária, 49-A (t 636620) * **Costa,** Rua dos Lusíadas, 32 (telef 636704) * **Vieira a Rosa,** Rua Prior do Crato. 74 (tel 660 87)
ALTO DO PINA — Ibéria, Rua Barão de Sabrosa, 235-A (te 728277)
ALVALADE — Aeroporto, Avenida Almirante Gago Coutinho, 101-D (á Avenida D Rodrigo da Cunha) (telef 722384) * **Cabrita,** Campo Grande, 222 (tel 772397) * **Sanex,** Avenida de Igreja, 31-C (telef 776905) * **Rio de Janeiro,** Avenida Rio de Janeiro, 4-C (á Avenida Estados Unidos da América (te 721409)
AMEIXOEIRA — S. Bartolomeu, Vila Paula Jorge, 1 (ás Galinheiras) (telef 790969)
ARCO DO CEGO—S Jorge, Avenida Rovisco Pais, 32-A (tel 534027)
AREEIRO—Algarve, Avenida de Roma. 7-B (tel 777478)
ARROIOS — Pancada, R Rebelo da Silva, 9 (telef 43340) * **Castro,** Avenida Almirante Reis, (t 44373)
AVENIDA DA LIBERDADE — Liberal, Avenida da Liberdade, 219 (Tel 43641)
AVENIDAS NOVAS — Figueiras, Avenida Marquês de Tomar, 20 (tel 44995) * **Cruz Nunes,** Praça Duque de Saldanha. 4 (tel 41845)
BAIRRO ALTO—Sanitas, Praça Luís de Camões 24 (tel 322798)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO—Ascenso, Rua 27. 41 (telefone 321216)
BAIXA — Silva Carvalho, R dos Fanqueiros. 126 (tel 326575)
BELÉM—Bom Sucesso, R Bartolomeu Dias, 63-A (telefone) 611454)
BENFICA — Santa Cruz, Av Gomes Pereira. 34-A (telef 704828)
CAMÕES — Sanitas, Praça Luís de Camões. 24 (tel 322798)
CAMPOLIDE — Oliveira, Rua de Campolide 54-A (tel 684424)
CAMPO DE OURIQUE — Elma, Rua D Maria Pia, 358-A (tel 686176) * **Urbano de Freitas,** Rua Silva Carvalho, 19 (tel 662838) * **Tagus,** Praceta da Rua Possidónio da Silva, 62-A (telefone 669485) * **Pinheiro,** Rua de Campolide, 13 (te 686640)
CARNIDE — Ribeiro, Estrada da Luz, 199-A (tel 780969)
JANELAS VERDES — Reis Garrido, R das Janelas Verdes. 90 (tel 662327)
LAPA — Mota Capitão, R de S Félix. 45-A (telefone 660720)
LUMIAR — Central, R do Lumiar 77 (telefone 790480)
MARQUES DE POMBAL — Liberal, Avenida da Liberdade 219 (tel 43641)
MOURARIA — Silva, Calçada de Santo André 16 (telef 862074)
OLIVAIS — Antunes Rosas, Praça da Cidade do Luso, lote 99 (Olivais-Sul) (telef 313601) **Central dos Olivais,** Rua Alferes Barrilaro Ruas, 7-C (Olivais - Norte) (telefone 315539)
PENHA DE FRANÇA — Bastos, Rua Morais Soares, 91-F (telef 884350) **Branquinho,** Rua de Sapadores. 87 (telef 842725)
PICHELEIRA — Luzmar, R. João Nascimento Costa 16-A (telefones 720703-728395)
RATO — Vicente de Jesus, Largo do Rato 3-C (telef 681947)
RESTELO — Belém, Rua Tristão Vaz, 10-A (á encosta do Restelo) (telefone 612248
SANTO AMARO — Gomes, Rua da Junqueira, 326 (telef 638193)
S. BENTO — Fénix, R da Cruz dos Poiais. 52 (telef 578531)
S. MIGUEL — S. Miguel, Praça Francisco de Morais, 1 (telef 771469)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA — Novais, Avenida Luís Bivar 11 (telefone 44324
SETE RIOS — Curie, Avenida Madame Curie, 5-A (telef 778439) **Laranjeiras,** Rua Filipe da Mata 60 (telef 761035)
SOCORRO — Silmar, Rua de S Lázaro, 128 (telefone 42829)
XABREGAS — Conceição, Calçada de D Gastão 30 (telef 381275)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Almeida Nito —Av Comb G Guerra. 64 (Tel 212070)
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (T 242839)
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av Patrão Lopes 4 (T 2432039)
OEIRAS — Central — R João Teixeira Simões. 18 (Tel 2430058)
PAREDE — Brandão — Av da Republica. 77-C (Tel 247 054.
S. PEDRO DO ESTORIL — S Pedro (T 263052)
ESTORIL — S. João — S João do Estoril (telefone 26 86
MONTE ESTORIL — Ostende, Rua de Espinho. 1 (Tel 26039)
CASCAIS — Misericórdia — Rua do Regimento 19, 4 (T 280 4) * **Cascais** — R Conde de Monte Rea — Bairro Caixas Tel. 282407.

● Linha de Sintra

AMADORA — Caveca R Elias Garcia 209 (telefone 9300 9) * **Flama,** R Elias Garcia. 18-B (telefone 932485) * **Confiança,** Av D Nuno Alvares Pereira 5-A tel 938 49)
DAMAIA — Damaia — P Alexandre Gusmão. 9 (Tel 970523)
QUELUZ — Gil — Av Miguel Bombarda. 78 (Telefone 950 17) * **Simões Lopes** — Av Elias Garcia 5 Tel 950123)
CACÉM — Central — R Elias Garcia 55 (telefone 2940034)
MEM MARTINS — Quimia — Est Mem Martins, 285 (Te 29 00 2
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456)
SINTRA — Simões — R Heliodoro Salgado, 26 (Tel 980832)
COLARES — Colares — Abreia Te 299088

● Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes, L Coronel Ramos da Costa. 0 (Te 234 37)
ALHOS VEDROS — Gusmão — Rua Cândido dos Reis 30 Te 274070)
ALMADA — Algarve — R Fernão Lopes, (telefone 270271)
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Est Nacional 4 Tel 244302
BARREIRO — Normal— Av Alfredo da Silva 16 (Te 2273035)
COVA DA PIEDADE — Atlantico, Quinta do Pombal (Tel 274365)
MOITA — Silva Rocha — P da Republica 6 (Te 239029)
MONTIJO — Montepio — Av Almirante Reis, 93 (Te 230035
SESIMBRA — Leão—Av Salazar tel 22947
SETÚBAL — Normal do Sul — Praça do Bocage (Tel. 222161)
SEIXAL — Soromenho — R Paiva Coelho. 38 (Tel 228560)

PORTO

Anacleto de Barros, Rua do Loureiro, 104 (Telef. 35075 * **Cameira,** Rua do Heroísmo 90 (Telefone 52583 * **Canavarro,** Rua da Restauração 53 (Tel 60754 * **Confiança,** Rua de Santa Catarina, 960 (Te 22884) * **Costa Cabral** Rua de Costa Cabral 33 (Tel 40780 * **Figueiredo, Lda.,** Rua de Cedofeita 25 (T 2 620) * **Fonte da Moura,** Rua de Tânger 463 (Telefone 68 444 * **Monte dos Burgos** Rua do Monte dos Burgos 802 (Tel 62279) **Monte Cativo,** Rua Monte Cativo 444 (T 41687 * **Nova Avenida,** Av Fernão de Magalhães, 692 (Telefone 52250 * **Padrão,** L. do Padrão 342 (T 52 49) * **Parente** Rua das Flores 4 (Te 2 6) * **Pombeiro,** Campo dos Mártires da Pátria 52 (Telefone 3 295 * **Sá da Bandeira** Rua de Sá da Bandeira 236 (Tel 22 64) * **Nacional** Rua Senhora da Luz 56-Foz T 680833)

● COIMBRA

Neves Morgado — Rua da Moeda (tel 23738) * **Rodrigues da Silva** — Rua Ferreira Borges (t. 24348) * **S. José** — Arcos do Jardim (tel. 24697)

Diário de Lisboa
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

A EFTA deixará de existir 5 anos após a entrada da Inglaterra nos «seis»

REYKJAVIK, 13 — (ANI) — Os ministros da Associação Europeia de Comércio Livre (EFTA) reunem-se hoje em Reykjavik para discutirem as negociações da Inglaterra para a entrada no Mercado Comum.

O futuro da EFTA depende do resultado das conversações de Bruxelas e os informadores da delegação britânica anunciaram que a Inglaterra fará «um relato completo e franco» sobre a forma como decorreram os trabalhos em Bruxelas.

A Inglaterra, o país organizador da EFTA em 1960, prometeu manter os outros oito membros informados das suas diligências junto do Mercado Comum e Geoffrey Rippon, negociador chefe em Bruxelas, fará a sua comunicação esta tarde.

Se a Inglaterra entrar no Mercado Comum a EFTA deixará de existir terminado o período de transição de cinco anos.

Dos países da EFTA a Dinamarca e a Noruega pediram o ingresso no Mercado Comum como membros de pleno direito, enquanto a Austria, a Finlandia, a Islandia, a Suécia e a Suíça propuseram vários acordos comerciais. Portugal pediu uma forma de associação.

A sessão de hoje começa com um relatório do secretário-geral, «sir» John Coulson, sobre o «estado da EFTA»

O tempo

INFORMAÇAO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO

SITUAÇÃO GERAL AS 7 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental, o céu estava em geral muito nublado e o vento era fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Elvas, 28°,5; mínimo Penhas da Saude 4°.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS — Porto, 5°; Penhas Douradas, 7°; Coimbra, 15°; Portalegre, 10°; Lisboa, 16°; Faro, 7°; Funchal, 7°.
TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL AS 9 HORAS DE HOJE — No atmosfera: 8°, na água do mar 15°.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Céu muito nublado; vento fraco a moderado dos quadrantes de Oeste; possibilidade de aguaceiros, em especial nas regiões do litoral do Norte e Centro.

Amanhã
Nascer ás 6 e 27
Ocaso ás 20 e 40

Dia 17 Dia 24 Dia 1 Dia 9

MARES

PREIA-MAR: Hoje — 5 e 47 (3,6 m); 18 e 5 (3,8 m). Dia 14 — 6 e 33 (3,5 m); 18 e 53 (3,7 m). Dia 15 — 7 e 26 (3,4 m); 19 e 43 (3,6 m).
BAIXA-MAR: Hoje — 0 e 9 (1,1 m); 23 e 39 (1,0 m). Dia 14 — 11 e 57 (1,2 m). Dia 15 — 0 e 30 (1,2 m); 12 e 45 (1,3 m).

UM AMOR QUE VEIO DAS HONDURAS — Foi ontem em Saint-Tropez, com tanta gente na sala que o «maire», temendo uma derrocada, mandou os assistentes encostarem-se à parede. Tema: o casamento de Mick Jagger (dos «Roling Stones) com a bela hondurenha Blanca Moreno de Macías, ex-noiva de «Lord» Lichtfield e do magnate do disco Eddie Barclay. Estavam presentes três «Beatles». O noivo, conhecido pelas suas práticas anticonvencionais calçava sapatos de ténis cobertos com manchas de tinta

O MINISTRO GIBSON BARBOZA HOMENAGEADO EM NOVA YORK

Mário Gibson Barboza, ministro das Relações Exteriores do Brasil, foi hoje homenageado em Nova York, tendo-lhe sido entregue o título de «Homem do Ano» brasileiro. Na mesma cerimónia, efectuada na Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos, o ministro conferiu ao governador Nelson Rockfeller o título de «Homem do Ano» norte-americano.

O ministro Gibson Barboza pronunciou, na ocasião, um discurso em que salientou as dificuldades económicas por que o Brasil passou e das quais — disse — estava agora a libertar-se. Barboza sublinhou a importância, para o progresso do seu país, da amizade e do auxílio dos Estados Unidos.

IMPRENSA

«Flama»

Com um numero especial, a «Flama» comemora hoje o seu 27. aniversário. Ao seu director e colaboradores apresentamos as nossas felicitações.

«Vida Mundial»

Completa hoje 32 anos de publicação o semanário «Vida Mundial». Ao seu director e colaboradores apresentamos cumprimentos.

A LOTARIA DE HOJE

45919 — 4 800 000$
7089 — 480 000$
19883 — 240 000$

APROXIMAÇAO AO 1.º PRÉMIO

45918 — 15 060$
45920 — 15 060$

PRÉMIOS DE 18 CONTOS

34 1477 5987 7005 9592 12725 20257 20660 20717 22816 28266 28781 31564 34484 35154 38526 38973 41145 41610 44050

PRÉMIOS DE 480$00 (Centenas)

7001 a 7100: 19801 a 19900 e 45901 a 46000.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os numeros cujos três algarismos finais sejam 089 e 919, têm direito a 1800$00, em cada bilhete; os terminados em 883, têm direito a 1440$00; os terminados em 156, 296, 405, 424, 431 ou 473, com 960$00. Por sua vez, os numeros cujos dois algarismos finais sejam 19 ou 89, com 840$00 e, 28, 54, 83 ou 87, com 480$00. Todos os restantes numeros cujo algarismo final — terminação — seja 9, são contemplados com 360$00, também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

OS PASTORES DA NOITE
de
JORGE AMADO
(11 000 exemplares — nova edição)

... Conto o que sei por ter vivido
e não por ouvir dizer.
Conto de acontecimentos verdadeiros.
Quem não quiser ouvir pode ir embora,
minha fala é simples e sem pretensão.
Pastoreávamos a noite
como se ela fosse um rebanho
de inquietas virgens
na idade do homem ...

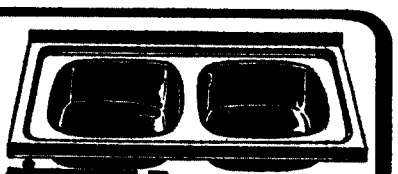
PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

FÉRIAS
na
PRAIA
8 ou 15 dias
em
Torremolinos
ou
Palma de Maiorca
desde 1780$00
incluindo passagem de ida e volta e hotel em pensão completa

Encontrando-se quase esgotadas as lotações das viagens de verão, a «Europeia» recomenda aos interessados que reservem já os seus lugares.

Viagens Apolo
Europeia
A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
231, Av. da Liberdade, 235
Telef. 53 61 21
LISBOA-2

HOJE DIA 13
TODOS OS PRÉMIOS GRANDES
DA LOTARIA ESPECIAL DE MAIO
FORAM VENDIDOS AOS BALCÕES DA
CASA DA SORTE
SORTE GRANDE — 4800 CONTOS 45919
2.º prémio — 480 contos — 7089
3.º » — 240 » — 19883
3 Bilhetes com a SORTE da
CASA DA SORTE
A casa que faz multimilionários

Teka
LAVA - LOUCA INDUSTRIAL 18/8

FABRICADO POR — Teka-Hergóm
Representante — ANSELMO SANTOS
AVEIRO - APARTADO 130 / LISBOA - R.COR. BENTO ROMA, 12-A
REVENDEDORES EM TODO O PAÍS

RESTAURANTE PORTAS DO SOL
ALFAMA — R. de S. Tomé, 86-A B C

SUPLEMENTO LITERÁRIO

662 ■ 13 DE MAIO ■ 1971

«SE A PRÓPRIA HISTÓRIA SE CONTRADIZ...»

entrevista com

pablo neruda

Neruda (visto por Tim): lei da arte, lei da vida

NOMEADO EMBAIXADOR do Chile pelo governo Allende, Pablo Neruda chegou a Paris quase na mesma altura em que surgia nas edições Gallimard o seu livro «Estravagario». Escrito em 1958 e agora notàvelmente traduzido por Guy Suarès sob o título de «Vaguedivague», esta obra vem juntar-se aos numerosos textos de Neruda já apresentados aos leitores franceses. Se treze anos foram decorridos desde a sua primeira publicação em língua espanhola, nem por isso «Vanguedivague» deixa de nos revelar uma personalidade que, através de uma poesia outonal, opera um retorno a si própria e medita, não sem humor, sobre as suas contradições.

— *Um dos temas maiores de «Vaguedivague» parece ser o do reconhecimento e aceitação das suas múltiplas identidades. Que incidência tem esta multiplicidade sobre a sua poesia?*

— Sofri, como os outros, a lei da arte, que é acima de tudo lei da vida. A minha poesia seguiu a minha própria caminhada. Primeiro, o adolescente orgulhoso e tímido, o amoroso castamente libertino dos *Vinte poemas de amor e uma canção desesperada*. Depois, o viajante solitário, extraviado contra vontade no continente índio. *Residência sobre a Terra* é o reflexo deste período sombrio e perigoso. É uma poesia sem saída que, como disse muitas vezes, não ajuda a viver mas a morrer. Fui salvo do desespero pela guerra de Espanha, que fez de mim uma espécie de guerreiro protestando contra a injustiça, um guerreiro que luta pela paz ou, se preferirem, um pacifista desejoso que se deixe enfim a humanidade tranquila.

Censuraram-me pelos meus erros e contradições. Mas se a própria história se contradiz, como é que um pobre diabo de poeta, vivendo nas regiões vizinhas do Polo Sul, poderia escapar a isso?

Cada um dos meus livros é pois um pouco como um salto no vazio, um salto da janela à rua e da rua à janela. Sempre recusei escrever uma poesia de especialista, encerrar-me num único género poético. Com o Canto Geral, pareceu-me que tinha es-

Cont. na pág. 6

por ALINE SCHULMAR

algumas notas sobre o espectáculo manuel joão gomes (1)

CARLOS PORTO CONTRA-ATACA

acredito — com o escritor cubano Cézama Lima — que só o que é discutido existe ao nível do homem

COMO É do conhecimento público, apresentou-se recentemente neste lugar um espectáculo em três actos intitulado «DA NOSSA CRÍTICA DE TEATRO E DE COMO LÊ-LA». Autor e principal actor: MANUEL JOÃO GOMES.

Teatro de contestação (platónica), teatro de guerrilha (de opereta), ataque feroz (e inóquo) contra a burguesia na sua forma de crítica de teatro (e, muito parcialmente de cinema, a de televisão ficou só pelos ameaços), aquele espectáculo revelava, desgraçadamente, claros sintomas de recuperabilidade por parte de uma plateia ávida de escândalos distractivos e de polémicas em que vale tudo, incluindo arrancar os olhos. Afiemos, pois, as unhas.

(M. J. G. — Você não faz crítica faz «terrorismo» (com muitas aspas). Não sou contra. Sou contra quando o (se) trai. Sou contra quando não ultrapassa o nível do humorismo revisteiro de Bracinha & C.ª, ou quando se espalha em contradições demasiado primárias. Quando utiliza a calúnia e a denúncia. Quando se serve da aldrabice (denúncia puxa denúncia: assim se entra num círculo infernal). Quando se mete pelos atalhos (imbecis) das insinuações, embora deixando muito rabo muito de fora. Quando usa, em vez da clareza que reclama, um hermetismo obscurantista).

Nos três longos artigos aqui publicados (longos em relação às dimensões normais da colaboração inserta no «literário»), M. J. G. pretendeu, pois, levantar o processo da crítica que se faz entre nós, e muito em especial da crítica de teatro. Para isso, pegou em meia dúzia de textos de críticos diversos (padronizantes, segundo ele, de toda a crítica que se faz em Portugal), na sua maioria referentes a um só espectáculo; fez citações truncadas, ou por lhes faltar texto que completaria o pensamento do autor, ou por dispô-las gràficamente de maneira diversa da original, ou dando-lhes um interpretação especiosa; fez afirmações sem base nem provas, ligou tudo com o molho da piada provocatória — e aí está a crítica da crítica à maneira de.

Essa crítica seria bem vinda (pela parte que me toca) se respeitasse determinadas regras de jogo que creio indispensáveis numa análise como aquela a que o articulista se propôs. Ou seja, será de exigir a uma crítica da crítica o mesmo rigor, a mesma clareza, a mesma honestidade que à crítica se deve exigir, que a crítica deve exigir-se. Sem isso, a crítica da crítica não me parece válida (como se diz que se diz). Vou tentar demonstrar a falta de rigor, de clareza e de honestidade do crítico M. J. G., falta que a meu ver elimina a razão que porventura lhe pudesse assistir em certos aspectos da sua análise (aspectos de que, aliás, os visados têm consciência). Lamento ser forçado a transformar estas notas num quase diálogo com o M. J. G. — citando-o e citando-me talvez excessivamente, pois seria preferível desfulanizar os problemas aqui focados.

A CRÍTICA COMO SISTEMA

Os textos de M. J. G. terminam com esta frase: (a crítica) «é um sistema que protege um sistema e é por ele protegido» (III) (a). O que, ao fim e ao cabo aquele pretendeu com o seu (des)arrazoado foi afirmar este grave pecado: a crítica de teatro constituiu-se em instituição que se integra no sistema (não só teatral, não é isso, M. J. G.?), o protege e é por ele protegido.

Antes de continuar devo esclarecer que esta resposta só a mim responsabiliza (não tenho procuração de ninguém) que respondo não apenas àqueles pontos em que M. J. G. me ataca directamente (esta terminologia bélica é intencional, claro) mas aos três artigos no seu conjunto, já que M. J. G. passa ao geral, do exemplo pessoal à teoria com uma sem-cerimónia arripiante, sendo-me por isso impossível distinguir onde começa e onde acaba a crítica que me é feita. Aceito, pois, a crítica na sua generalidade e respondo de acordo. (Observe-se uma das contradições de M. J. G.: ...«é notória aqui a ligação a um certo *aristotelismo* que faz gizar a crítica através do método de explorar separadamente *matérias* e *formas*, *universais* e *singulares* (II) (sublinhados do autor).

Preencho as funções de crítico de teatro num diário português (num vespertino lisboeta), neste ano de 1971. Exerço, pois, uma função para a qual fui convidado (sem cunhas) e, aceitando-a, obriguei-me a admitir esta primeira regra: critico o teatro que se faz agora em Portugal. A aceitação desta regra básica implica a aceitação de outras. Para não me plagiar, vou transcrever o que algures escrevi (pedindo desculpa por fazê-lo, embora a transcrição reflicta uma das maiores preocupações que, como comentador de teatro, sou obrigado a viver):

«Fazer crítica de teatro nas condições em que entre nós é feita, implica inevitàvelmente a aceitação de determinadas regras de jogo. Posição incómoda e arriscada, (agora acrescentaria: e ambígua) porque essas regras são impostas por um conjunto de circunstâncias que ultrapassam o âmbito em que se circunscreve a acção da crítica. (...) O teatro é uma realidade que como tal existe e como tal tem de ser analisado, embora não possa deixar de ser perspectivado na sua totalidade. Ao aceitar (e por condição não podemos deixar de o fazer) as regras de jogo a que acima me referi, estamos a aceitar o contexto em que o teatro se insere. A aceitar, embora discutindo-o, dentro do que é

Cont. na pág. 2

CARLOS PORTO CONTRA-ATACA

Cont. da pág 1

possível, embora negando-o nas suas implicações. Contudo a análise do teatro que se vê é feita a partir dessa aceitação de princípio que, como vimos, não pode deixar de conter (pelo menos para mim) o movimento dialéctico da sua recusa. A isso, exactamente, chamei regras de jogo». (b)

Perante um espectáculo português o crítico integra-se nesta realidade. O espectáculo é resultado de um conjunto de factores viciados desde a base.

Depende, em grande parte, do funcionamento da bilheteira: os nossos actores não têm escola; são raros os encenadores portugueses capazes de articular um discurso criador a partir da leitura de determinado texto; os nossos cenógrafos, de uma maneira geral, são coarctados por problemas de ordem económica; a selecção de originais representados condiciona-da; o público não se interessa pelo teatro que se faz mesmo quando nele se vislumbra qualquer coisa que poderia interessá-lo (sei que se trata de um círculo vicioso). É este o sistema em que a crítica de teatro se insere (como se vê, deixei de lado outros problemas de carácter estrutural).

A isto chama M. J. G. fazer «a política do possível. O conformismo com a política teatral em vigor. O conformismo da política teatral com as outras» (I). Não é verdade que a política do possível implique o conformismo com a política teatral em vigor (por isso afirme que o M. J. G. alardeava). Ser-me-ia fácil demonstrar que ao longo de dezenas de artigos (alguns deles publicados aqui mesmo) pugnei, bem ou mal, não é isso que está em causa, por: 1.º — a necessidade inadiável de um outro teatro; 2.º — com esta diferença que o pseudo-revolucionarismo de M. J. G. não o deixa enxergar: essa política terá de partir de *outra política*; 3.º — por isso mesmo considero que a articulação de uma política de teatro outro terá que fazer-se a partir de estruturas outras.

Em consequência do que atrás ficou dito, o panorama do espectáculo teatral português contém uma percentagem excessiva de subprodutos de interesse meramente comercial. Na dissertação (eruditazinha) que sobre o teatro na Grécia (II), M. J. G. não teve em conta o factor decisivo de nem vivermos na Polis nem o teatro que por cá vai havendo representar para a cidade o que para Atenas significava. Por isso, me parece lamentável que o crítico gaste mais de 10 páginas do «Diário de Lisboa» fazendo o processo da crítica esgotando em duas linhas — duas — a partir dessa crítica que procura desmistificar (destruindo) o teatro comercial e inepto que por cá se faz — e cuja irradiação é incomparàvelmente mais importante que a do teatro culto a que M. J. G. se refere. Embora pense o contrário, aquele é, afinal, homem de élite.

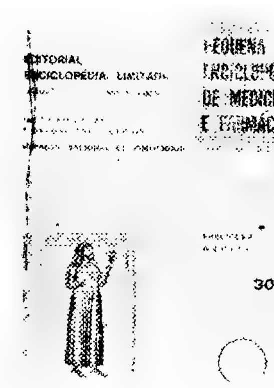
A CRÍTICA COMO PUBLICIDADE

Uma das acusações-chave de M. J. G. é a que diz respeito às ligações dos críticos com o meio teatral, tema que retoma em várias ocasiões. Pressuroso, a denuncia, atira com esta inenarrável *boutade*: «Aconselhados por Luzia Martins atacam algumas mistificações.» (III). Vocês estão a imaginar os serviços secretos do Teatro-Estúdio a telecomandar os críticos da nossa praça incapazes de raciocinar pelas suas meninges. Nem vale a pena acrescentar que, pela minha parte, falei uma única vez com a encenadora citada, vítima por tabela seca da sanha do crítico. Nem vale a pena lembrar que um crítico casado com uma actriz não faz nunca a crítica de espectáculos em que a sua mulher colabora. Ainda, a propósito, este bocadinho: «É nesta forma que o bolo vai ao forno, ao sair-se da estreia da peça. Este é o esquema de todo o crítico aqui e agora; o qual facilita muito as coisas; permite divagações retórico-eruditas; tem tempo para a *publicidade* e a *louvaminha*; tudo é possível desde *referências aos amigos* até *palha* que se mete nos pontos quando não se estudou a matéria» (II). (Sublinhados do autor). Quer dizer: para o crítico qualquer referência elogiosa é publicidade ou/e louvaminha ou/e referência aos amigos. O crítico não admite a boa-fé do elogio. Então, nesse caso, quando o crítico diz mal, ataca inimigos? despublicita? deslouvaminha? Mas não é isso que principalmente faz a crítica, em média (seria talvez necessário ir mais longe — é um ponto a discutir)? E o que quer dizer o crítico com o «estudar a matéria»? Então, não goza ele com o facto de os críticos se fartarem de ler (sic) todos os dias? E não diz que «perceber de teatro não quer dizer coisa nenhuma»? (III)

Peguemos também nisto: «Da poderosa máquina de marketing ao serviço do teatrismo os críticos são a roda mais importante na engrenagem e a eles devemos o estado de coisas actual, primeiro lugar» (I). Observemos o seguinte: (1) A poderosa (esta deseconomia de adjectivos. M. J. G.) máquina de marketing não pertence nem está ao serviço de todo o teatro que se faz em Portugal. Só se pode falar (embora com manifesta boa vontade) em marketing referenciando o Teatro Maria Matos e a(s) empresa(s) de Vasco Morgado. É tolo falar em marketing a propósito do Vasco Santana, da Casa da Comédia, de Cascais, de Algés. (2) Não vale a pena referir que a crítica portuguesa não está ao serviço de nenhuma engrenagem e que não é a nós nem em primeiro nem último lugar que se deve o actual estado de coisas (como, aliás, é lógico). (3) Uma análise desapaixonada e fundamentada (e principalmente livre) da situação do teatro em Portugal teria que ser relacionada com todo um contexto sociopolítico—como é óbvio. Mas nem a estas coisas óbvias M. J. G. quer chegar. E digo quer porque creio o autor destas diatribes intelectualmente capaz dessa análise. Simplesmente, o alvo (interesseiro) era outro (e, por coincidência, bastante mais fácil).

Poderá dizer-se (para usar uma *boutade* mjgomista) é que a crítica portuguesa é a mais exigente e agressiva do mundo (continuo a referir-me a jornais diários). Por razões que não é oportuno desfibrar, mas sociològicamente explicáveis, tem sido possível aos jornais portugueses apresentar, em especial no capítulo de TV, cinema e teatro, uma crítica que não poupa a violência dos termos.

O facto, aliás, tem provocado a ira de certos comentadores (ver «Página Artística» do «Diário de Notí-



PEQUENA ENCICLOPÉDIA DE MEDICINA E FARMÁCIA

30$00

Uma obra em que se procura dar uma orientação de modo a abranger todas as matérias que lhe dizem respeito, e tratar todos os assuntos com simplicidade, concisão, clareza e rigor científico ● Ela liga-se pela sua natureza a um publico vasto. Além de médicos, farmacêuticos e veterinários, estudantes de cada uma destas profissões e ainda, enfermeiros, fisioterapêuticos, preparadores, etc., terão muitos vezes ocasião d consultá-la para esclarecer uma duvida ou precisar um conceito ● Uma Enciclopédia constituida sómente por 3 volumes, dá a possibilidade ao publico leigo de se informar com suficiente clareza sobre o significado de um termo, nome próprio, conceito, ou uma data, e sobre um aspecto histórico ou biográfico, em assuntos relacionados com a Medicina Humana, a Medicina Veterinária ou a Farmácia ● A parte técnica está entregue aos distintos clínicos: Ludgero Pinto Basto e João José Mendes Fagundes, com a colaboração de dezenas de médicos ● A mais util e actual do momento. Aquela que deve estar em todos os lares.

A sair dentro de dias o 1.º fascículo

MAIS UMA REALIZAÇÃO DA:

EDITORIAL ENCICLOPÉDIA, LDA.

Rua António Maria Cardoso, 33 — LISBOA 2

E DISTRIBUIÇÃO DA:

EMP. NACIONAL DE PUBLICIDADE

Rua Rodrigues Faria, 103 — LISBOA 3

FAÇA HOJE MESMO A SUA INSCRIÇÃO

BOLETIM — DL

Queiram considerar-me assinante da v/ obra **Pequena Enciclopédia de Medicina e Farmácia** na modalidade:

Fascículo avulso: 30$00 [ ] — Série de 3 fascículos: 85$00 [ ]
— 6 fascículos: 165$00 [ ] — 12 fascículos: 320$00 [ ]

NOME ....

MORADA ....

LOCALIDADE ....

Assinalar com |+| a modalidade interessada.

PINTOR ESPANHOL

Martin Escaned expõe na galeria do «Diário de Notícias», ao Chiado, de 18 a 28 deste mês

BROTHER

Máquinas de escrever eléctricas, de somar e portáteis, japonesas — garantidas.
Pedidos a

A PRESTAMISTA MERCANTIL, LDA.
Av.ª Almirante Reis, 10-C — Telef. 562314 — Lisboa 1

Poesia & Não

FERNANDO ANTÓNIO ALMEIDA
O DIA A NOITE O DIA
Ed. Autor — 1971

O PRESENTE livro foi em 1964 seleccionado para publicação através do Fundo de Edições da Sociedade Portuguesa de Escritores, por um juri constituído por João Gaspar Simões, Rogério Fernandes e Rui Feijó. Posteriormente, segundo nos diz o autor, alguns dos seus poemas foram incluídos em *Caderno Alfa* e numa antologia sobre Hiroxima.

Trata-se de uma poesia ainda inábil, quase sempre respeitando todas as regras da poética tradicional que o autor aceita passivamente. Uma escrita insegura, pouco elaborada, repetindo adjectivos e utilizando os verbos quase só em infinito e gerúndio. Fiquemo-nos com o exemplo desta quadra (aliás a medida mais constante) com que encerra um dos seus poemas.

Mas desfazendo embora em tua imagem
o sentido desfeito do futuro
agora nesta hora sem coragem
nem deste amor consigo estar seguro.

AMÉLIA ERSE
ROSAS DE JERICÓ.
Ed. Autor — 1970

Talvez que este soneto, mais do que quaisquer palavras nos elucide sobre a *poesia* contida neste livro:

Que santo amor a mãe no peito sente!
Amor que fica eterno e não se cansa;
Água que corre tão quieta e mansa,
Rio que mata a sede docemnte...

Amor que não esmorece descontente,
Que põe no olhar novenas de esperança...
É deste amor que vive uma criança
E deste enlevo vive a mãe contente...

Braços de mãe, ainda que vazios,
Sentem conchego em sombras pesarosas
Se má sorte lhes trouxe os ventos frios...

Amor! Sabe-se lá donde é que vens!
Decerto foi nas pedras preciosas
Que Deus abriu o coração das mães!

O livro tem um breve prefácio com a assinatura de Maria Helena cujas palavras finais não queremos deixar de realçar: «*Agora, que cada leitor se sinta feliz ao travar conhecimento com a alma de Amélia Erse, como eu me sinto felicíssima por ter ajudado a Poesia a dar mais um Poeta á luz*».

N. M.

OUTROS LIVROS RECEBIDOS

«Vaga» — Hélio Costa Ferreira — Ed. Autor — Porto S/D.

«Por ter escrito amor» — Marcolino Candeias — Ed. Autor — A. Heroísmo, 1971.

«Círculos Humanos» — Adelaide Paiva — Prefácio de David Mourão Ferreira — Ed. Autor — Lisboa, 1971.

«Eugénio de Castro, uma aproximação á sua obra» — António Salvado — Separata de Estudos de Castelo Branco, 1970.

«Ondas curtas e longas» — Joaquim de Matos — Ed. Autor — Porto, 1971.

cias») aos quais se junta M. J. G., embora por razões contrárias (espero!).

A CRÍTICA COMO POLÍTICA

Para M. J. G., «a crítica ao apresentar á cidade o espectáculo deveria fazer dele sempre a exegese política, como, ao fim e ao cabo, a única importante exegese» (III); quer também que os críticos falem claramente que é o contrário de obscuramente.

Não pretendo justificar nem desculpar os erros e as deficiências da crítica com as circunstancias do espaço e do empo em que habita — mas quando um tipo me vem com estas ingenuidades saloias... (Sem falar, aliás, de outras pressões incontroláveis).

Mas há ainda pior: para M. J. G. a política da crítica é uma Política-Pau-Para-Toda-A-Colher como o próprio teatro. Se bem entendo o que quereria dizer (não é fácil entendê-lo), os críticos aceitariam todas as propostas políticas dos textos representados, independentemente dos respectivos quadrantes para que apontassem. Ou seja, não teriam o mínimo de personalidade política que lhes permitisse

afrontar as referidas propostas. Claro que M. J. G. não documenta as suas afirmações — para quê? Ele sabe muito bem que a certos leitores bastará a afirmação. Trata-se de uma destas acusações que só os próprios textos poderão rebater. Para eles remeto os outros leitores.

A análise de M. J. G. tem o seu epicentro num único espectáculo: «Depois da Queda», de Arthur Miller, pelo Grupo de Acção Teatral, numa encenação de Artur Ramos. Pergunto: será, efectivamente, este espectáculo paradigmático? Terá nele M. J. G. encontrado a *média* da crítica? Não seria indispensável ter em conta as críticas publicadas ao longo de um período a determinar, de forma a fazer a diagnose ideológica da crítica e do espectáculo? Vejamos, entretanto, pegando nesse exemplo, o que nos diz o crítico: «Criticando «Depois da Queda», todos os jornais de 25-7-70 assumiram a política milleriana expressa no texto e assumida pela encenação de Artur Ramos (I). Significa isto que, ao analisar o substracto ideológico de «Depois da Queda» os críticos adoptaram o ponto de vista do autor, o que me parece perfeitamente abusivo. M. J. G. pergunta-me: «para ele será assim tão fácil aderir á encenação de Artur Ramos?» É claro que não se trata de ser ou não fácil aderir a um determinado trabalho. Nem sequer se trata de aderir ou não. Trata-se de saber qual o significado desse trabalho e de relacioná-lo com o texto sobre o qual foi feito e que pretende iluminar (ou destruir).

Em relação a alguns aspectos da peça e do espectáculo os nossos pontos de vista até coincidem (embora M. J. G. não o assinale): *A marca naturalista de um texto que utiliza técnicas que se pretendem não naturalista* — escrevi eu. «O texto de Miller é o começo do desconchavo quando usa técnicas de carpintaria teatral não naturalistas para arquitectar uma prosa realistígena que o é e o torna a ser, como um raio que a parta» (I) — diz o outro (acuso o homem de plágio?) Defendi a encenação de Artur Ramos na medida em que este aceitou a contradição do texto (essa contradição já existia na «Morte de um Caixeiro Viajante») e preferiu ir para uma encenação contraditória (talvez incoerente), mas mais rica em prolongamentos ideológicos, a aceitar o naturalismo que marca o teatro de Miller. Que não aceitei fácilmente a encenação de Ramos prova-o o seguinte passo da minha crítica: *Falar-se de Stanilavski e de Brecht é que me parece excessivo. Tanto mais que o encenador não marcou com suficiente clareza os tempos de representação e de dialéctica nem conseguiu dar á cenas com o coro (perseguição de Maggie, em especial) aquele mínimo de autenticidade necessário.* Pergunto: M. J. G. terá lido as críticas que critica? Aí está porque afirmei que faltava honestidade (respeito pelas *nuances*) ao «espectáculo Manuel João Gomes». E no que diz respeito a confusionismo leia-se este bocadinho: «A questão do auditor imaginário não é tão fácil como parece: a servir-se de uma estética tão naturalista, a entrar numa profissão de fé no distanciamento das personagens, o auditor deveria ser usado como veículo de teatro narrativo, que pode ser. E isso exige uma contestação total do texto; a ser retirado o auditor, a encenação teria que renunciar a todo o antinaturalismo em que se constrói *alguma* encenação (II) (Sublinhado do autor). Vamos lá a ver se nos entendemos: como poderia existir uma encenação contestatária do texto sem a utilização do referido antinaturalismo? Quer dizer: contestação do texto = a antinaturalismo. E não o contrário, claro.

Entre o teatro naturalista de Miller e o teatro historico-dialéctivo de Brecht há, de facto, um mundo M. J. G. Não tenho, porém, a certeza de que a perspectiva histórica de Miller esteja tão longe da de Brecht como isso. Não vejo o homem de Miller como um homem de tradição cristã.

E falar em pessimismo a propósito de Miller e de optimismo a propósito de Brecht é outro chavão que deve ser medido.

Ainda a propósito deste espectáculo duas observações:... «só um corpo de críticos como os do nosso mercado poderia deixá-lo construir impunemente». (II) Quererá dizer com esta tirada que só os críticos portugueses gostaram da peça de Miller? Discutida, é certo, aquela foi, no entanto, apreciada por muito boa gente, ainda que isso pese ao nosso crítico.

M. J. G. faz referência ao facto de um crítico ter assinalado o êxito de estreia da peça em Portugal. É certo que as estreias são pré-fabricadas (convites, claques), mas nem por isso deixa de ser possível distinguir um êxito relativamente real de um êxito inteiramente artificial.

Se ninguém disse que só a verdade é revolucionária, digo-o eu. Até á semana.

CARLOS PORTO

NOTA — Entre parêntesis, os números romanos remetem para os respectivos artigos e M. J. G. do particular.

P. S. — Mais uma peça para o processo: acabo de receber pelo correio uma folha copiografada sob o título «Assim vamos nós» — «Mitos» n.º 29 — Abril 1971. Sem assinatura.

Trata-se de um ataque a Urbano Tavares Rodrigues a propósito da sua crítica ao espectáculo «O Avançado-Centro Morreu ao Amanhecer». Este ataque merece-me as seguintes observações: 1.ª — O seu autor toma nítidamente partido, não tendo em atenção os termos em que foi feita a crítica ás actividades de crítico de teatro daquele escritor (ataque pessoal); 2.ª — Seria necessário saber se a crítica de U. T. R. ao actor de «O Avançado-Centro Morreu ao Amanhecer» correspondia á realidade, isto é, se o crítico tinha ou não razão, ou se se trataria como se diz de um contra-ataque pessoal ao actor-crítico; 3.ª — Mesmo admitindo que este anónimo comentador tenha razão, falta-lhe uma coisa sem a qual a razão é insuficiente ou não existe: a coragem de a ter.

Prontuário das Letras

Uma ideia: os institutos de desculturação

«A cultura», diz Jean Dubuffet, «revela tendência para ocupar o lugar até há muito pouco tempo ocupado pela religião. Tal como esta, possui agora os seus padres, os seus profetas, os seus santos, os seus colégios de dignitários. O conquistador que pretende a consagração apresenta-se ao povo não com as roupagens do bispo, mas com as do Prémio Nobel. O senhor prevaricador, para se fazer absolver, não tem necessidade de criar já uma abadia, mas um museu. Portanto, é em nome da cultura que eles mobilizam agora, que apregoam as suas cruzadas. A cultura desempenha hoje a função de *ópio do povo*»

Criador em revolta contra a «arte» e o «bom gosto», como há anos lhe chamava Marcel Brion, Dubuffet já em 1946 *(Prospectus aux amateurs de tout genre)* lançava as raízes desta contracultura de que é hoje um dos propositores. A sua *Cultura asfixiante*, que as Publicações D. Quixote acabam de editar em tradução de Serafim Ferreira, vai mais longe e chega a pôr a seguinte hipótese:

«Seria tempo agora de fundar alguns institutos de desculturação, espécie de ginásios niilistas onde se processaria, através de monitores especialmente lúcidos, um ensino de descondicionamento e de desmistificação alargado por diversos anos, de maneira a dotar a nação de um corpo de negadores sòlidamente preparados que mantivesse vivo, pelo menos em pequenos círculos isolados e excepcionais, no meio de grande expansão da concórdia cultural, o protesto.»

Sabemos que a D. Quixote insistirá brevemente neste tópico da contracultura. Um ensaio vertido de inglês tentaria fazer a síntese (provisória) do problema.

Dubuffet: contra a «cultura»

Ignorar é já um crime

Foi um acto de higiene o breve discurso com que Augusto Abelaira sublinhou há oito anos a recepção do «Prémio Ricardo Malheiros» atribuído pela Academia das Ciências de Lisboa ao seu terceiro romance, *As boas intenções*. As palavras do romancista aí estão em posfácio á reedição do livro e só por si merecem que o leitor aperte de alguns centímetros o espaço livre da estante.

«Obra futuramente esquecida», admite Abelaira, «fonte de saber histórico(...) acerca de um mundo que será então encarado apenas como um cadáver — cadáver que os homens do futuro poderão de vez em quando velar, mas distraidamente» E a outro nível de interrogação: «De quantas mortes, de quantos crimes não somos nós responsáveis por termos ficado calados? E como iremos transmitir nos nossos romances o quadro bem fiel desse incómodo sentimento ao qual já não podemos escapar, como transmitiremos também aos leitores o desejo de transformarem em acção fecunda esse incómodo sentimento? Estas e outras perguntas que vão acompanhando dia-a-dia a vida do romancista. Mas que é um romance senão um exame de consciência que se prolonga por muitos meses, durante esses muitos meses que o autor leva a escrevê-lo? Ora cada um de nós — e nós somos a matéria de que os romances são feitos — é responsável não sòmente pelo que conhece mas até por muito do que ignora, pois ignorar, podendo não ignorar, é já um crime.»

Arv e as «Fotos-grafias»

Numa semana marcada por tantas palavras incómodas está certo o último livro de poemas de José Carlos Ary dos Santos, esplèndidamente complementado por fotografias de Nuno Calvet. Aliás o título do volume, «*Fotos-grafias*» (Editora Quadrante), dá a entender um trabalho em comum.

De Ary dos Santos deve dizer-se, entre outras coisas, que possui uma forma «talentosa» de coragem. Tendo sabido montar, e defender, a sua plataforma poética — atacada, ignorada, incensada: «il s'en fiche bien» —, é hoje um dos novos autores com real audiência. Para além deste favor, porém, achamos que a sua figura ficará como a de um sólido e valente contraventor no domínio literário (e não só).

Quanto a Nuno Calvet, assinalar que as suas criações fotográficas acompanham a par e passo o ritmo envolvente de Ary é um elogio a que tem direito.

Raul Rego e a Inquisição

Duas novas publicações de Raul Rego estão no prelo: *O processo de Damião de 'Góis na inquisição* (de que actualizou a ortografia e a pontuação e que faz preceder de uma introdução) e *O último regimento da Inquisição de Portugal* (também com uma introdução), obras ambas no catálogo das Edições Excelsior.

Acrescente-se que o estudioso recupera assim do relativo esquecimento (total desconhecimento para muitos) dois textos de inegável impacto ainda hoje. O *Processo* é de 1571-1572, o *Regimento* de 1774. Quatro e dois séculos depois, respectivamente, lêem-se com a sofreguidão que uma novidade provoca

Ponto para ler

FURTADO Celso — Um clássico (apesar da data recente) da Economia no Terceiro Mundo: *Teoria e política do desenvolvimento económico. Edição D. Quixote.*

CHOMSKY e outros — Também com a chancela da D. Quixote, um dos seus mais bem elaborados cadernos: *E depois do Laos?* Entre os colaboradores avulta o linguista Noam Chomsky mas há igualmente a reter os nomes de Burchett, Lacouture, Daniel Ellsberg (ex-consultor de Kissinger) e da sr.ª Nguyen Thi Binh

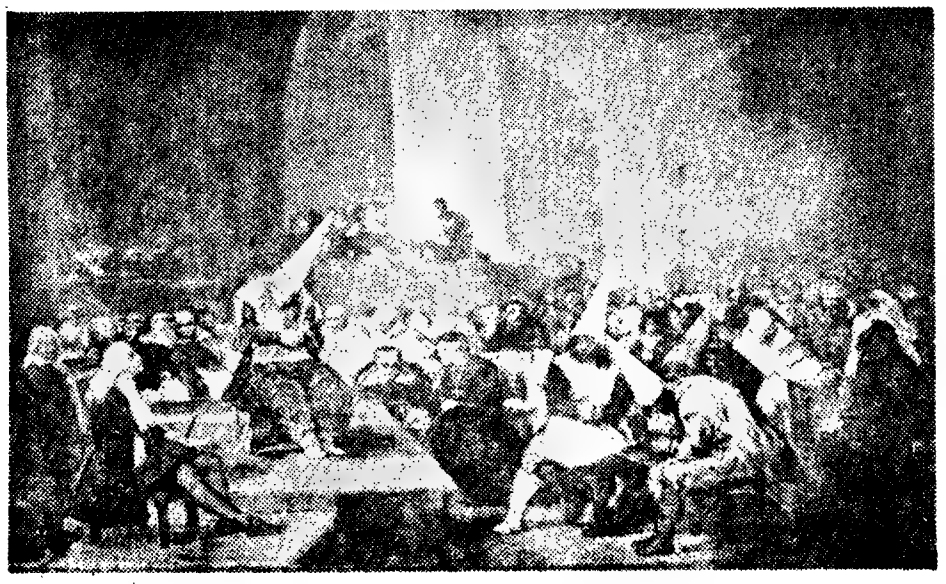
SERRÃO, Joel — Mais uma peça fundamental num *dossier* importante do nosso tempo: *Emigração* Edição dos Livros Horizonte.

ENSINO — Outro *dossier* em aberto. Na colecção Perspectivas (n.º 29) da Editorial Presença pode ler-se *Ensino: reforma ou revolução?*, textos coordenados por Arlindo Mota e Isabel Figueiredo Mota.

PRESIDENCIALISMO — As Iniciativas Editoriais lançam-se numa nova iniciativa: os cadernos Ponto de Vista. Publicado já *O presidencialismo português*, selecção de textos de Sidónio Pais, Salazar e Marcello Caetano feita por José-Pedro Goncalves, que assina também a introdução.

POLÉMICA «INQUISIÇÃO E DE ANTÓNIO

Entrevista com o Prof. I. S. RÉVAH,



Goya. «Tribunal da Inquisição em Espanha»

A TESE DO «ASSASSÍNIO LEGAL»

— A propósito do «dispositivo de assassínio legal», que, segundo A. J. Saraiva, a Inquisição poderia sempre arbitràriamente utilizar, não acha que o caso descrito no processo de Manuel Vila Real é uma confirmação flagrante da sua utilização?

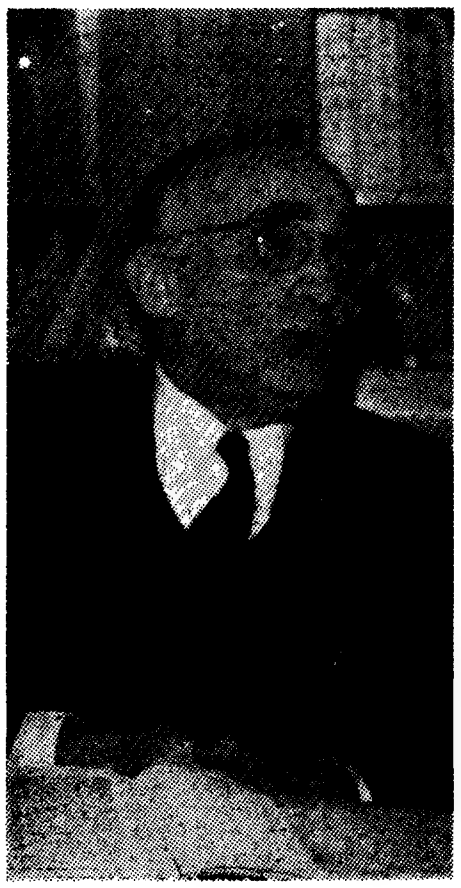
— Em relação à tese particularmente demagógica do «assassínio legal» de certos detidos pela Inquisição, é necessário fazer as seguintes observações:

1.º — em certos casos, o alcaide veio dizer aos inquisidores que o comportamento dos presos nos «cárceres de vigia», depois de secretamente observado, tinha sido perfeitamente ortodoxo;

2.º — numerosos presos que tinham sido surpreendidos a judaizar nos «cárceres de vigia», foram contudo «reconciliados» e libertados, porque, no momento das confissões eles tinham convenientemente declarado as «cerimónias judaicas» celebradas no próprio cárcere;

3.º — as «cerimónias judaicas» assim celebradas eram descritas nas sentenças lidas pùblicamente durante os autos da fé não só em relação aos relaxados como também em relação aos reconciliados. O «segredo» não morria, pois, com os relaxados.

A tese do «assassínio legal» vem coroar um estudo no qual A. J. Saraiva julga de-



Révah: desconfiar da inautenticidade

monstrar a minha perfeita estupidez: trata-se precisamente do processo do infeliz Manuel Villa Real, queimado por ordem da Inquisição no dia 1.º de Dezembro de 1652. Eis a opinião do autor: «Os inquisidores não só lograram desorientar o réu como enganar os eruditos que modernamente se ocuparam deste processo. O erudito francês I. S. Revah, especialista de Cristãos-Novos e particular conhecedor do caso de Vila Real, inclui-o entre os mártires do judaísmo. A nós, parece-nos que ele é apenas mais um daqueles judeus que a Inquisição fabricava, pelos processos descritos nas *Notícias Recônditas*, um judeu «*made in* Inquisição» (págs. 141-142).

Tendo começado a estudar o processo de M. F. Villa Real em 1939, posso dizer, com perfeita consciência, que as páginas consagradas por A. J. Saraiva a este processo se classificam entre as mais ridículas do livro. Segundo o nosso publicista, a falsidade de todas as confissões sucessivamente feitas por Villa Real e a inexistência de todas as heresias por ele confessadas são provadas pelo seguinte facto: entre as acusações que motivaram a sua prisão, encontra-se a de ter oferecido ao marquês de Niza um livro sobre os ritos judaicos. Ora é possível provar que o referido livro foi na verdade oferecido por Vicente Nogueira, residente em Roma. Segundo A. J. Saraiva, que conhece o processo em segunda mão, Manuel Fernandes Villa Real, depois de ter longamente negado este facto, declarou ao ouvir a leitura da sentença que o condenava à morte, «que comprara e oferecera ao marquês de Niza o livro sobre os ritos hebraicos». Ora «sabemos que aquela confissão é falsa»; por conseguinte, todas as confissões de Villa Real são falsas. O estudo de A. J. Saraiva não merece uma longa refutação. Digamos simplesmente que Villa Real foi caluniosamente acusado de ter oferecido ao marquês de Niza o *Thesouro dos dinim*, livro em português do rabino de Amsterdão Menasseh ben Israel; Villa Real refutou constantemente esta acusação calunio a. Em 18 de Novembro de 1652, depois de lhe terem notificado que era condenado à morte, «disse mais que, estando em França, no ano de 1648, comprara, entre outros livros, um muito pequeno e de poucas folhas, em língua italiana, que se intitula *Ritti hebraici*. E vendo-o o marquês de Niza lho pediu, e elle confitente lho deu». O livro italiano do rabino Leão de Módena *Riti hebraici*, nada tem que ver com o *Thesouro dos dinim*, livro português do rabino Menasseh ben Israel; assim, a confissão de Villa Real não era falsa.

A. J. Saraiva não sabe, ou pelo menos, não diz aos seus leitores que:

1.º — Villa Real era o amigo de todos os Cristãos-Novos judaizantes da cidade francesa de Rouen cujas famílias acabaram por integrar-se nas comunidades judias de Amsterdão, Hamburgo e Londres;

2.º — Villa Real era o inimigo figadal dos poucos Cristãos-Novos de Rouen que permaneciam fiéis à religião católica;

3.º — Villa Real teve a fraqueza de indicar aos inquisidores, que nada sabiam do caso, que sua mulher e sua filha já tinham voltado ao judaísmo e faziam parte duma comunidade judia pública;

4 — Villa Real, num livro publicado várias vezes em França e traduzido para várias línguas, tinha reivindicado a liberdade religiosa para os países da Península Ibérica.

A CONFISCAÇÃO DOS BENS

— A possibilidade de confiscação dos bens e a cupidez dos juízes, não dificultarão ainda mais uma apreciação objectiva dos processos, permitindo a afirmação de que seriam estes os móbeis principais dos juízes, em dadas épocas?

— A confiscação dos bens, promulgada em 1563 para os condenados relaxados ao braço secular, foi alargada em 1568, *segundo o direito canónico*, aos «reconciliados» que, no decurso de um processo, tivessem confessado as suas heresias passadas. Se a cupidez e o espírito de rapina tivessem sido os únicos móbeis dos inquisidores, não se compreenderia porque é que, entre 1563 e 1568, mandaram para a fogueira um número relativamente reduzido de condenados, nem porque é que, após 1568, uma porção tão grande de presos relaxados ao braço secular e queimados eram *diminutos*, quer dizer condenados cujas confissões os juízes consideravam incompletas (e portanto não-sinceras), mas cujos bens deviam de qualquer modo ser confiscados, dado que tinham confessado.

Não acredito de modo nenhum na isenção dos inquisidores e muitos adversários do Santo Ofício sublinharam até que ponto era indecente que juízes *da fé* se ocupassem prioritàriamente e com muita diligência dos *bens materiais* dos detidos; no entanto, devo constatar o seguinte:

1.º — nunca a extrema pobreza ou a indigência total pôs alguém ao abrigo das perseguições da Inquisição que, repito, manteve durante longos processos uma multidão de presos pobres;

2.º — a Inquisição teve debaixo de mãos várias vezes, os homens mais ricos de Portugal: Heitor Mendes «o rico» em 1599-1602, Duarte da Silva, em 1647-1652 e nem por isso ela utilizou um «dispositivo de assassínio legal» ou outros meios «secretos» para os obrigar a confessar heresias reais ou inexistentes, para confiscar os seus bens ou para os mandar queimar; pelo contrário, mandou queimar um amigo de Duarte da Silva, muito menos rico que ele, Francisco Gomes Henriques, ao processo do qual A. J.

Matança de cristãos-novos no reinado de D. Manuel I

Saraiva consagrou páginas que estimamos também ridículas. E contudo, Duarte da Silva era um autêntico judaizante, cujos filhos aderiram pùblicamente ao judaísmo, e Heitor Mendes tinha irmãos que viviam pùblicamente como judeus no estrangeiro.

OS JESUÍTAS CONTRA A INQUISIÇÃO

— Há ainda, contudo, um ponto importante que interessa esclarecer melhor. É a posição firme tomada pelos jesuítas portugueses ao denunciarem ao Papa, nas Notícias Recônditas, *as próprias iniquidades e falsificações dos inquisidores portugueses, o que vem de novo pôr em causa o valor dos processos e da justiça inquisitorial?*

— Desde 1955-56, o documento que mais contribuiu para despistar A. J. Saraiva foi o panfleto anti-inquisitorial *Notícias Recônditas*, composto provàvelmente em 1673-74, às afirmações do qual o nosso autor adere com uma fé mística. A obra pertence à literatura composta (por ou) para os Jesuítas portugueses e é baseada em informações por vezes recolhidas entre os Cristãos Novos. Os Jesuítas — vemo-lo através da sua correspondência particular — conheciam perfeitamente a realidade religiosa do cripto-judaísmo português mas tinham decidido deformar conscientemente os factos para resolver de uma maneira mais humana o problema cristão-novo, e também para tentar abafar uma instituição que nessa época eles detestavam, (embora os seus predecessores do séc. XVI se encontrassem entre aqueles que contribuíram para a sua implantação em Portugal). Os homens do nosso tempo devem felicitar calorosamente aqueles jesuítas do séc. XVII, na medida em que as suas falsificações tinham por finalidade obter o triunfo de uma concepção menos bárbara e mais humana da religião.

Mas para um historiador responsável, falsificações são falsificações, e um juiz do «Tribunal da História» como A. J. Saraiva, deve verificar o valor das acusações incluídos no processo contra o Santo Ofício.

Com efeito, os Jesuítas do séc. XVII encontravam-se na impossibilidade de fiscalizar, sobretudo perante a cúria romana para onde o conflito tinha subido, a *legitimidade canónica* da repressão inquisitorial do criptojudaísmo. A única coisa que podiam fazer era tentar demonstrar que os «santos» regulamentos da Inquisição universal eram aplicados de uma maneira horrìvelmente injusta pela Inquisição portuguesa, atingindo ùnicamente inocentes que tinham a infelicidade de pertencer à raça neocristã: para essa demonstração, utilizaram alguns erros judiciários provados da Inquisição portuguesa, inventaram outros, e descreveram de maneira tendenciosa as práticas inquisitoriais, no intuito de provar que elas eram um mecanismo de condenação de inocentes.

AS «NOTÍCIAS RECÔNDITAS»

De toda esta literatura, as *Notícias Recônditas* constituem certamente o documento que exprime da maneira mais extremista esta tendência; com efeito apenas provocam, numa curta frase, a possibilidade de que raríssimos presos tivessem sido realmente culpados. Entre as falsificações mais notáveis desta literatura, devida não a notários da Inquisição, mas a pessoas que conheciam muito incompletamente os segredos do Santo Ofício, encontra-se a invenção de um estatuto (que nunca existiu) segundo o qual os inquisidores portugueses teriam declarado juridicamente nulas as acusações feitas por Cristãos-Novos contra Cristãos Velhos. É escusado dizer que A. J. Saraiva acredita religiosamente nesta invenção.

Contràriamente ao que afirma A. J. Saraiva, parece que as *Notícias Recônditas* não foram apresentadas ao Papa. De qualquer maneira, as discussões vivas e minuciosas entre a Congregação Romana do Santo Ofício e o procurador dos Cristãos-Novos (ajudado secretamente pelos jesuítas) e o delegado dos inquisidores portugueses tiveram por objecto outros textos que, procurando a mesma finalidade e utilizando por vezes os mesmos exemplos históricos, eram muito mais verosímeis que as *Notícias Recônditas*. Apesar do seu grande desejo de reconduzir a insolente inquisição portuguesa à obediência papal, os membros da Congregação romana do Santo Ofício, e o próprio Papa tinham um pouco mais de espírito crítico que A. J. Saraiva: observaram que um número importante destes Cristãos Novos portugueses (declarados unânimemente inocentes e injustamente perseguidos pela Inquisição portuguesa) judaizavam tranquilamente nas comunidades italianas, por vezes depois de terem fingido, durante longos anos e no desempenho de cargos importantes, participar na sociedade católica italiana.

OS MÉTODOS DO HISTORIADOR

— Disporá o historiador contemporâneo de meios seguros para produzir a contraprova dos factos extraídos dos processos inquisitoriais, desmentindo-os ou confirmando-os? Será possível traçar, com rigor, métodos que definam critérios de autenticidade aplicáveis aos documentos inquisitoriais?

— Antes de mais nada, é preciso enumerar as possibilidades de inautenticidade. A experiência que tenho do estudo de cerca de um milhar de processos dos séc. XVI e XVII ensinou-me que o historiador deve encarar (e desconfiar de) seis fontes possíveis de inautenticidade:

1.º — inautenticidade (aliás pouco importante) da forma (sugerida pela Inquisição) pela qual foram realizadas certas confissões;

2.º — inautenticidade total de certas denúncias oriundas de ignóbeis caluniadores que acusavam inocentes;

3.º — inautenticidade total de certas confissões nas quais inocentes confessaram heresias inexistentes e incriminavam cumplices inexistentes;

4.º — inautenticidade total de certas de-

ACERCA DE «CRISTÃOS NOVOS» JOSÉ SARAIVA

conduzida por ABÍLIO DINIZ SILVA

Récah: «O estudo de A. J. Saraiva não merece uma longa refutação»

clarações nas quais os culpados se recusaram a confessar as suas heresias e a incriminar os seus cúmplices;

5.º — inautenticidade parcial de certas confissões nas quais os culpados esconderam os nomes de alguns dos seus cúmplices;

6.º — inautenticidade parcial (a mais grave por causa das suas consequências) de certas confissões nas quais os culpados, entre uma lista de cúmplices reais, introduziam os nomes de inocentes (Cristãos-Novos ou mesmo Cristãos-Velhos) dos quais eles se queriam vingar de maneira feroz.

— *Mas justamente, esta multiplicidade de fontes de inautenticidade é um argumento poderoso para provar a tese de A. J. Saraiva, segundo a qual o crédito a dar aos processos da Inquisição é restrito, ou mesmo nulo.*

— É certo que as fontes de inautenticidade são numerosas. No entanto, duas destas fontes (a 4.ª e a 5.ª) destroem a tese «a condenação automática de inocentes», em vários casos, apesar dos meios eficazes que estavam ao seu dispor, o Santo Ofício não conseguiu obter, de autênticos herejes, a confissão correcta ou completa dos seus «erros». Já disse que a primeira fonte, no fundo, tem pouca importância. Mas, sobretudo, é absolutamente necessário acentuar que o historiador competente está longe de se encontrar desarmado no seu indispensável trabalho crítico, e pode muito bem não «transviar-se num sábio labirinto».

Comecemos por eliminar o caso dos numerosos documentos que dizem respeito às comunidades judias ou marrânicas fora de Portugal, para a história das quais os arquivos inquisitoriais ibéricos têm *uma importância absolutamente extraordinária*. A autenticidade destes documentos pode ser verificada através da confrontação com os arquivos estrangeiros (entre os quais os arquivos judeus), cujas informações os documentos inquisitoriais precisam e confirmam de maneira notável. A autenticidade desta categoria de documentos, que provocaram as minhas primeiras investigações nos arquivos inquisitoriais, nunca foi sèriamente posta em dúvida.

Existem várias maneiras ou métodos para controlar a autenticidade da documentação inquisitorial:

1.º — por vezes, basta estudar um processo isolado para se demonstrar a autenticidade dos seus documentos, quando aí se encontram descritos com precisão aspectos da teologia ou, principalmente, da liturgia judaica (ou marrânica). Estes aspectos não podem ter sido fraudulosamente sugeridos pelos inquisidores que se limitavam a deficientes definições oficiais da heresia judaizante, e que nunca procuravam informar-se sobre o judaísmo. Comecei a reunir os elementos de uma história da liturgia judeo-marrânica ao seguir certas orações *desde os processos do séc. XVI até a época contemporânea*, na qual, quando se redescobriram os marranos portugueses, investigadores ligados directa ou indirectamente ao judaísmo publicaram numerosos textos que recolhiam da tradição escrita ou oral. Embora os processos onde aparecem versões destas orações tenham sido instaurados pelos mais diversos tribunais: Lisboa, Coimbra, Évora, Toledo, Logroño, México, Lima, Cartagena das Índias, nada, nos regulamentos das Inquisições portuguesa e espanhola, explica esta extraordinária convergência — garantia suprema de autenticidade;

2.º — A maior parte das vezes, o caso de um Cristão-Novo denunciado ou preso pode ser incluído na história da sua família. O historiador moderno encontra-se assim numa posição mais confortável que a dos Inquisidores, que tinham de tomar uma decisão individualizada numa data determinada: pode utilizar documentos posteriores ao processo, documentos que os inquisidores não podiam conhecer. Contudo, ser-lhes-ia bastante precioso saber, por exemplo, que o indivíduo que iam condenar à abjuração *de levi* ou *de vehementi*, ou mesmo à reconciliação, se iria encontrar, alguns anos mais tarde, como membro efectivo de uma comunidade judaica. Aplico sistemàticamente este método de «contrôle» aos documentos que se relacionam com as famílias dos escritores neocristãos cujas obras empreendi estudar para explicitar o verdadeiro sentido. A este respeito, ser-me-á bastante fácil mostrar o teor particularmente lamentável do estudo que A. J. Saraiva consagrou à história de Uriel da Costa e da sua família (págs. 218-219 e 282-285).

3.º — Muitas vezes, o caso de um Cristão-Novo preso ou denunciado pode ser inserido na história do seu meio. Na maior parte dos casos, os juízes do Santo Ofício procediam a numerosas prisões a partir de uma denúncia, de uma confissão espontânea ou da primeira prisão que estas tinham originado: em regra, os processos engrenavam-se uns nos outros. É fácil de compreender que o estudo *simultâneo* de todas as denúncias e de todos os processos relacionados *com um mesmo meio e numa mesma época* permite controlar eficazmente o valor dos documentos que dizem respeito a cada um dos membros desse meio. E isto tanto mais que se pode, por vezes, aplicar os outros métodos de «contrôle» que tenho estado a expor. A aplicação de dois destes métodos conduziu o historiador João Lúcio de Azevedo a mudar de opinião, entre 1921 e 1932, sobre o processo de António José da Silva «o Judeu» ao qual A. J. Saraiva consagrou um estudo igualmente lamentável (págs. 124-129). Pude assegurar-me da eficácia deste terceiro método de «contrôle» ao aplicá-lo aos 150 processos intentados aos Cristãos-Novos do Porto entre 1618 e 1625.

4.º — Em certos casos é possível controlar o valor da documentação inquisitorial através de declarações (impressas ou manuscritas) redigidas no estrangeiro por Cristãos-Novos regressados ao judaísmo, e que, em Portugal ou em Espanha, tinham sido adeptos convictos do criptojudaísmo, e contra os quais, por vezes, foram intentados processos inquisitoriais. Já várias vezes se chamou a atenção (eu próprio muitas vezes o fiz) acerca da importância de tais declarações emanando de Elias Montalto, Uriel da Costa, Moisés Pinto Delgado, Isaac Oróbio de Castro, Isaac de Pinto, Isaac de Mathatias Abrab, o dr. António Nunes Ribeiro Sanches. Recentemente mostrei como um livro de poesia publicado em 1626 (sem dúvida em Hamburgo) por David Abenatar Melo, permite controlar o valor das declarações denúncias das confissões ou das negações relativas aos membros da sua família e dele próprio.

Presa pela Inquisição portuguesa, não o puderam convencer de judaísmo, apesar do emprego da tortura: abjurou pois *de vehementi*. E no entanto, segundo a sua própria confissão de 1626 após a sua expatriação, ele tinha sido iniciado pelos seus pais no criptojudaísmo como todos os seus irmãos, desde os 8 ou 9 anos de idade; sua mãe morreu judia na Terra Santa, em Safed.

A «FÁBRICA DE JUDEUS»

— *Concorda com a tese formulada por Ribeiro Sanches e D. Luís da Cunha, e retomada por A. J. Saraiva, de que a Inquisição era uma «fábrica de judeus»? Ou acredita que existiam fortes motivos para que uma Nação judaica ou judaizante se afirmasse em Portugal, como etnia individualizada e com uma evolução espiritual particular, independentemente da existência da Inquisição, após a grandiosa conversão forçada de 1497?*

— A expressão «a Inquisição, fábrica de judeus» é equívoca e susceptível de uma dupla interpretação:

1. — segundo o autor das *Notícias Recônditas*, religiosamente seguido por A. J. Saraiva, significa que inocentes Cristãos-Novos injustamente acusados de criptojudaísmo (A. J. Saraiva é ainda mais categórico: católicos inocentes que nem sequer eram de origem judia), entravam nos cárceres da Inquisição, e no momento dos autos da fé saíam criminosamente transformados em judeus depois de terem muitas vezes confessado um criptojudaísmo inexistente, e incriminado cúmplices inexistentes, os quais acabavam como eles nos cárceres do Santo Ofício, se esta interpretação explicável, por parte do autor das *Notícias Recônditas*, como o vimos atrás, já não se pode admitir da parte de um autor que escreve em 1969;

2. — segundo Ribeiro Sanches e D. Luís da Cunha, a perseguição inquisitorial e a discriminação racial (entre Cristãos-Novos e Cristãos-Velhos) perpetuavam em Portugal ainda no séc. XVIII, a existência de *um autêntico criptojudaísmo* e tornavam impossível a fusão total das duas camadas étnicas da população portuguesa, trazendo constantemente para o criptojudaísmo Cristãos-Novos que estavam em vias de se assimilar completamente ao catolicismo.

A INQUISIÇÃO E A DISCRIMINAÇÃO RACIAL

Esta teoria também é a minha. Se a política de D. Manuel, caracterizada pela ausência da Inquisição e da discriminação racial, tivesse sido mantida pelos seus sucessores, é certo que ao fim de algumas gerações os Cristãos-Novos teriam acabado por se fundir na massa dos portugueses. A Inquisição e a discriminação racial comprometeram gravemente esta assimilação ao favorecer a perpetuação de uma etnia cristã-nova, ao lembrar permanentemente a religião judia, ao engendrar por vezes a repugnância por uma religião tão desumana como a dos inquisidores, e ao atrair ao criptojudaísmo pessoas que, por vezes, nem sequer eram de origem puramente neocristã.

A. J. Saraiva escreve (pág. 232), mas sem extrair dela nenhuma consequência, uma afirmação agora sim exacta: «Às vítimas dos autos de fé davam ao judaísmo o argumento suplementar da abundância de mártires». Duas execuções que deram brado trouxeram ao criptojudaísmo numerosos cristãos-novos: a de fr. Diogo da Assunção, que ignorava a existência do seu único bisavô judeu, e que foi queimado em 1603, proclamando alto e bom som a verdade da Lei de Moisés.

Cont. na pág.

Comentário marginal

a dois pontos fracos do sr. prof. Révah

De Luis Eugénio Ferreira, professor e autor de livros e artigos envolvendo investigação histórica e antigo bolseiro do Governo Francês, recebemos a seguinte carta:

DE MODO ALGUM pretendo interferir na polémica que tudo leva a crer se estabelecerá entre o prof. Révah e o nosso ensaísta A. J. Saraiva, a propósito de «Inquisição e Cristãos Novos».

Todavia, não quero deixar de me referir a dois pontos focados, marginalmente embora, pelo douto Révah, no decurso da sua entrevista, inserta no «Diário de Lisboa» de 6 de Maio corrente.

É verdade que as ideias do prof. Révah se encontram ali (e não só em referência a esses dois pontos) deficientemente expostas o que muito dificulta a sua compreensão geral, mas a esse aspecto se referirá A. J. Saraiva, usando de melhores armas que aquelas que eu possuo.

Assim, passo imediatamente aos dois pontos que justificam perfeitamente a minha intervenção:

1.º *Diz assim o prof. Révah — «Além disso, surpreendeu-me a falta de reacções no campo dos historiadores profissionais. Talvez tivessem ficado impressionados pelo alto patrocínio que certas personalidades francesas concederam ao livro.»*

Embora ignoremos completamente a que tipo de reacções pretende referir-se e como assim, o que entende por «o campo dos historiadores profissionais», venho públicamente informar Sua Ex.ª do seguinte:

1.º foram feitas em Portugal ao livro de A. J. Saraiva, as referências críticas suficientes para demonstrar que o livro não só não passou despercebido, como até o compreendemos perfeitamente.

2.º os historiadores profissionais que por cá temos, costumam reagir equilibrada e serenamente, às obras que os outros intelectuais escrevem e publicam.

3.º apesar das suas deficiências intelectuais e culturais, os nossos historiadores e críticos, sentem-se suficientemente adultos para se não impressionarem com os alios patrocínios de certas personalidades francesas, sejam elas quais forem.

Continuando as suas brilhantes ideias, o prof. Révah expõe assim o segundo ponto a que nos queremos referir:

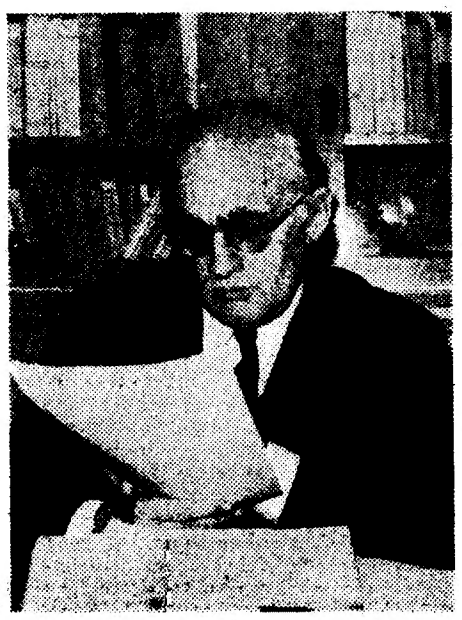
«Este patrocínio reforçou o efeito extremamente pernicioso que terá o livro sobre o desenvolvimento indispensável da investigação no domínio dos Cristãos Novos e da Inquisição.»

É evidente que uma frase tão absurda como a que transcrevemos, não merece qualquer comentário sério, pelo que nos limitaremos a lamentar que os patrocínios concedidos por certas personalidades francesas, sejam tão eficentes que controlem as reacções dos historiadores portugueses e por outro lado tão deficientes que impeçam a investigação de uma coisa tão importante como a Inquisição Portuguesa.

Claro que com as opiniões que o prof. Révah emite sobre as personalidades francesas, pouco ou nada temos — mas o mesmo se não verifica quando do alto da sua cátedra o prof. invectiva os nossos historiadores profissionais.

Aí, temos nós o direito e o dever de resposta. É pois usando desse direito que voluntàriamente aqui estamos com o fim caridoso de impedir que o prof. Révah se venha a surpreender uma vez mais com a nossa ausência de reacções.

LUÍS EUGÉNIO FERREIRA



Révah: Contra a tese de Saraiva

POLÉMICA ACERCA DE «INQUISIÇÃO E CRISTÃOS NOVOS»

Cont. da pág. 5

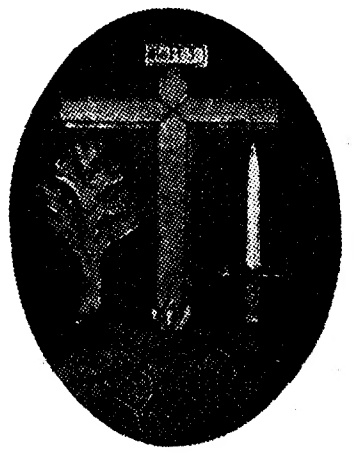
e a do dr. António Homem, professor da Universidade de Coimbra, cujos ascendentes não eram todos neocristãos, e que foi queimado em 1624 sem confessar a sua heresia nem incriminar nenhum dos seus numerosos cúmplices (um destes foi mais tarde, o sogro das irmãs de Espinoza).

A partir da fundação das comunidades judias agrupamentos marrânicos de Amsterdão de Hamburgo, de Livorno, de Bordéus, de Baiona, de Rufo, de Londres, etc. (sem contar com o antigo centro de Antuérpia), numerosos Cristãos-Novos de Portugal tiveram parentes judeus ou judaizantes no estrangeiro, com os quais mantinham relações constantes, e aos quais se podiam juntar com facilidade quando se sentiam ameaçados pela Inquisição ou quando julgavam que já era tempo de «servir puramente» o Deus de Israel. Estas relações familiares contribuíam igualmente a tornar impossível o desaparecimento total em Portugal da etnia neocristã e da religião criptojudia.

A INQUISIÇÃO E A SOCIEDADE PORTUGUESA

— *Sendo assim, qual foi então o papel exacto da Inquisição portuguesa, e sobretudo quais foram as consequências da sua acção sobre a sociedade portuguesa dos séculos XVI, XVII e XVIII?*

Para responder directamente á sua pergunta, direi que estou persuadido que, sem a Inquisição e a discriminação racial aquilo que constituiu o problema fundamental da sociedade portuguesa nos séculos XVI e XVII não teria existido. Só por uma estranha aberração intelectual é que se pode afirmar que a instauração e a actividade da Inquisição em Portugal de 1536 a 1820 foram o resultado normal da luta de classes no seio da sociedade portuguesa. O Santo Ofício constituiu *uma burocracia omnipotente* (dado que tinha á sua disposição o espectro da condenação aos Infernos), *que desde o início escapou á direcção dos seus chefes teóricos* (Rei de Portugal e Soberano Pontífice) e que, *desejosa sobretudo de perpetuar o seu próprio poderio, não atribuía a menor importancia ás consequências religiosas económicas e sociais da sua acção.* Ele perpetuou assim, durante séculos, *um autêntico criptojudaísmo português;* ele obrigou uma quantidade enorme de portugueses a expatriar-se, e *tornou difícil nos séculos XVI e XVII o desenvolvimento de uma pequena e grande burguesia nacional* que teria desejado investir os seus capitais em Portugal; durante estes dois séculos, *ele travou fortemente o desenvolvimento económico do país e favoreceu a instalação de mercadores estrangeiros*, cujos bens estavam protegidos das confiscações inquisitoriais através de tratados, tornando-se assim senhores de numerosas posições abandonadas pelos Cristãos-Novos.



— *A propósito do que ele chamou o desaparecimento da «raça» ou «religião» dos Cristãos-Novos no tempo de Marquês de Pombal, A. J. Saraiva formula as seguintes perguntas: «Como explicar este surpreendente fenómeno? Porque é que há centenas de judaizantes confessos no meio século anterior á década de 1760 e não aparece um só depois?» (pág 318). «E porque este acontecimento só se deu sob o governo de Pombal?» (pág. 319). A estas perguntas A. J. Saraiva responde: «Porque com ele sobem ao poder os próprios que a Inquisição perseguia e os seus aliados». Concorda com esta tese?*

— Esta tese briga com todas as realidades conhecidas do tempo de Pombal e das épocas anterior e posterior:

a) o criptojudaísmo foi perseguido em Portugal pelo Santo Ofício até o mês de Dezembro de 1768.

Não sei se subiram ao poder com Pombal os próprios que a Inquisição perseguia, mas sei que nos dez primeiros anos do governo de Pombal de 1750 a 1760 foram condenadas 1138 pessoas e executadas 18. A partir de 1760 preside ao Conselho Geral do Santo Ofício o irmão de Pombal, Paulo de Carvalho o que não impede que no auto publico da fé de Lisboa, em 1761, fossem condenados 21 judaizantes, e outros muitos em autos particulares e públicos até Dezembro de 1768. Em 1763 uma família numerosa de Bragança adopta o judaísmo em Bordéus e como eles haverá muitos. Só em 1773, 28 anos após a sua vinda ao poder, é que Pombal abolirá a distinção entre Cristãos Velhos e Cristãos-Novos. A. J. Saraiva diz que as reformas do marquês de Pombal foram inspiradas especialmente por Ribeiro Sanches. Ora descobri nos Arquivos Inquisitoriais a prova que a memória de Ribeiro Sanches foi entregue em 1756 a dois «Calificadores» (um deles era fr. José Malaquias), que concluíram que se devia prender o autor da memória para o castigar com as penas de direito. Este castigo parece que não se deu;

b) a perseguição aos criptojudeus diminui progressivamente de intensidade durante a primeira metade do século XVIII, e, como o indica D. Luís da Cunha, nesta época só atinge gente sem grandes meios económicos: a burguesia mercantil e financeira neocristã tinha desaparecido por causa das condenações e das expatriações; como sempre pensei, afirmar que a burguesia neocristã subiu ao poder com o marquês de Pombal é uma manifestação de «humor negro», pois penso que a tal burguesia já não existia;

c) os criptojudeus convictos continuavam a existir em Portugal, mesmo depois das medidas de Pombal; em 1971, circuncidavam-se em Bordéus Cristãos-Novos naturais de Lisboa e de Lamego; e *no século XX* descobriram-se em várias cidades e vilas portuguesas — Bragança, Vila Real, Chaves Covilhã Pinhel, Belmonte, entre outras — e não apenas em «aldeias perdidas», como pretende A. J. Saraiva (pág. 319), núcleos homogéneos de criptojudeus que, em vários lugares, pediram, temporàriamente, o reconhecimento público das suas comunidades judaicas José Leite Vasconcelos, o maior etnólogo português, depois de visitar a Sinagoga de Bragança, em 1932, deixou escrita a seguinte nota: «Visitei a Sinagoga ou Esnoga e fiquei com boa impressão da excelente ordem com que se executou o serviço religioso; *e é notável sob o aspecto histórico. Admiro-me de como se pôde manter por tantos séculos quase sempre agitados este grupo étnico firme e sem indício de secar*». (O sublinhado é nosso).

Pelo enunciado destas afirmações, que poderiam ser mais desenvolvidas, se vê que é impossível concordar com a tese final de A. J. Saraiva. Para rematar esta entrevista, creio poder afirmar, resumindo o meu pensamento que a interpretação que A. J. Saraiva dá ao conjunto da história dos Cristãos-Novos portugueses, de 1497 ao século XX, é inteiramente falsa e destituída de relação com a realidade histórica.

ABÍLIO DINIZ SILVA

PABLO NERUDA

Cont. da pág. 1

gotudo a concepção geoistórica duma poesia essencialmente preocupada com a vida e com o continente latino-americano. Para mais, o patetismo ameaçava invadir-me por todos os lados. Foi-me necessário encontrar um outro tom, aprender a brincar. Abandonei a poesia sanguinária, «terrorista», para escrever poemas açucarados, poemas comestíveis. Acusaram-me então de ser exclusivamente optimista. Nunca renunciei a exprimir a solidão, a angústia ou o horror, mas tenho a necessidade de captar todos os sons, de reunir todas as cores, de procurar as forças vitais onde quer que elas se encontrem, na criação ou na destruição.

— «Vaguedivague» *termina por um testamento, como aliás o «Canto Geral». A que necessidade corresponde tal conclusão?*

— A palavra testamento e o que ela implica têm desde sempre pertencido ao universo da poesia. Os franceses sabem-no graças a François Villon, um dos mais ilustres exemplos. Isso responde em primeiro lugar à necessidade do poeta de pôr ordem na sua vida, na sombra e nos sonhos da sua herança. No «Testamento outonal» de «*Vaquedivague*» começo a distribuir o mundo, esse pequeno mundo que me coube. E a ideia de testamento torna-se então uma forma poética particular, uma forma mais alegre até, na medida em que aquele que a escreve se encontra na sua nudez definitiva, pronto a recomeçar a vida.

Forma também mais clara, porque todo o testamento implica transmissão, ensino — e o meu dirige-se às pessoas simples do meu país. A maior parte dos poetas do nosso tempo considerou do alto do seu olimpo aqueles de entre eles que se esforçaram por conciliar didactismo e poesia. Não se pode separar a responsabilidade do poeta da sua responsabilidade de homem ligado à empresa humana. Quando eu era um poeta exclusivamente introvertido, acusaram-me de apoliticismo. Mas quando dialoguei com os homens e os seus sofrimentos também houve recriminações e puxaram-me as orelhas. Puxaram-me mesmo de cima disso

— *Solidário com os homens, você também o é com os elementos, pois que diz ter assinado «um pacto» com eles. Que entende por isso?*

— Passei toda a minha infância nas florestas virgens do sul do Chile, perto dos vulcões em erupção e dos picos da Cordilheira. Desde há muitos anos habito no areal deserto do Pacífico. Na Araucânia, as raízes das coníferas gigantes são como cabeleiras inacessíveis, impregnadas de um odor de terra selvagem Este mesmo odor que se encontra, creio, na minha poesia — ou que, pelo menos, eu gostaria que se descobrisse nela. É pois normal que eu me definisse através desses elementos, que eu exija do amor que ele seja «mar e raízes», e do homem, do homem que existe, que seja «areia e floresta»

— *Você utiliza uma série de símbolos...*

— Não acredito nos símbolos. A areia, a pedra, as raízes só existem para mim na medida em que revelem uma forma, um odor, uma cor, subjectivas ou objectivas. Na minha poesia, o regresso de certos temas não é mais que o facto dessas evidências concretas que me rodeiam.

— *Compreende-se que você seja «anti-cidade», como intitula um dos últimos poemas de* Vaguedivague. *No mesmo livro, a propósito de uma das suas estadas em Paris, você escreve: «Que vim eu fazer aqui?» Hoje, põe a si próprio a mesma questão?*

— Essa «boutade» escondia, na altura, a minha luta contra a atracção que Paris exercia nos nossos escritores. Atracção que arriscava chegar a uma identificação excessiva e ameaçava o desenvolvimento da nossa cultura. Eu mesmo, se bem que chileno perpétuo, tive sempre dificuldade em resistir ao «parisianismo».

Hoje, o meu país acaba de experimentar um abalo político que levou ao poder as forças da nação que eu sempre defendi. Devia portanto aceitar a missão de que fui encarregado. Para mais, produziu-se nestes últimos anos um fenómeno novo. Pôde verificar-se que os escritores latino-americanos, que abandonaram os seus países em virtude das difíceis condições de vida, escrevem na Europa obras particularmente representativas da nossa América. Refiro-me a Julio Cortazar, Gabriel Garcia Marquez, Carlos Fuentes e muitos outros. O exílio voluntário, contràriamente ao que eu teria podido acreditar, reforçou a consciência da sua radicação original, acentuando as suas potencialidades e as suas subtilezas. De facto, ajudou-os a revelar o que Garcia Lorca chamava «a grande liberdade americana»; do Sul, evidentemente.

ALINE SCHULMAR
(Exclusivo «Le Monde»-«D. L.»)

O coleccionador

Cont. da pág. 8

trado pela identificação das obras passadas, número de circo tanto ao gosto do nosso saber quantitativo. Com efeito, a técnica utilizada por António Areal acciona um verdadeiro processo de distanciação, portanto a própria actividade crítica de quem observa. O autor vai ao ponto de interferir na constituição das obras representadas, integrando nelas imagens intrusas e desvirtuadoras, ironia ao seu processo mental, à sua representatividade e à sua problemática estética, mas conservando o suporte essencial do seu perfil já catalogado e *coleccionado*. Esta acção, além de distanciadora, procede paralelamente à desmistificação dos objectos representados e oferece-nos à nossa razão crítica e à liberdade da nossa razão.

O LABORATÓRIO PICTURAL

Contraditòriamente (é preciso reconhecê-lo de novo) António Areal apresenta nesta exposição uma exposição de desenhos — «Laboratório Picturab» — que se estende por trinta e dois «planos» de uma sequência-album, reflexão ou também colecção de uma ideia multiplicada até ao esgotamento. Aí o próprio autor é o coleccionador do seu trabalho, presente em silhueta também normalizada à absurdidade das formas que a sua imaginação tece, formas articuladas dialèticamente entre o suporte físico que as retém e a memória ou a visão de quem as gera. O desencanto reside na permanente verificação de que tudo se repete num sem-sentido de pequenas e grandes diferenças. Desencanto lúcido perante o gozo finalmente frustrado em silêncio, viagem inútil entre o momento da vivência e o luxo artesanal (de algum modo misterioso e perturbante) do objecto estético realizado e logo inutilizado por uma insignificação irremediável.

A ambiguidade desta segunda parte da exposição de António Areal reside no equívoco plástico dos desenhos, na qualidade oficinal do seu trabalho e no requinte que os oferece a um outro tipo de convicção — a do Coleccionador dedicado à soma dos objectos e mais ou menos consciente da sua rentabilidade. Mas, em última análise, tais desenhos não são mais do que uma nova sequência de verificações: uma câmara imóvel regista a presença de um operador também imóvel — sempre o mesmo — colocado perante o suporte possível da sua acção real ou imaginária. Sem truncagem, impondo-se à fixidez deliberada e significante da câmara o que se tece no «écran» é o sinal absurdo dessa acção, a imagem que representa o sonho e que repetidamente o esvazia do seu verdadeiro conteúdo.

(1) *Texto do catálogo da exposição*

ROCHA DE SOUSA

REUTERS

PARA INFORMAÇÕES POLÍTICOS, ECONÓMICOS

SERVIÇO ELECTRÓNICO STOCKMASTER

LISBOA: Rua do Telhal, 8 - 1.º

Tel. 362508/9

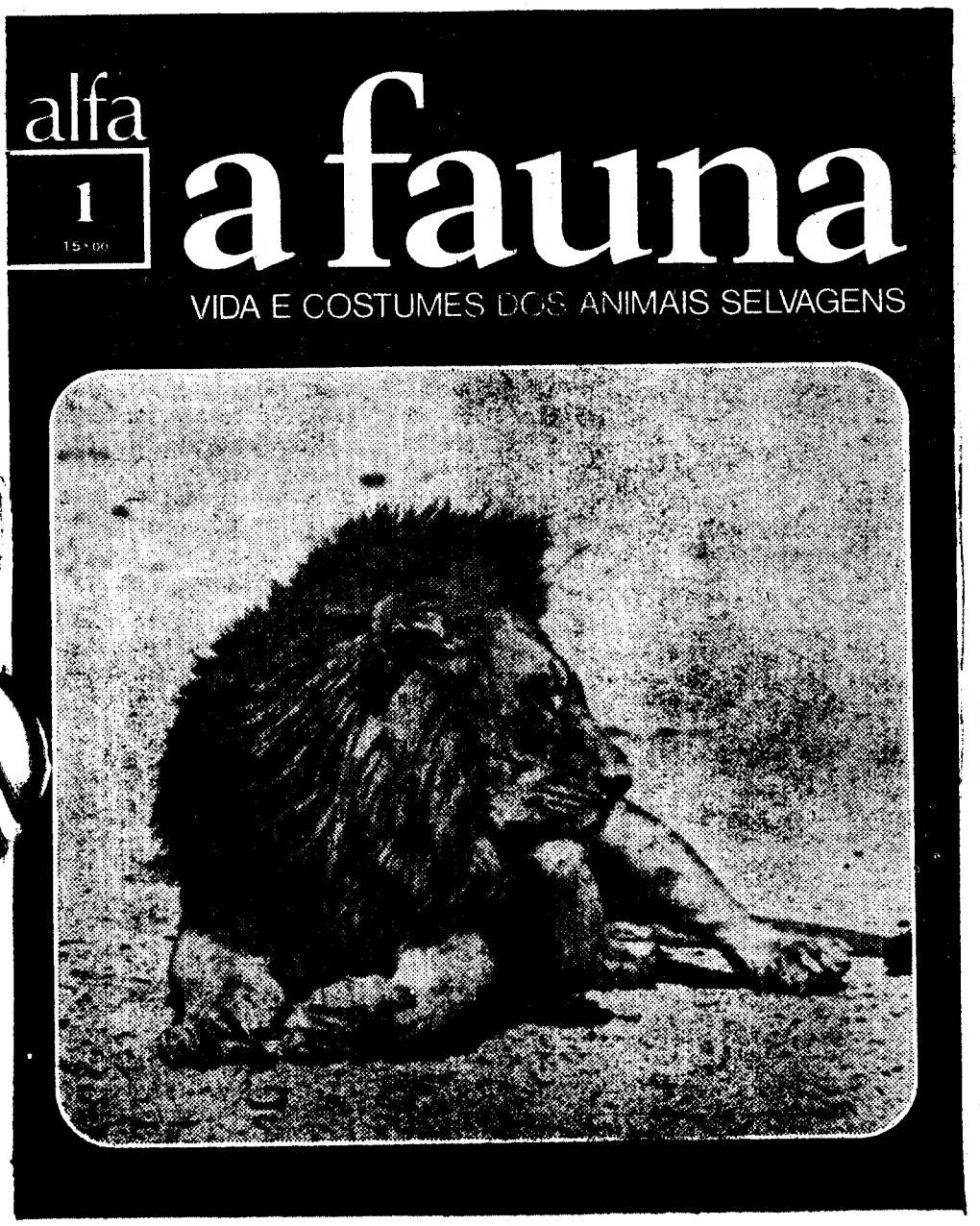
MARCA-AFS-71

conheça
fascículo a fascículo
a vida e os costumes dos animais selvagens

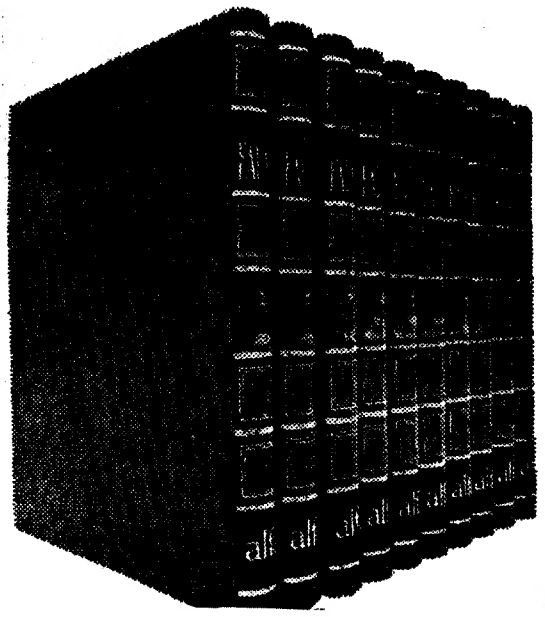
a fauna — a mais bela enciclopédia do mundo animal em fascículos semanais.
A vida fascinante da selva apanhada ao vivo!
Uma grandiosa obra, na qual comparticipa uma excepcional equipa de cientistas e biólogos internacionais, com a colaboração dos melhores fotógrafos de todo o mundo!
3.000 páginas a cores. 150 fascículos. 10 volumes.
A mais apaixonante e amena leitura e o rigoroso testemunho do reino animal.
Participe todas as semanas neste safari único... inigualável!

a fauna uma edição portuguesa à venda em toda a parte.

Com a compra do 1.º fascículo receberá grátis o 2.º fascículo.

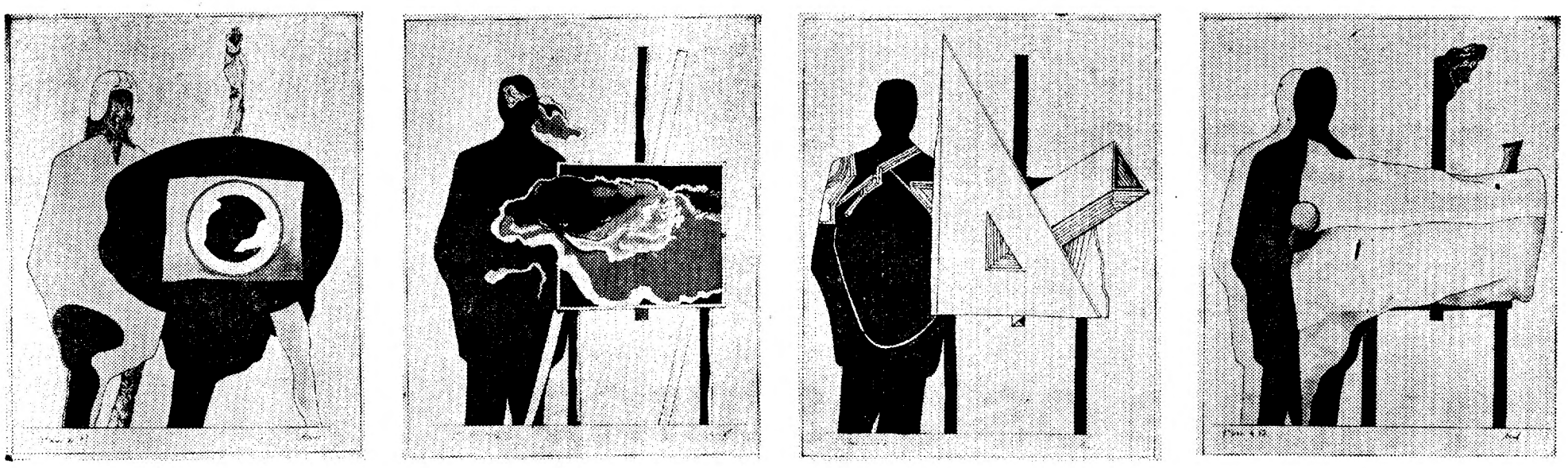


compre hoje e apenas por 15.00
todas as 4ª feiras



a fauna uma publicação alfa

todo o esplendor e o mistério da selva a um canto da sua sala!



O COLECCIONADOR

Artes Visuais

Por ROCHA DE SOUSA

EXERCÍCIO DIDACTICO: ao acentuar-se como aspecto incoerente a relação actualmente existente entre os autores que atacam e a sociedade de quem dependem alimentarmente, esquece-se que a trama de correlações sociais é de facto colectivizadora e que, qualquer que seja a sua intensidade alienatória, se constitui em normas restritivas dos actos directos e pessoais—normas que neutralizam como fronteira o campo da intervenção não-normativa. Isto, aliás, é bem característica do optimismo unificador que, como ideia de progresso, já foi definido há muito tempo nos termos de «humanização da natureza». — Antitèticamente, é de crer que na subordinação às relações normativas (em que se degradam autores) existe mais que tudo não um mercado, sequer ideológico, mas o caso da imediata subsistência biológica. Se leões e águias e lobos e raposas possuissem normas colectivistas de retribuição neutralizadas, usariam moeda ou uma norma de intercâmbio de valor, não empregariam as garras e os dentes, e estariam obrigados a maior imaginação ao serviço das mesmas finalidades. A solidariedade que aos autores despertam os agressores antinormativos (autores: desde Sade a Miller, desde Calígula a Nietzsche), e simultâneamente o desdém pelos agressores normativos que têm feição jurídica e institucional, filia-se na imaginação revolucionária que configura o poder da contradição como acréscimo duma liberdade implacável. Neste ponto de vista não há armas em desuso — tudo é instrumento para afectar todos os recessos da realidade normativa. Não olvidar que contra a tradição o veneno resulta tão bem como a carnificina. Mas é menos espectacular e deliciosamente privado. Também não presta para demogogia. (1)

ANTÓNIO AREAL

ANTÓNIO AREAL
Galeria S. Mamede

ANTÓNIO AREAL, na Galeria S. Mamede, é António Areal — outro e ao mesmo tempo António Areal ele—mesmo. Já se sabia: as contradições também contam. Ou contam sobretudo, neste autor que é multifacetado para atingir, como se o não fosse, um objectivo de intervenção. Intervenção foi a sua última «exposição» na Galeria Buchholz e intervenção continua a ser, contraditòriamente de outro modo esta «exposição» — exposição na Galeria S. Mamede. O próprio local é bem escolhido (ou bem aceite pelo autor) para o exercício desta lucidez temperada pelo *veneno* aparentemente discreta por não recorrer ao espectáculo de uma contestação tempestuosa.

Já se sabe que António Areal não é bem recebido como autor-autor, o que, estando errado nas razões que a tal juízo conduzem, está certo quanto ao que António Areal efectivamente é: um não-autor de aparências e ilusões respeitantes aos factos estéticos, mas um autor para «o nível da intervenção ética — uma moral prática, uma socialidade da vivência». Nesse sentido, ele não teme as contradições do processo («não há armas em desuso») e repensa a acção conforme as circunstâncias que podem motivar o discurso. «Quando radicalizo mais um momento do meu desinteresse pelos valores directamente estéticos», escreveu desta vez, «logo em seguida reencontro grande parte dum formulário (ou uma formulação) que aparentemente caracteriza o oposto do que me interessava. Descubro então que se me apresenta exercer-se a própria pintura (por exemplo), desvinculada do regime artístico, numa região talvez mais profunda: uma verdadeira zona de pesquisa em que todos os resultados têm que ser interpretados. Uma simbólica generalizada é de facto uma experiência virtual de teor predominantemente colectivo; a pintura deste modo entendida mostra-se crítica da autenticidade — e a autenticidade da contradição é o agravamento do efémero e é a desocultação para além das rotinas».

Todo o acto de intervenção é efémero em si mesmo. A coerência da forma que reveste, ao repetir-se, pode sucessivamente integrar uma rotina e a breve trecho retirar-lhe o imprevisto e a força de que necessita. Tal coerência não é impossível, mas é mais fácil que a forma e a fórmula que pressupõe se sobreponham ao espírito e aos fins últimos da intervenção. António Areal prefere recusar a aceitação daí decorrente para isolar, sob novas formas contraditórias, o acto afirmativo. É claro que ele está consciente de que esse acto também é passivo de absorção, esteticizável e consumível, e por isso o impõe brutalmente antes que lhe atribuam um novo significado, ou seja: antes que lhe roubem a sua verdadeira extensão e a sua verdadeira trajectória. A trajectória é (e reconhece-se) curta, apontada ao lugar e às pessoas, mas a verdadeira eficácia do seu significado situa-se de facto *antes* do momento em que o objecto se detém, se petrifica, se integra na sociedade e passa a pertencer a uma outra categoria de fenómenos.

Areal: capa do catálogo; em cima: 4 desenhos d'o laboratório pictural

O COLECCIONADOR

Recorrendo à história dos factos artísticos, portanto dos objectos já integrados no património das sociedades ou assimilados para uma permanência que os abstractiza e caricaturiza, António Areal procede a uma viagem crítica que denuncia a heterogeneidade (e as contradições) dos modos, das experiências, das convicções convenções e dogmas das irònicamente chamadas belas-artes. A silhueta do Coleccionador tem aí um duplo papel, de referência simbólica e de método. Num certo sentido, ela pode representar a sociedade assimiladora e consumidora, que resiste à sucessão dos novos factos artísticos mas que acaba por colecioná-los a todos, como borboletas ou caixas de fósforos, num feiticismo que aliena o significado intrínseco dos objectos respectivos. Num outro sentido, a silhueta normalizada do Coleccionador, junto da mesa definidora do seu habitat burguês, serve todo um método de representação em que o que conta não é o quadro em si mesmo, mas a trajectória em extensão de todos os quadros, com o seu corrosivo levantamento das *preciosidades* sepultadas na história.

Os catorze quadros desta série, embalados a preceito, isto é, na sujestão da *nobreza* que contêm para o Coleccionador, encerram um vasto e variadíssimo repositório de obras do passado e de obras contemporâneas, obstruindo o espaço disponível de uma galeria imaginária Galeria ou também museu, recinto onde as acções se institucionalizam, petrificadas para um tempo que já não lhes pertence, de súbito esvaziadas das suas motivações e da sua verdade, e por fim reinventadas à face de uma fruição estética que encerra novos pressupostos — os do Coleccionador omnipresente, os da mistura e trituração dos valores, os da sociedade turisticamente interessada e economicamente atenta. António Areal transige com a representação das obras conhecidas até onde elas se podem reconhecer, caracterizando alguns dos seus aspectos fundamentais e ironizando o seu conteúdo estético imediato. As confrontações são constantes, de tempos, de modos e escolas, assentando numa segregação por vezes violenta que isola os objectos num novo contexto e lhes retira o apoio da realidade ou realidades a que se referem. A técnica de representação, ostensiva e deliberadamente imperfeita, impede o espectador de se alienar na leitura de ilusórias imitações ou de se reconhecer apenas culturalmente ilus-

Cont. na pág. 6

AUGUSTO ABELAIRA
AS BOAS INTENÇÕES
Colecção Autores Portugueses
45$00
2.ª edição, acrescida das Palavras de Agradecimento à Academia pela atribuição do
Prémio RICARDO MALHEIROS
uma edição
LIVRARIA BERTRAND
APARTADO 37 — AMADORA